Elisabete Teixeira Moreira

PRAÇAS ANTIGAS, INTERVENÇOES RECENTES
Casa do Jazz, Largo Actor Dias

Trabalho realizado sob orientação do

Professora Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias

Outubro 2020

Elisabete Moreira **Praças Antigas, Intervenções Recentes**

ULP | 2020

www.ulp.pt

Elisabete Teixeira Moreira

PRAÇAS ANTIGAS, INTERVENÇÕES RECENTES
Casa do Jazz, Largo Actor Dias

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação defendida em Provas Públicas na Universidade Lusófona do Porto no dia 18 de Janeiro de 2021 perante o júri seguinte:
Presidente: Prof. Doutor Pedro Francisco Fernandes da Silva Maia
Arguente: Prof. Doutor Guilherme Lago Guimarães Machado Vaz
Orientadora: Prof.ª Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias

Outubro 2020

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer a todos os docentes que de alguma forma contribuíram para o meu percurso académico e, em particular, à orientadora Professora Doutora Isabel Maria da Cruz Batista Matias pela sua disponibilidade, orientação e dedicação.

Quero também agradecer ao meu Pai, à minha Mãe e Irmã por todo o apoio emocional e por todo o esforço financeiro feito ao longo destes cinco anos, sem eles não seria possível concretizar este objectivo e sonho.

Agradeço ao meu namorado pelo apoio, paciência, amor e carinho durante este último ano, por me motivar a continuar e a não desistir.

Agradeço igualmente a todos os meus colegas de curso com quem tive o privilégio de partilhar estes cinco anos de árduo trabalho e dedicação. Em especial quero agradecer à minha colega e amiga Sara Magalhães pela ajuda, apoio e dedicação ao longo destes anos, uma vez que sem ela não seria possível ultrapassar muitas destas dificuldades.

Agradeço de igual forma a todos os que não referi e que, de certa forma, ajudaram no meu processo académico e na realização desta dissertação.

A todos, MUITO OBRIGADA.

"De tudo ficaram três coisas...
A certeza de que estamos começando...
A certeza de que é preciso continuar...
A certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar...

Façamos da interrupção um caminho novo...
Da queda, um passo de dança...
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!"

Fernando Sabino[1]

[1] **Sabino, F.** T. (1988). *O Encontro Marcado.* Rio de Janeiro: Record. Pág. 150

Resumo

Tendo como ponto de partida o estudo do Espaço Público, a presente da dissertação debruça-se, fundamentalmente, sobre a tipologia da praça. Este tema surge na necessidade de obter resposta e contributos a incluir na intervenção realizada no Largo Actor Dias que foi desenvolvida na unidade curricular de projecto.

Na elaboração da dissertação foi investigado o tema seleccionado e que constitui o corpo teórico conceptual, tendo ainda para o efeito sido o mesmo enquadrado e relacionado com o local de intervenção. Para o efeito, estudámos o desenvolvimento e a evolução urbana da ara de intervenção através da revisão bibliográfica e analisámos projectos congéneres, sob a forma de casos de estudo, tendo retirado dos mesmos informações e efectuando algumas conclusões sobre a forma de investigar.

A estrutura da dissertação foi desenvolvida num primeiro momento por uma parte teórica e seguidamente por uma parte pratica. Em relação à parte teórica foi abordado a evolução dos conceitos do Espaço Público, analisando diferentes abordagens de diversos autores. Seguidamente foi analisado a evolução urbana da cidade do Porto, dando maior destaque à época contemporânea até a actualidade. Para melhor compreensão da área de intervenção, é igualmente, realizada uma análise mais aprofundada do local.

Num segundo momento, a parte prática é realizado a análise de casos de estudo, na cidade do Porto, analisando os projectos de cada arquitecto compreendendo as soluções encontradas para as diferentes problemáticas. Com a análise dos estudos de casos conclui que é possível requalificar os espaços públicos, adequando-os às funções sociais atuais de vivência urbana, mantendo as suas caraterísticas e funções centrais na cidade.

Por último, é apresentada a proposta de intervenção juntamente com as decisões tomadas que foram influenciadas pelos casos de estudo. A proposta de intervenção teve influência directa nos seguintes casos de estudo: Praça de Carlos Alberto, à sua semelhança mantendo geometria original; e a Praça de D. João I com a utilização de uma escadaria de forma a solucionar a diferença de cotas.

Em conclusão, o processo de desenvolvimento das opções realizadas no projecto de requalificação do espaço urbano teve a influência dos casos de estudo ao nível da forma de equacionar o projeto do ponto de vista da sua funcionalidade e do seu desenho considerando aos seguintes aspectos: fisionomia original, desmaterialização do muro e solucionar as cotas diferenciadas na forma de equacionar e solucionar os problemas encontrados ao longo do processo de criação da proposta final.

Palavra-chave:

Espaço Público, Praça, Requalificação, Reabilitação, Projecto

Abstract

Taking as a starting point the study of the Public Space, the present dissertation focuses, fundamentally, on the typology of the square. This theme arises in the need to obtain an answer and contributions to include in the intervention carried out in Largo Actor Dias that was developed in the project curricular unit.

In the elaboration of the dissertation, the selected theme was investigated, which constitutes the conceptual theoretical body, and for that purpose it was also framed and related to the place of intervention. For this purpose, we studied the development and urban evolution of the intervention area through a bibliographic review and analyzed similar projects, in the form of case studies, having extracted the same information and carrying out some information on how to investigate.

The structure of the dissertation was initially developed by a theoretical part and then by a practical part. Regarding the theoretical part, the evolution of the concepts of the Public Space was approached, analyzing different approaches by different authors. Then, the urban evolution of the city of Porto was analyzed, giving greater prominence to the contemporary era until today. For a better understanding of the intervention area, a more in-depth analysis of the site is also carried out.

In a second step, the practical part is carried out the analysis of case studies, in the city of Porto, analyzing the projects of each architect, understanding the solutions found for the different problems. With the analysis of the case studies, it concludes that it is possible to requalify public spaces, adapting them to the current social functions of urban living, maintaining their central characteristics and functions in the city.

Finally, the intervention proposal is presented together with the decisions taken that were influenced by the case studies. The intervention proposal had a direct influence on the following case studies: Praça de Carlos Alberto, similarly maintaining original geometry; and D. João I Square with the use of a staircase in order to solve the difference in quotas.

In conclusion, the process of developing the options carried out in the urban space requalification project had the influence of the case studies in terms of how to equate the project from the point of view of its functionality and design considering the following aspects: original physiognomy , dematerialization of the wall and solving the differentiated quotas in the way of equating and solving the problems found during the process of creating the final proposal.

Keywords:

Public Space, Plaza, Requalification, Rehabilitation, Project

Índice

Agradecimentos III
Resumo V
Abstract VII
Índice IX
Índice de Figuras XI

Capítulo I 1
1.1 Introdução 1
1.2 Objectivos 1
1.3 Metodologia de trabalho 2

Capítulo II – Evolução dos Conceitos do Espaço Público 5
2.1 Conceitos 5
2.1.1 Espaço Público e Praça 5
2.1.2 Reabilitação e Requalificação Urbana 7
2.2 Estado da Arte 9

Capítulo III – Desenvolvimento Urbano da Cidade do Porto 13
3.1 Evolução Urbana do Porto 13
3.2 Evolução da Área de Intervenção 24

Capítulo IV – Casos de Estudo 27
4.1 Introdução 27
4.2 Praça de Carlos Alberto 34
4.3 Praça de Lisboa 41
4.4 Praça de D. João I 52

Capítulo V – A Intervenção no Largo Actor Dias 63
5.1 Área de Intervenção 63

5.2 O Programa 63
5.3 O Projecto 65
5.3.1 O Edifício 65
5.3.2 O Largo Actor Dias 67

Capítulo VI – Conclusão.....71
6.1 Considerações Finais 71

Referências Bibliográficas.....79
Índice de Anexos.....81
Anexos.....83

Índice de Figuras

Fig. 1 - Cerca Velha ou Românica....13
Fig. 2 - Planta do Porto Medieval, século XV....14
Fig. 3 - Muralha Fernandina....15
Fig. 4 - Planta Redonda, George Back, 1813....17
Fig. 5 - Planta do Porto, Perry Vidal, 1865....18
Fig. 6 - Planta de expropriações do Projecto de Construção do viaduto, 1965....19
Fig. 7 - Planta do Projecto de Prolongamento da Rua Duque de Loulé, 1965....20
Fig. 8 - Planta da Proposta do Plano, Arq. Adalberto Dias, 1997....21
Fig. 9 - Axonometria do Proposta do Plano, Arq. Adalberto Dias, 1997....22
Fig. 10 - Modelo Prévio da base Programática do Plano, 2018....23
Fig. 11 - Planta do centro histórico do Porto....24
Fig. 12 - Largo Actor Dias - Antigo Largo da Polícia....25
Fig. 13 - Largo Actor Dias....26
Fig. 14 - Largo Actor Dias....26
Fig. 15 - Praça de D. João I....28
Fig. 16 - Praça do Infante D. Henrique....29
Fig. 17 - Largo Santo Ildefonso....30
Fig. 18 - Praça de Carlos Alberto....31
Fig. 19 - Praça de Lisboa....32
Fig. 20 - Praça de D. João I; Praça de Carlos Alberto; Praça de Lisboa....33
Fig. 21 - Extracto da Planta Topográfica da cidade do Porto, Largo dos Ferradores, 1849....34
Fig. 22 - Extracto da Planta de José Francisco de Paiva, Largo dos Ferradores, 1824....35
Fig. 23 - Planta Topográfica do Porto *(235)*, Telles Ferreira, 1892....36
Fig. 24 - Planta Topográfica do Porto (*256*), Telles Ferreira, 1892....36
Fig. 25 - Praça de Carlos Alberto....37
Fig. 26 - Planta da Proposta de Intervenção, Arq. Virgínio Moutinho, 2001....38
Fig. 27 - Planta da Proposta de Intervenção, Arq. Manuel Magalhães, 2001....39
Fig. 28 - Extracto da Planta da Cidade do Porto, Praça do Anjo, 1892....41
Fig. 29 - Planta da Praça do Anjo, autor desconhecido, 1892....42
Fig. 30 - Planta Superior do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905....43
Fig. 31 - Planta Inferior do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905....43
Fig. 32 - Fachada e Cortes do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905....44

Fig. 33 - Planta de Implantação da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....45
Fig. 34 - Planta de Cobertura da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....46
Fig. 35 - Planta de Piso 0 da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....47
Fig. 36 - Planta de Piso -1 da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....47
Fig. 37 - Alçado pela Rua das Carmelitas, Arq. Balonas & Menano, 2010.....49
Fig. 38 - Alçado pela Rua Dr. Fernando Silva, Arq. Balonas & Menano, 2010.....49
Fig. 39 - Alçado pela Rua S. Filipe de Nery, Arq. Balonas & Menano, 2010.....49
Fig. 40 - Corte pelo Edifício da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....50
Fig. 41 - Corte do Edifício da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010.....50
Fig. 42 - Extracto da Planta da cidade do Porto.....52
Fig. 43 - Planta do Estudo Urbanístico, Arq. Barry Parker, 1916.....53
Fig. 44 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. Arménio Losa, 1939.....54
Fig. 45 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1940.....55
Fig. 46 - Plano de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1944.....56
Fig. 47 - Planta Urbanística Final, Arq. ARS, 1944.....56
Fig. 48 - Esquema Inicial, Arq. ARS, 1948.....58
Fig. 49 - Esquema Final, Arq. ARS, 1948.....58
Fig. 50 - Desenho Primitivo, Arq. ARS, 1948.....59
Fig. 51 - Desenho da Solução Adoptada, Arq. ARS, 1948.....59
Fig. 52 - Desenho da rosa-dos-ventos rodeada dos símbolos do zodíaco.....60
Fig. 53 - Estátuas dos Pedestais da praça através de fotografia.....60
Fig. 54 - Fotografia da Praça de D. João I, 1973.....61
Fig. 55 - Quadro programático e de áreas para a elaboração do projecto.....64
Fig. 56 - Plantas da estrutura, proposta final.....66
Fig. 57 - Planta actual do Largo Actor Dias.....67
Fig. 58 - Proposta de Intervenção da Praça.....68
Fig. 59 - Detalhe construtivo, ciclovia e rua.....69
Fig. 60 - Detalhe construtivo, praça e rua.....70
Fig. 61 - Planta da Proposta do Largo Actor Dias.....72
Fig. 62 - Perfil da Proposta do Largo Actor Dias.....72
Fig. 63 - Corte da Proposta do Largo Actor Dias.....72
Fig. 64 - Planta de Proposta do Largo Actor Dias.....74
Fig. 65 - Perfil da Proposta do Largo Actor Dias.....74
Fig. 66 - Planta da Proposta do Largo Actor Dias.....75

Fig. 67 - Planta Final da Proposta do Largo Actor Dias.....76
Fig. 68 - Perfil da Proposta Final do Largo Actor Dias 76
Fig. 69 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias.....77
Fig. 70 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias.....77
Fig. 71 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias.....77

Capítulo I

1.1 Introdução

A presente dissertação analisa o conceito de espaço urbano tendo em conta a praça como origem do desenvolvimento do projecto. Deste modo, tivemos como pretexto a elaboração do projecto de uma Habitação e a consequente requalificação do Largo Actor Dias, localizada no centro histórico da cidade do Porto.

Para realizar uma proposta de um projecto referente a um edifício e a requalificação de um espaço público que corresponda a todas as necessidades do local onde será feita a intervenção é imprescindível compreender a evolução urbana da cidade do Porto, mas também a evolução da Área de Intervenção.

De modo a obter um trabalho completo e que auxilie as decisões tomadas é fundamental complementar este estudo com variados objectivos essenciais: aprofundando conceitos nas diferentes perspectivas, desenvolvendo a análise dos diferentes casos de estudo de forma a aplicar as soluções encontradas no projecto final correspondente à unidade curricular de projecto 5.1/5.2. Deste modo o estudo mais aprofundado centra-se na época moderna e contemporânea, no final do século XIX, período em que as cidades sofreram grandes transformações com a evolução da concepção de modo de vivência urbana.

1.2 Objectivos

Na presente dissertação pretende-se abordar aspectos relativos à concepção de uma solução projectual/arquitectónica que fundamentem o projecto de requalificação de um espaço público, neste caso o Largo Actor Dias, de modo a criar soluções para as necessidades da população, quer sejam de permanência ou pontual, foi necessário estudar os problemas existentes, por forma a permitir que o projecto possibilite uma melhor vivência do local.

Para o efeito consideramos importante compreender o crescimento e desenvolvimento urbano da cidade do Porto começando pelo enquadramento histórico da cidade, breve e sistematizado, fundamentalmente sobre a época contemporânea até a actualidade. Deste modo, permitirá compreender o desenvolvimento urbano da zona da área de intervenção fazendo assim um estudo mais aprofundado neste ponto.

Foi nosso objectivo estudar diversos projectos de intervenção, tendo para o efeito realizado uma análise a cinco casos de estudo que permitiram estudar as diferentes soluções de cada arquitecto. Através desta análise foi possível encontrar soluções mais adequadas aos problemas identificados no projecto e, desta forma, contribuir para a solução final apresentada.

1.3 Metodologia de trabalho

A metodologia de trabalho centrou-se, fundamentalmente, na pesquisa de informação diversa através da consulta de diferentes análises realizadas, como o estado da arte, a evolução urbana e os casos de estudo.

Deste modo, na pesquisa efetuada consultamos o Arquivo Municipal do Porto e as seguintes bibliotecas: Biblioteca da Faculdade de Arquitectura do Porto; Biblioteca da Universidade Lusófona do Porto e a Biblioteca Municipal de Penafiel.

Durante a pesquisa foram consultadas publicações como: "*As Praças da Cidade Do Porto*"[2] de Magda A. Barbosa, onde aborda o tema da praça e faz a sua contextualização na cidade europeia, na cidade portuguesa e na cidade do Porto finalizando com um conjunto de espaços emblemáticos na cidade onde faz uma análise aprofundada de cada espaço; "*Porto 2001: regresso à Baixa*"[3] onde é apresentando uma série de concursos que visa o melhoramento da Baixa do Porto; "*Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea*"[4] de Maria Madalena F. P. da Silva define a praça em várias categorias explicando a sua função e demonstrando exemplos por todo país; "*Centro histórico do Porto: dar futuro ao nosso passado*"[5] de José G. Fernandes, aborda a evolução da cidade urbana do Porto dando especial destaque ao centro histórico do Porto; "*A cidade através da praça. Da cidade mercantil à cidade moderna*"[6] de Isabel M. C. B. Matias, aborda as principais fases das cidades de forma cronológica permitindo compreender a evolução história e analisa espaços públicos na cidade do Porto correspondendo a cada um dos períodos. Estes livros entre outros ajudaram na elaboração de esquemas e resumos de forma a obter informação crucial para o desenvolvimento do enquadramento histórico tanto no centro histórico do Porto como na área de intervenção.

Recorremos à análise de casos de estudo, onde a selecção resulta da escolha de cinco casos de estudos que têm em comum o facto de serem intervenções recentes. Após esta selecção inicial, foram analisados mais aprofundadamente, três casos de estudo, contribuindo com aspectos essenciais para a realização do projecto de Reabilitação Urbana realizado na unidade curricular de projecto 5.1/5.2.

Para a pesquisa feita relacionada com os casos de estudo foram consultados as seguintes publicações: "Praça de Carlos Alberto"[7] de Júlio Couto, onde aborda o evoluir da praça,

[2] **Barbosa, M. A**. (2002). *As praças da Cidade do Porto.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
[3] **FAUP**. (2001). *Porto 2001: regresso à baixa.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
[4] **Silva, M. M**. (2009). *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
[5] **Fernandes, J. G.** (1983). *Centro histórico do Porto: dar futuro ao nosso passado.* Porto: Associação dos jornalistas e homens de Letras do Porto.
[6] **Matias, I. M.** (2001). *A cidade através da praça. Da cidade mercantil á cidade moderna.* Porto.
[7] **Couto, J.** (2003). Praça de Carlos Alberto. Porto: Livraria Vieira.

contextualizando no tempo e espaço; "A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'[8] é um livro que demonstra toda a evolução do local devidamente documentada e ilustrada com o seu progresso histórico; "Análise morfológica de alguns espaços públicos: Cidade do Porto 1910-1974" [9] de Helena C. Henriques, aborda variadas praças nomeadamente as escolhidas para os casos de estudo, onde elabora uma contextualização de cada local, leitura e estrutura espacial e as actividades exercidas terminado com a conclusão de cada análise.

Após obtida a informação reunida foi essencial tratar e dividir toda a informação de forma a responder a todas as necessidades criadas ao logo da dissertação, deste modo consegue-se criar uma solução lógica para a elaboração do objectivo final obtendo a resposta à problemática, conseguindo assim a argumentação essencial para a Proposta para a Área de Intervenção, resultando como conclusão do estudo.

Em conclusão do trabalho e depois das devidas reflexões e conhecimentos adquiridos ao longo da dissertação o último capítulo será dedicado a demostrar as soluções encontradas e a justifica-las tendo em conta os projectos estudados, permitindo demonstrar todas as decisões tomadas ao longo do projecto de Requalificação urbana do Largo Actor Dias e de que forma estas decisões beneficiam a população que usufruirá deste local.

[8] **Arquitectos, A.** (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto

[9] **Henriques, H. C.** (2012). Análise morfológica de alguns espaços públicos: Cidade do Porto 1910-1974. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Capítulo II – Evolução dos Conceitos do Espaço Público

2.1 Conceitos

Para uma melhor compressão do tema desta dissertação, foi necessário recorrer à definição de alguns conceitos, recorrendo a diversas opiniões e à evolução dos conceitos ao longo da história. Para obter esta informação foram analisadas publicações de diversos autores incluindo dissertações e alguns artigos.

No presente capítulo desenvolvemos abordagens aos seguintes conceitos de Espaço Público; Praça; Reabilitação Urbana e Requalificação Urbana.

2.1.1 Espaço Público e Praça

"Inicialmente a noção de espaço público é o local onde se realizavam as reuniões em volta da fogueira, e se comiam os animais que se caçavam em conjunto, numa relação estreita entre o homem e o meio ambiente; (…). E estes momentos são importantes na medida em que traduzem a própria evolução do homem como ser humano, (…)."[10]

A noção de espaço público sofreu ao longo do tempo grandes alterações desde a época acima referida, é caracterizada pela pequena relação entre a Natureza e o Homem. Actualmente, sendo, igualmente um espaço de convívio e de vivência conjunta, ou seja de sociabilização tem, contudo abordagens diferentes.

Ao longo do tempo foi tendo vários conceitos onde as diferenças então relacionadas com a função desse espaço, variando com as características funcionais ou com o desenvolvimento da cidade respectiva a cada época. Actualmente o conceito de Espaço Público deixou de ser apenas ruas e praças que estão presentes no tecido urbano, passando a estar relacionados com outras tipologias principalmente: largo, praça, jardim e parque, desta forma pode-se referir que no presente este conceito está interligado com os cheios e vazios de uma cidade. Assim sendo a função de um Espaço Público também teve a sua evolução, sendo que na cidade da antiguidade clássica eram designados como *ágora* e *fórum* tendo como principais funções actividades colectivas. Actualmente esta função é realizada, na sua maioria, em espaços fechados, permitindo que o espaço público adquira a função de lazer, definindo assim as tipologias acima referidas.

O espaço urbano é definido por Rob Krier, como um espaço delimitado entre construções e ruas. Visto como um espaço aberto e desobstruido para o movimento de ar livre, nas zonas públicas, semi-públicas e/ou privadas (Krier, 1979, p.15-22).

[10] **Barbosa, M. A.** (2002). *As praças da cidade do Porto.* Porto: Faup. Págs 18/19

Para além de Rob Krier, existem outros autores que estudaram e analisaram o conceito de espaço público, salientando os estudos de Pierre Von Meiss em "*Elements of architecture, from form to place"*[11] o autor define o conceito com vários elementos que interferem na forma como se envolve o espaço, dando como exemplos: hierarquia, alinhamentos, orientação, entre outros; Allan Jacobs em "*Great Street*"[12] a autora tenta encontrar elementos que ajudem a ter um bom espaço público limitando o estudo aos espaços de circulação, definindo assim algumas características como: capacidade de andar a várias formas (caminhar, passear, correr); condições climáticas do local; marcação clara do início e fim do espaço público, entre outros. Em relação ao quadro nacional temos o estudo de Magda Barbosa em "*As praças da Cidade do Porto*"[13], que analisa várias praças na cidade do Porto, sendo que o seu conceito de praça é mais abrangente uma vez que insere nestes espaços públicos outras tipologias para além da praça como é o caso dos largos, pracetas, jardins e avenidas. Este estudo tem como pontos essenciais: a história do local, a função e a sua forma.

"*praças e largos, são espaços de encontro e lazer dos transeuntes, são locais de escape dentro do contexto urbano, onde proporcionar o bem-estar dos indivíduos é o principal objectivo. Para tal, o mobiliário e os equipamentos urbanos como bancos, iluminação, fontes, coberto vegetal, sombreamento são indispensáveis para atraírem a população e garantirem conforto no espaço público*;"[14]

A noção de praça, segundo o autor José Lamas no livro *"Morfologia Urbana e desenho das Cidades"* nas cidades islâmicas as praças não existem, quanto muito surgem como o cruzamento de ruas que na sua união reproduzem uma zona mais larga. Este aspecto tem a ver com a abordagem ao espaço público nas diferentes culturas.

A praça presume a existência de uma vontade aliada ao desenho da forma e de um programa, ou seja, a função. Se considerarmos que a rua é um lugar de circulação e passagem podemos dizer que a praça é um lugar de permanência, de práticas sociais e manifestações de vida comunitária. Por outro lado espaços como terreiros ou largos, (Lamas, 2004), não se podem relacionar com o conceito de praça, uma vez que, são no máximo um alargamentos de rua ou vazios que com o passar do tempo foram apropriados, "*mas nunca adquirem significação igual ao da praça porque não nasceram como tal*."[15] Este elemento que vemos hoje em dia como praça, na verdade só a partir do Renascimento que se integra na estrutura urbana e assume o seu lugar até fazer parte do desenho urbanistico apartir dos séculos XVIII e XIX.

[11] **Meiss, P. V.** (1990). *Elements of architecture, from form to place*. Taylor & Francis LTD
[12] **Jacobs A. B**. (1993) *Great Street.* Mit Press
[13] **Barbosa, M. A.** (2002). *As praças da cidade do Porto.* Porto: Faup.
[14] **Serdoura, F. M**. (2007). As dimensões do espaço urbano público. Lisboa: Artitextos. Pág. 151
[15] **Lamas, J. M.** (2004). *Morfologia urbana e desenho da cidade.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Pág. 102

A forma da praça é variável, tendo várias geometrias como quadrado ou triângulo, podendo ter imensas formas irregulares ou regulares. Esta definição da forma é estudada por Krier (1979) em "*Urban Space*" onde executa um estudo exaustivo de formas geometricas das praças, embora este sintetize num esquema de melhor compreensão.

Na análise direccionado para o estudo das formas da cidade, (Silva, 2009), dá importância ao conceito de praça, demostrando o seu desenvolvimento como praça tradicional e contemporânea e como tem sido a sua evolução. Definindo a praça em diferentes tipologias: praça aberta, praça fechada, praça de transição, praça de centro, praça volume, praça sequencial e a praça portuguesa. Deste modo a autora descreve as diferentes praças a partir do seu morfotipo, classificando-as de acordo com a sua função.

Noutro estudo nacional, (Barbosa, 2002), a autora aborda de maneira diferente a praça estudando todos os tipos de vazios existentes na cidade do Porto. O seu conceito não está apenas centrado na "praça", mas também em outros espaços urbanos ou espaços verdes de utilização colectiva como jardins, pracetas, largos e avenidas. Desta forma a autora encontra diferentes formas de definir as praças distintas das de Maria Silva (2009), sendo as seguintes: praça como elemento de permanecia; elemento de variação funcional e uso; evolução histórica e arquitectónica; praça representativa; praça residência; praça jardim, entre outras definições que a autora define demostrando um exemplo na cidade do Porto.

2.1.2 Reabilitação e Requalificação Urbana

Os conceitos de reabilitação e requalificação urbana estão interligadas, no entanto têm definições diferentes. Estes dois termos estão directamente relacionados com intervenções urbanas em zonas históricas e áreas abandonadas no que diz respeito ao desenvolvimento urbano. Estas noções têm em comum o objectivo de melhorar o tecido urbano e o ambiente social com intervenções em espaços e infra-estruturas públicas e habitações sociais.

"*A reabilitação urbana é um processo de transformação urbana que respeita a imagem global das áreas alterando as condições de uso e habitabilidade, de forma a actualiza-las*."[16]

A reabilitação urbana como refere a citação acima consiste na renovação das qualidades perdidas e a possibilidade do desenvolver de uma cidade. Estas intervenções são executadas em espaços e estruturas públicas de forma a poder concretizar o objectivo de melhorar a malha urbana de uma cidade.

[16] **Moreira, M. d.** (2007). *Requalificação urbana: alguns conceitos básicos.* Lisboa: Artitextos. Pág.118

"O conceito de requalificação urbana abrange as alterações, desenvolvidas de forma integrada, das características de uma área urbana que está em transição devido a um processo de declínio."[17]

A requalificação urbana relaciona-se com a protecção e/ou planificação urbana de equipamentos e infra-estruturas destruídas ou sem função. Tratando os locais residenciais, com novas actividades correspondendo às necessidades de cada contexto urbano.

Em conclusão a reabilitação está relacionado com o edificado enquanto a requalificação está interligada preferencialmente com o espaço público. Como se pode constatar que todos estes conceitos, acima referidos, acabam por estar, de uma maneira ou de outra, relacionados.

[17]**Moreira, M. d.** (2007). *Requalificação urbana: alguns conceitos básicos.* Lisboa: Artitextos..Pág.120

2.2 Estado da Arte

O presente subcapítulo refere-se a uma revisão da bibliografia sobre os conceitos estudados e os casos de estudo que se encontram definidos no capítulo IV, para este efeito foi necessário recorrer a informação publicada em livros, revistas e artigos. Deste modo consegue-se demonstrar os vários pontos de vista de diferentes autores e seus estudos relacionados com os conceitos referidos no tópico anterior.

O espaço urbano no contexto nacional teve a sua repercusssão através do arquiteto Fernando Távora nos ano 70, onde faz investigação e estudo, criando peças desenhadas e escritas, no entanto nem todas as peças foram reproduzidas. No livro "*Da organização do espaço*" de Távora (1999) o arquiteto mostra aspectos gerais da organização espacial, dando especial destaque ao caso do espaço comtemporâneo português tanto na arquitetura como no urbanismo, sendo este um tema importante na altura que passou ao longo dos tempos até hoje, sendo que hoje em dia este tema é fulcral para a organização e harmonia dos espaços.

Tal como Távora expressa na sua escrita a arquitetura é relevante e tem a capacidade de revalidar uma cidade mal projectada, deste modo o arquiteteto consegue transmitir as dimensões arquitetónicas do espaço para a organização de uma cidade ou de um território.

Noutra perpetiva de espaço público e segundo o arquiteto Pedro Brandão, defende-se que o espaço público deve ter uma utilidade e que este pode ter várias funções, sendo um espaço polivalente em que as funções no espaço se cruzem, possibilitanto a visita de diferentes utilizadores do espaço em curtos períodos de tempo. Defendendo que o espaço público não deve seguir um protótipo de forma para não reproduzir espaços público todos iguais.[18]

Outro estudo no panorama nacional realizado por Francisco Serdoura, este observa alguns dos principais aspectos do espaço público urbano, focando em aspectos morfológicos, funcionais, ambientais e sociais. Desta forma o autor relaciona a configuração da praça com as vivências do espaço público que são preocupações determinantes para a elaboração do desenho da cidade no geral e do espaço público em específico (Serdoura F. M., 2007). Numa invertigação mais aprofundada temos, do mesmo autor, "*Espaço Público, vida pública*" (Serdoura F. M., 2006), utilizando um caso de estudo para desenvolver o conceito de espaço público, desmostrando um exemplo de uma área reconhecida como um "*território socialmente vivo*[19]" com uma vertente de espaço público polivalente.

[18] **Brandão, P**. (16 de Maio de 2018). Espaço Público Urbano. (TSF, Entrevistador)
[19] **Serdoura, F. M.** (2006). *Espaço público, vida pública - o caso do parque das nações.* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. Pág. 13

No seguimento de estudos e invetigações sobre espaço público temos a autora Maria Moreira que no seu artigo "*Requalificação Urbana – Alguns Conceitos Básicos*"[20] desmostra a evolução de uma série de conceitos, como requalificação e reabilitação urbana, explicando as ideias principais e como muitas vezes estas são mal aplicadas. Apresentando de que forma estes processos têm sido utilizados durante a evolução do espaço urbano.

O mais recente estudo deste conceito encontra-se na invertigação de Magda Barbosa, "*As Praças da Cidade do Porto*"[21], foca-se no espaço público definindo o conceito de praça, objectivo da presente dissertação, exemplificando através de diversas tipologias de praças conhecidas, dando noções simples acompanhadas de um exemplo da cidade do Porto. Neste estudo a autora analisa diversas praças das quais inclui outros espaços públicos, utilizando o conceito de praça não só como um espaço amplo e de vivências mas também como vazios da cidade para complementar o seu conceito.

Assimilando a evolução urbana da cidade e dos conceitos, sucede a análise de casos de estudo relativos com o tema da dissertação "As Praças Antigas e Intervenções Recentes", pretende-se explicar o conceito da proposta elaborada ao longo da unidade curricular de Projecto 5.1/5.2. Depois da pesquisa realizada optou-se, inicialmente, por cinco casos de estudo dos quais apenas três foram eleitos. Para a seleção deste casos de estudo teve-se em consideração as potencialidades dos locais juntamente com o nível de informação disponível de modo a conseguir uma boa análise em cada um deles.

Relativamente ao caso de estudo da Praça de Carlos Alberto, a informação existente é baseada em estudos realizados e em alguns livros. Parte da informação obtida e tratada foi retirada do livro de Couto (2003), onde documenta e demonstra o desenvolimento do espaço público apresentando algumas peças desenhadas e fotograficas. O estudo de Vaz (2014) igualmente importante, estuda de modo mais simples as funcionalidaes do espaço urbano e os seus acessos e ligações. Para além das fontes principais foram utilizadas fontes secundárias que ajudaram na assimilação da evolução do espaço urbano recorrendo a peças desenhadas e fotografias de forma a ilustrar todo o conhecimento obtido.

No que diz respeito ao caso de estudo da Praça de Lisboa, a informação é baseada em informação existente em estudos realizados e em artigos encontrados em *websites*. Parte da informação foi retirada do trabalho de pesquisa de Barbosa (2002), onde faz uma pequena abordagem sobre o local especificando o tipo de praça existente. Outro estudo igualmente importante Gandra (2018) onde faz um estudo mais aprofundado sobre o espaço público em

[20] **Moreira, M. d**. (Dezembro de 2007). Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. *Artitextos, N.º 5*
[21] **Barbosa, M. A.** (2002). *As praças da cidade do Porto.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

questão. No que diz respeito a peças desenhadas e à história do local recorreu-se ao Arquivo Municipal do Porto e ao *Website* "*Architezer*". Para além das fontes principais foram utilizadas fontes secundárias que ajudaram na compreensão da evolução da praça recorrendo às peças desenhadas e fotografias de forma a ilustrar toda a informação obtida.

Por fim, no que diz respeito ao caso de estudo da Praça de D. João I, toda a informação obtida tem como base livros e documentos encontrados em *websites*. No estudo de Henriques (2012) a informação obtida demonstra a evolução histórica do local, a sua legislação e a estrutura e leitura espacial, acompanhada de várias peças desenhadas importantes para a compreensão do espaço urbano. No livro dos ARS arquitectos (1951) encontra-se informação importante no que diz respeito à evolução da praça com variadas peças desenhadas de modo a ilustrar as peças escritas. Para além destas fontes principais, foram recolhidas outras fontes secundárias que permitiram ilustrar e documentar melhor este caso de estudo.

De forma geral, a informação em termos de quantidade é escassa no entanto existem fontes principais que dispões de bastante informação permitindo assim a elaboração dos casos de estudos de forma mais aprofundadas.

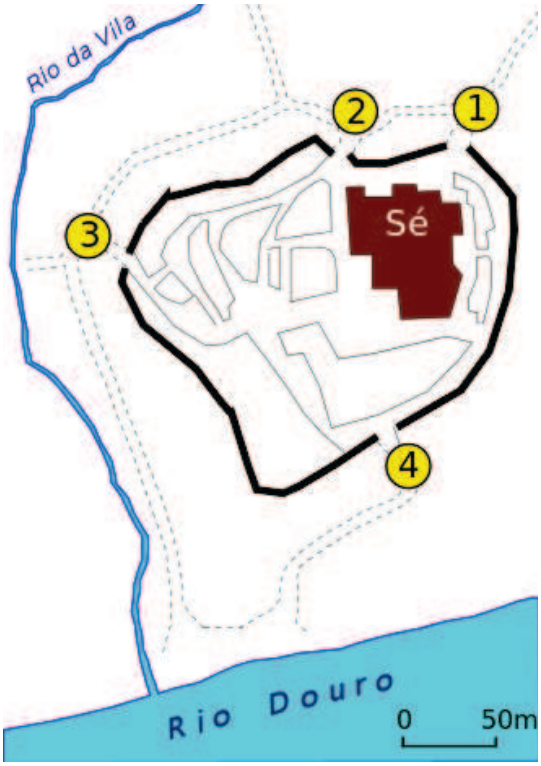
Capítulo III – Desenvolvimento Urbano da Cidade do Porto

3.1 Evolução Urbana do Porto

De forma a compreender o local de intervenção é necessário realizar o estudo do desenvolvimento urbano e da evolução urbana da Cidade. Para isso foi necessário recorrer a livros de história com estudos diferenciados elaborados por autores diferentes e a cartografias, tendo como objectivo identificar os diferentes períodos de evolução da cidade.

Do povoado original, sabe-se que tem origem pré-romana e localiza-se na margem esquerda do Douro, na base do morro da Pena Ventosa. Esta localização deve-se ao facto da plataforma encontrar-se rodeada de acentuados declives em direcção ao rio Douro e ao rio da Vila. Estas características permitiram boas condições defensivas e foram decisivas para que Pena Ventosa desse lugar ao *"sítio original da urbe portuense"*[22].

Sobre a origem pré-romana sabe-se através de investigações ocorridas entre 1980 e 1990 que teve origem nos séculos I e II d.C. da qual foi encontrada vestígios de uma primeira cintura muralhada do século III, com traçado idêntico ao da Cerca Velha ou Românica esta reconstruída no século XII.



1. Porta da Vandoma
2. Porta de São Sebastião
3. Porta de Sant'Ana ou Arco de Sant'Ana
4. Porta das Mentiras

Fig. 1 - Cerca Velha ou Românica
Fonte: *Sousa, M. d. (2007 de Janeiro de 27). Wikipédia. Obtido em 16 de Abril de 2020, de Portas da Muralha Primitiva do Porto:https://pt.wikipedia.org/wiki/Muralha_Primitiva#/media/Ficheiro:Muralha_Primitiva_(Porto).svg*

[22] **Carvalho, I., Bento, J., Costa, P., & Santos, R.** (2018). *Ocupação do Solo: Relatório de Caracterização e Diagnostico.* Porto: Câmara Municipal do Porto. Pág. 10

Ao longo do século XII a cidade apenas possuía uma igreja, a Sé, começou a ser construída neste século no local de uma antiga ermida pequena. Em torno da Sé existiam pequenas ruas e largos adaptados à tipologia do terreno de forma a ocupar toda a plataforma de Pena Ventosa.

Durante o século XIII, houve a necessidade de expandir a cidade sendo este o primeiro alargamento para fora da Cerca Velha. Esta necessidade de expansão para fora da muralha existente levou à criação de dois pólos – um na zona mais alta, em torno do morro de Pena Ventosa e outro na zona mais baixa junto à Ribeira nas margens do rio Douro – ligados por um tecido urbano que foi ficando densificado. As delimitações da Cerca Velha ou Românica e da Muralha Fernandina estão representadas na figura 2 onde se demonstra o desenvolvimento da cidade e a sua expansão no século XV.



Fig. 2 - Planta do Porto Medieval, século XV

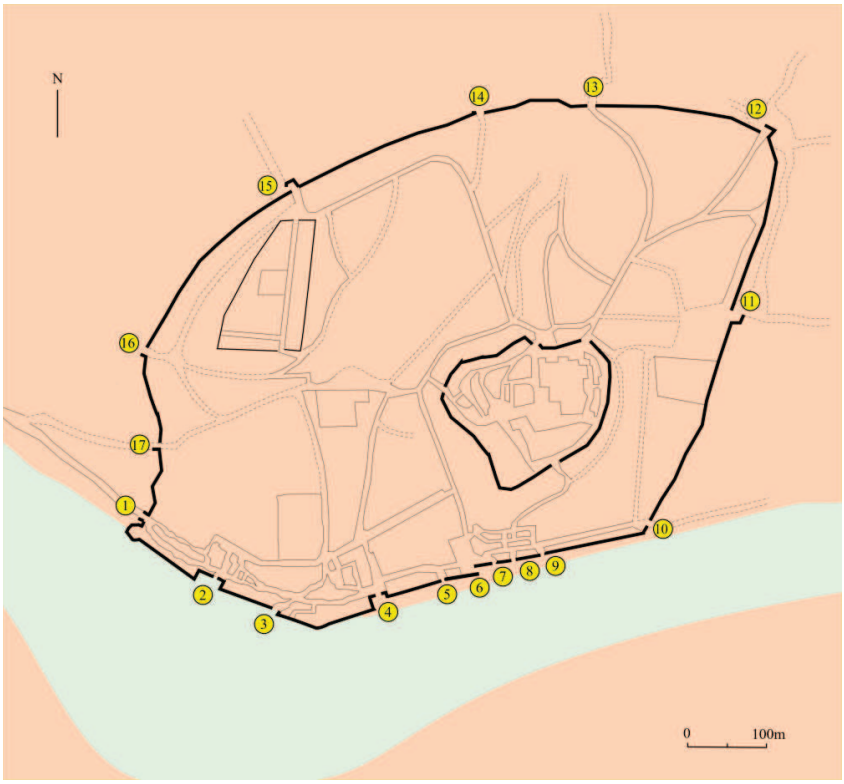
Fonte: Carvalho, I., Bento, J., Costa, P., & Santos, R. (2018). *Ocupação do Solo: Relatório de Caracterização e Diagnostico.* Porto: Câmara Municipal do Porto.

O segundo período de alargamento da cidade ao longo da Idade Média leva á necessidade da criação de construções para fora das muralhas marcando deste modo o seu crescimento, este aumento de construções é derivado ao défice de espaço dentro das linhas iniciais da muralha. Devido ao crescimento da cidade ao longo do reinado de D. Dinis até ao reinado de D. Fernando, período marcado pelo grande desenvolvimento Urbano do Porto, houve a necessidade de criar uma nova muralha que permitisse proteger a cidade dos ataques inimigos. Esta nova linha de defesas iniciada a partir de 1336 é designada de Muralha Fernandina ou Cerca Nova.

A Muralha Fernandina organizava-se em dezassete aberturas entre portas e postigos, havendo uma série de portas de entrada e saída da muralha. Estas aberturas encontravam-se:

- Sudeste – Porta Nova de Miragaia (1);
- Sul – Porta da Ribeira (6);
- Nordeste – Porta do Sol (11);
- Este – Porta do Cimo da vila (12);
- Noroeste – Porta do Olival (15).

Deve-se destacar o Postigo do Carvão como o único exemplo que resistiu ao passar dos tempos até aos dias de hoje.



1. Porta Nova ou Nobre (de Miragaia)
2. Postigo dos Banhos
3. Postigo da Lingueta
4. Postigo da Alfandega ou do Terreirinho
5. Postigo do Carvão
6. Porta da Ribeira
7. Postigo do Pelourinho
8. Postigo da Forca
9. Postigo da Madeira
10. Postigo da Lada ou da Areia
11. Porta do Sol (Postigo do Carvalho do Monte ou do Penedo)
12. Porta Do Cimo da Vila
13. Porta de Carros
14. Porta de Santo Elói (Postigo do Vimial)
15. Porta do Olival
16. Porta das Virtudes
17. Postigo de São João Novo ou da Esperança

Fig. 3 - Muralha Fernandina

Fonte: *Sousa, M. d. (2007 de Janeiro de 22). Wikipédia. Obtido em 16 de Abril de 2020, de Portas da Muralha Primitiva do Porto:* https://en.m.wikipedia.org/wiki/Fernandine_Walls_of_Porto#/media/File%3AMuralhas_Fernandinas.svg

Associa-se a D. João I o terceiro período importante da cidade, este é marcado pela abertura da Rua Nova (ou do Infante); a construção dos conventos de Santa Clara em 1416, dos Lóios em 1491 e de S. Bento de Avé Maria em 1516 entre muitas outras obras igualmente importantes e que incitaram o início da urbanização e construção nas zonas envolventes da cidade.

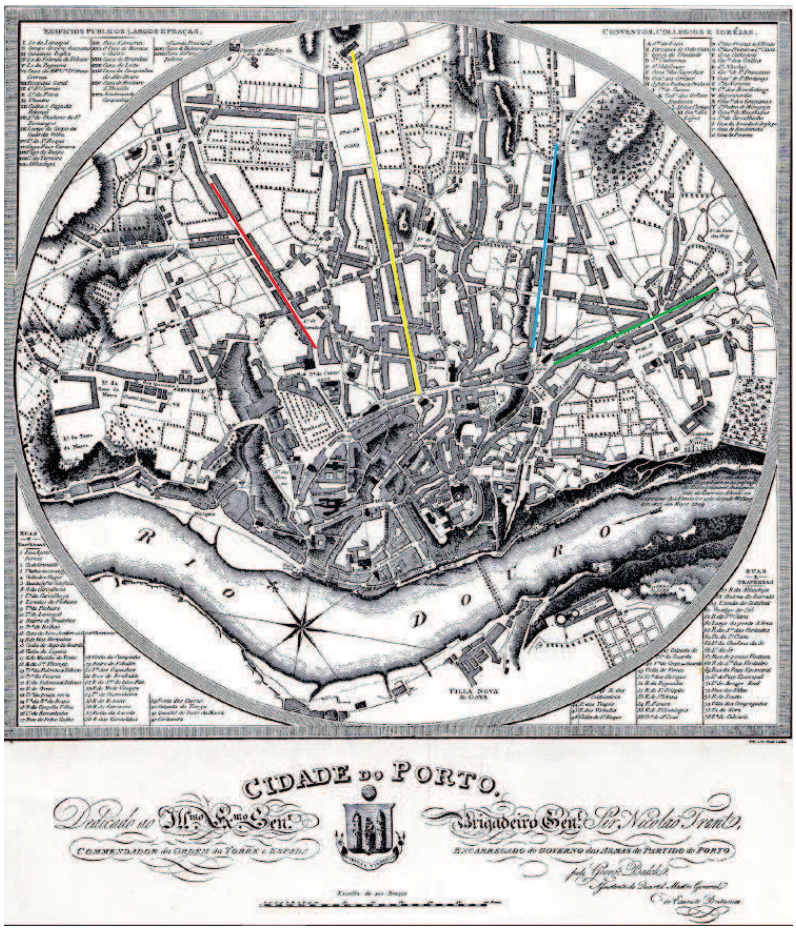
Apesar de todas estas intervenções urbanísticas na cidade, é apenas na segunda metade do século XVIII, que o Porto desenvolve o seu conhecimento fundamental da capacidade de previsão e desenho da cidade com o projecto elaborado pelos Almadas. Neste período de desenvolvimento iniciado com João de Almada e Melo entre 1758 a 1784 seguido do filho Francisco de Almada e

Mendonça, estes criaram a "*junta de obras públicas da cidade*"[23] com o objectivo de melhorar a urbanística da cidade. Esta iniciativa teve como regra a melhoria das circulações urbanas, de forma a permitir um melhor acesso às principais vias de saída e entrada da cidade, todo este projecto de construção e urbanização da cidade foram desenvolvidos dentro e fora das Muralhas Fernandinas. O projecto, criado inicialmente por João de Almada, propunha a criação de cinco eixos viários, este plano passou pela demolição de grande parte da Muralha Fernandina, de forma a criar uma ligação do antigo com o mais recente.

Com a abertura de várias ruas e prolongamento de outras, esta época foi também abundante na construção de edifícios públicos e religiosos de grande monumentalidade, no entanto para permitir a construção de todos os edifícios importantes da cidade procedeu-se à demolição quase total da Muralha Fernandina uma vez que usaram a sua pedra para construção institucional de que são exemplos a "*cadeia e o Tribunal da Relação, junto á Porta do Olival*"[24].

Contudo estas intervenções na muralha tiveram um enorme custo patrimonial histórico, que poderia ter sido evitado, contribuindo para todo o património nacional. No entanto, esta perda é reconhecia como uma "visão *de abertura à modernidade*"[25].

[23] **Fernandes**, **J. G**. (1983). *Centro histórico do Porto: dar futuro ao nosso passado.* Porto: Associação dos jornalistas e homens de Letras do Porto. Pág. 21
[24] **IDEM**. Pág. 21
[25] **IDEM**. Pág. 21



● Rua de Cedofeita ● Rua do Almada ● Rua de Santa Catarina ● Rua Direita

Fig. 4 - Planta Redonda, George Back, 1813

Fonte: GISA. (s.d.). *Cidade do Porto : [planta redonda]* Obtido em 30 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/?q=planta+redonda

Observando a primeira planta da cidade que se tem conhecimento, denominada como a *Planta Redonda* de George Back de 1813, esta demonstra o desenvolvimento da cidade para fora das muralhas medievais. É visível na planta a marcação com clareza das vias radiais que fazem a ligação entre principais ruas de saída da cidade medieval e das ruas a norte (Rua de Cedofeita, Rua Almada, Rua de Santa Catarina e Rua Direita). O desenvolvimento destes eixos permitiu o crescimento dos edifícios ao longo das ruas, em frentes urbanas, que foram influenciadas no conceito de estratégia militar.[26] Estas ruas presentes na malha medieval encontram-se, actualmente, com a marcação bastante nítida no que diz respeito às ruas de saída da cidade muralhada.

Sendo uma cidade bastante ligada ao Rio Douro, por onde desciam os vinhos que eram comercializados no estrangeiro, houve necessidade de procurar soluções para a criação de uma

[26] **Fernandes**, **J. G**. (1983). *Centro histórico do Porto: dar futuro ao nosso passado.* Porto: Associação dos jornalistas e homens de Letras do Porto. Pág. 22

ligação das duas margens do rio. Existem fontes que afirmam que Francisco de Almada *"pensou em lançar uma ponte de pedra sobre o rio Douro – da Porta do Sol ao Terreiro do Pilar – e que chegou mesmo a existir um projecto do eng. Cruz Amarante para tal"* [27], no entanto esta realidade só foi possível em 1806 com a construção da "*Ponte das Barcas*", na qual acaba por ser destruída durante a invasão francesa.

A "Ponte das Barcas" dá lugar a um novo projecto em 1843 utilizando o mesmo local, a nova ponte vir-se-ia a chamar "Ponte Pensil" projectada por Stanislau Bigot que acaba por ser substituída em 1886 pela actual "Ponte D. Luiz I" projectada por Théophile Seyrig que mantém as duas torres de amarração da ponte antiga.

Os problemas de atravessamento causados pelo do rio levam à evolução das pontes a partir do século XIX. Com a criação das pontes o centro dos negócios desloca-se da zona ribeirinha, local de maior importância no século XIX, para a cota mais alta da cidade onde o centro da economia se encontra até hoje. Esta mudança do centro dos negócios leva à quebra da importância da Praça da Ribeira e por consequência, à degradação da malha urbana e das estruturas arquitectónicas e sociais.

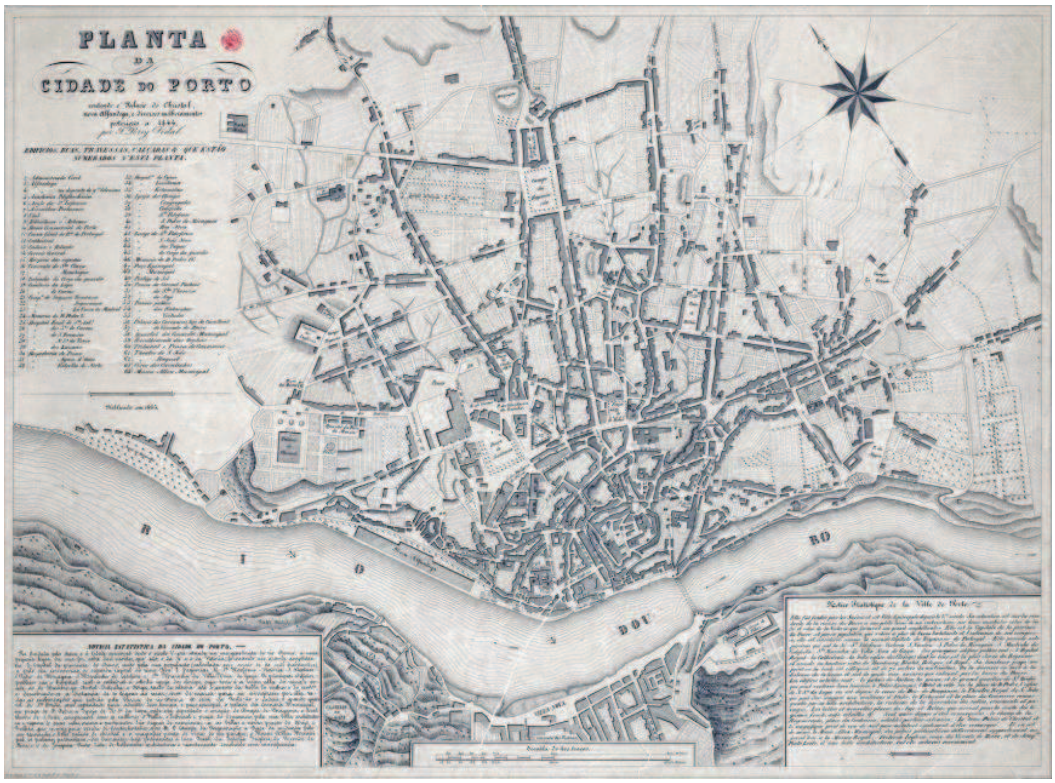


Fig. 5 - Planta do Porto, Perry Vidal, 1865

Fonte: *Monumentos Desparecidos*. (07 de Fevereiro de 2010). Obtido em 18 de Abril de 2020, de Mapas Antigos da Cidade do Porto (1809 a 1903): http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2010/02/mapas-antigos-da-cidade-do-porto-1809.

[27] **Ferreira, J. A. P.** *Livro Plantas da Cidade do Porto, século XVIII e XIX.* Págs. 15/16

Já na planta de 1865 pode observar-se a existência de construções dentro dos quarteirões no centro histórico designado de ilhas, este fenómeno deve-se à industrialização da cidade que levou à necessidade de albergar os operários que habitavam na periferia da cidade, nos campos, para a cidade. Os projectos das casas foram desenvolvidos de forma a não se perceber que existia alojamentos nos interiores dos quarteirões, desta forma as casas de frente de rua estavam ligadas ao comércio e no seu interior estavam alojados os operários em pequenas casas com poucas condições e pouca salubridade, facto que acontece até aos dias de hoje, apesar de algumas dos edifícios estarem a ser transformados em alojamento local.

Em 1963 com a construção de uma nova ponte, Ponte da Arrábida, o trânsito começou a aumentar de forma exponencial, este problema levou à necessidade de escoar o trânsito para a nascente da cidade. De forma a resolver esta situação é elaborado um plano de intervenção da Rua Duque de Loulé, consistindo em expropriar terrenos desta rua de forma a permitir a construção de um viaduto ligando a Rua Saraiva de Carvalho com a Rua Duque do Loulé.



Fig. 6 - Planta de expropriações do Projecto de Construção do viaduto, 1965

Fonte: Júnior, J. A. (2014). Entre o Plano e o Espaço, EAPA, Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.



Fig. 7 - Planta do Projecto de Prolongamento da Rua Duque de Loulé, 1965

Fonte: Júnior, J. A. (2014). Entre o Plano e o Espaço, EAPA, Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Na planta de 1965 pode-se observar que o projecto da construção do viaduto comtemplava a construção de edifícios de serviços que serviriam para fixar, de certa forma, o viaduto com o tecido urbano da cidade existente e aliviar os efeitos negativos que a desobstrução do trânsito implicava. No entanto a construção destes edifícios acabou por não se concretizar, deixando o viaduto, de forma clara, em ruptura com a sua envolvente.

Na segunda metade do século XX e devido às sucessivas derrocadas na escarpa das Fontainhas este ponto da cidade encontrava-se num acentuado declínio. É nesta altura que surge a necessidade de observar o espaço urbano de forma a melhorá-lo, destacando a zona da Sé, da Batalha e das Fontainhas. Este olhar mais atento, especialmente nestas localidades, surgem devido ao desabamento da escarpa dos Guindais que leva a danificar grande parte do Passeio das Fontainhas. Este desabamento provoca um incêndio que danifica os edifícios da envolvente que se encontram, até à actualidade, destruídos e sem utilidade.

Para solucionar este problema a Câmara Municipal do Porto, através da CRUARB, promove em 1993 um concurso de ideias de melhoramento para o local compreendido entre a Ponte de S. João e a Ponte de D. Luís I. No concurso acaba por se destacar a proposta do Arquitecto Adalberto Dias que procura resolver o fechamento dos quarteirões aliando o desenho urbano com o viaduto

existente, de forma a caracterizar o Largo Actor Dias desenvolve na proposta um edifício que colmata o Largo criando uma ruptura clara com o viaduto.

O arquitecto Adalberto Dias e a sua equipa continuaram na elaboração de um plano para esta área, havendo a necessidade de organizarem-se em diferentes grupos, adequando às diferentes características dos espaços, de forma a desenvolver um plano de pormenor. A equipa do arquitecto Adalberto Dias organizou-se em quatro grupos sendo que o Local da Intervenção da proposta da unidade curricular de projecto, ficou incluído no grupo A1 abrangendo o Bairro dos Guindais e Duque de Loulé.

As preocupações do plano não estavam definidas apenas no desenho de edifícios de remate ou de integração do viaduto no tecido urbano, mas também na preocupação de adquirir para este local as actividades sociais de outras épocas com a colaboração de entidades locais. No entanto esta intervenção acaba por não ser realizar, prolongando-se no tempo sem demonstrar resultados práticos, levando à contínua degradação do local.



Fig. 8 - Planta da Proposta do Plano, Arq. Adalberto Dias, 1997

Fonte: Júnior, J. A. (2014). Entre o Plano e o Espaço, EAPA, Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

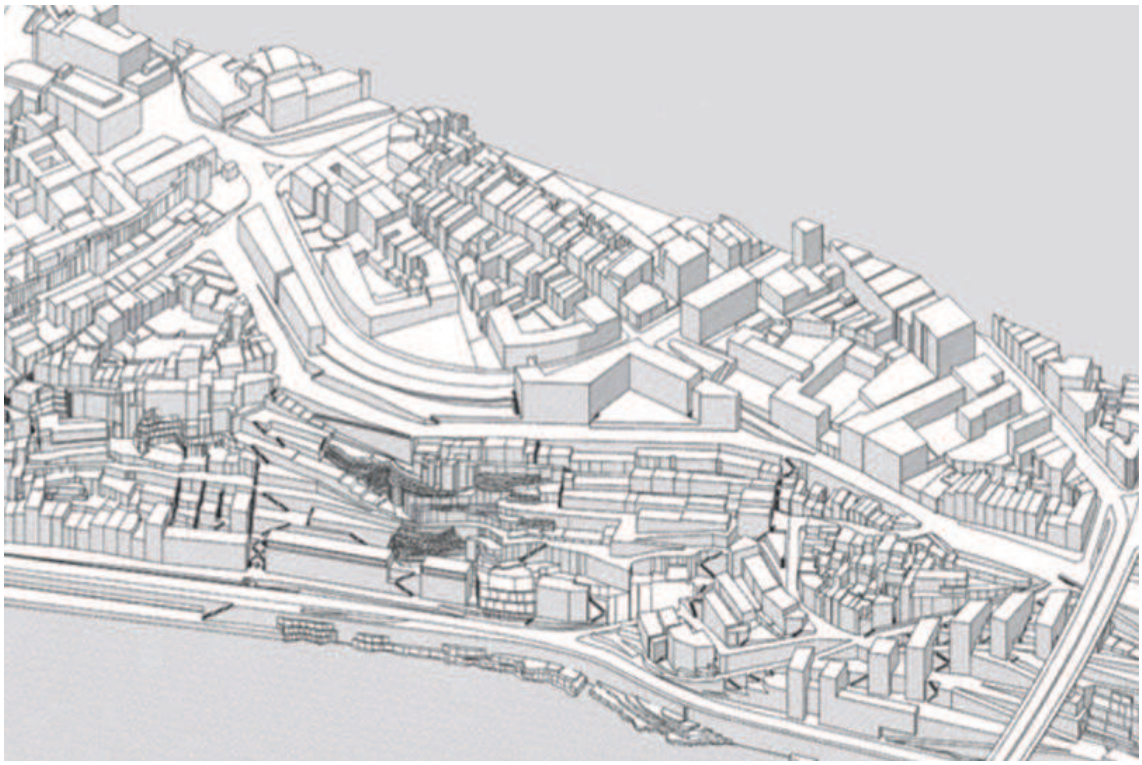
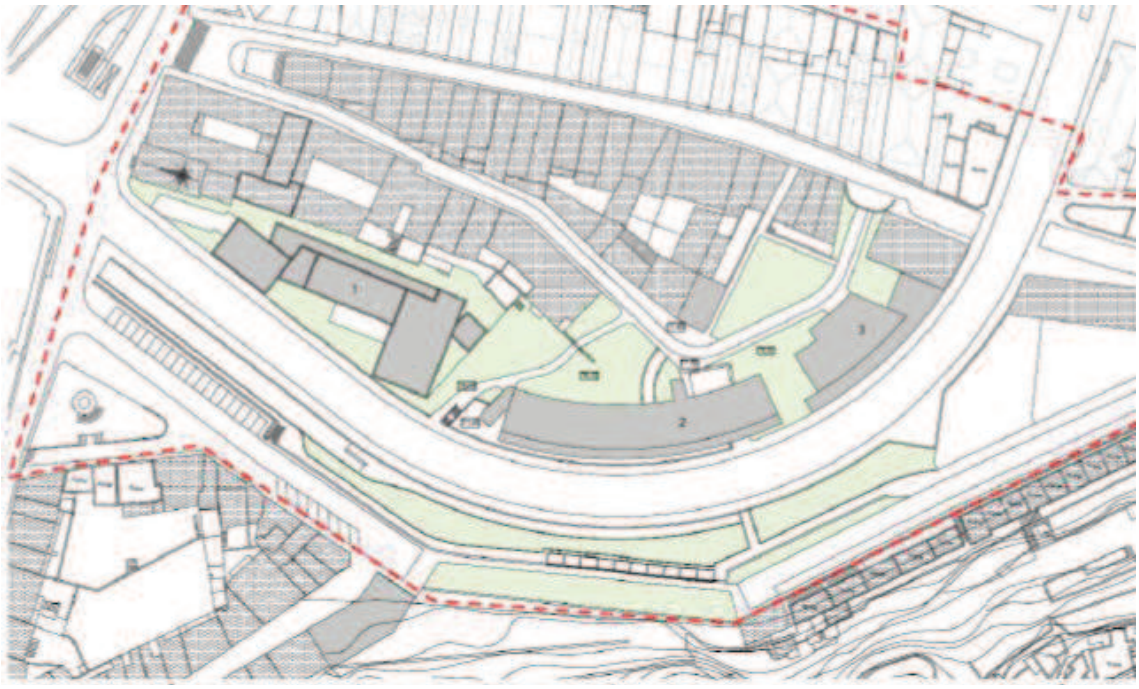


Fig. 9 - Axonometria do Proposta do Plano, Arq. Adalberto Dias, 1997

Fonte: Júnior, J. A. (2014). Entre o Plano e o Espaço, EAPA, Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Recentemente foi elaborado um plano de pormenor da área de intervenção em conjunto com a reestruturação da Universidade Lusófona do Porto. Encontra-se em curso o plano de pormenor da Rua Genaral Sousa Dias que tem como objectivos: a qualificação da área através do fechamento das frentes urbanas na envolvente do viaduto de maneira a valorizar a malha urbana e preencher os vazios com o edificado; redefinindo o espaço publico restabelecendo a ligação pedonal com o Passeio das Fontainhas; promovendo a reabilitação do edificado existente; implantação de funções urbanas de modo a conseguir uma fixação da população residente.



1- Novas instalações centrais da Universidade Lusófona do Porto 2- Edifício Proposto A 3-Edifício Proposto B

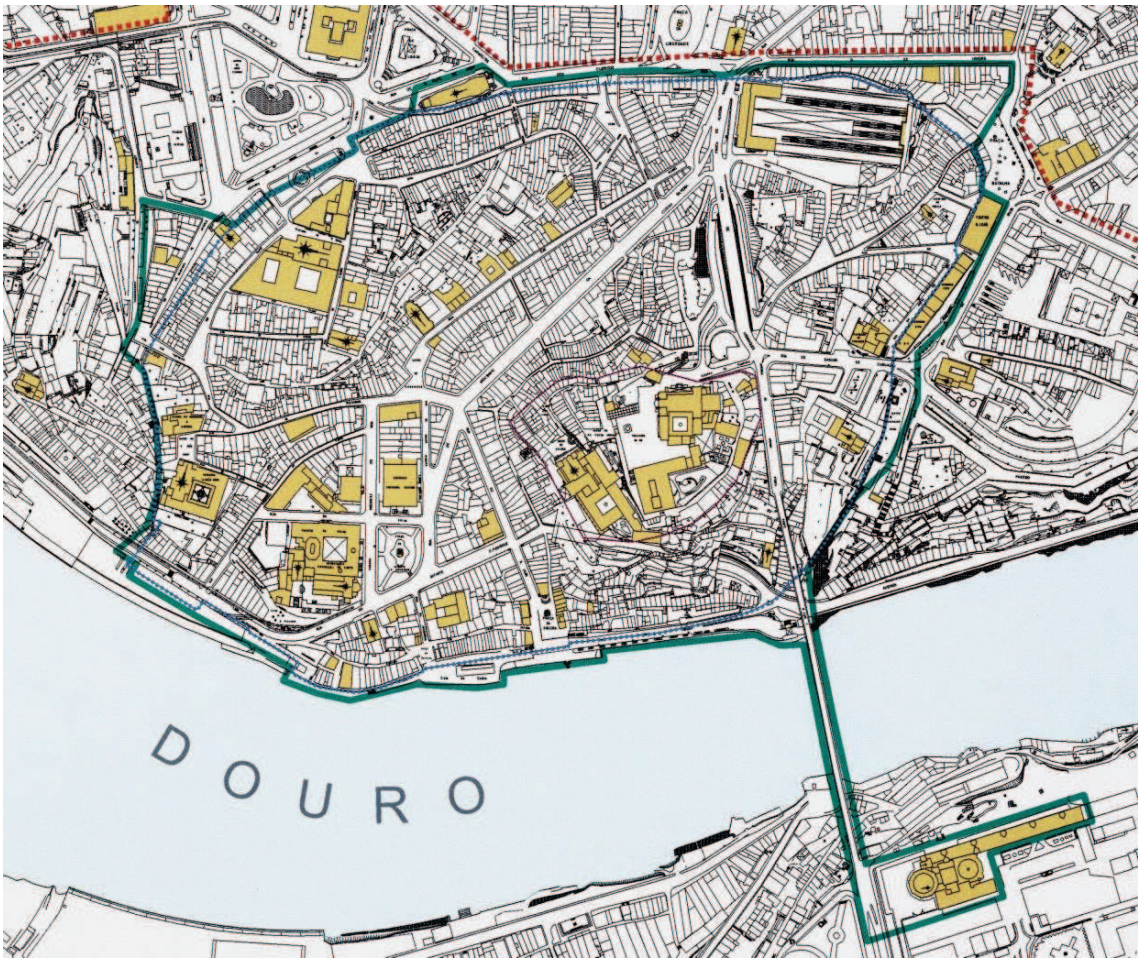
Fig. 10 - Modelo Prévio da base Programática do Plano, 2018

Fonte: Plano de Pormenor da Rua General Sousa Dias (Duque de Loulé), Termos de Referência. (2018). Porto: Porto. Câmara Municipal.

Em conclusão, a cidade do Porto desenvolveu-se em três fases distintas. Na primeira fase, o tecido urbano encontrava-se dentro de uma cerca do século XII, Cerca Velha, desenvolvendo-se de forma orgânica e sem ser planeada. Com a necessidade de expandir a cidade para além da cerca foi necessário construir uma segunda cintura de defesas, designada de Muralha Fernandina ou Gótica do século XIV, esta nova muralha teve como objectivo proteger os dois polos importantes da cidade, criados junto à Sé e junto às margens do rio Douro. O crescimento dentro desta nova muralha desenvolve-se de forma orgânica adaptando-se ao terreno, com grandes quarteirões regulares conjugados com praças e largos. No século XVII concretiza-se a primeira acção de Planeamento Urbano, que resulta na destruição de grande parte da Muralha Gótica, esta destruição da muralha leva à criação de novos edifícios, ruas e praças no centro histórico. No século XIX, período importante para a área de intervenção, após o desaparecimento do Passeio das Fontainhas devido a um desabamento da escarpa, provocando uma interrupção que existia entre o Largo Actor Dias e as Fontainhas, passeio das Fontainhas. Após esta tragédia é construído nos anos 70 um viaduto junto ao Largo Actor Dias que destrói parte da ligação que os quarteirões tinham em torno do largo, no entanto este viaduto permitiu uma melhor circulação viária possibilitando a saída dos automóveis do centro histórico para a periferia da cidade.

3.2 Evolução da Área de Intervenção

Para melhor compreender o local de intervenção será fundamental conhecer a evolução histórica de uma forma mais aprofundada, uma vez que no subcapítulo anterior foi realizada uma breve análise ao desenvolvimento urbano.



● Área classificada Património Mundial ● Área de protecção ● Muralha do século XIV ● Edifícios Públicos

Fig. 11 - Planta do centro histórico do Porto

Fonte: SSRU. (01 de Setembro de 2009). *SSRU. Sociedade Secreta de Reabilitação Urbana*. Obtido em 22 de Abril de 2020, de a linha limite, por ssru: https://ssru.files.wordpress.com/2009/09/chporto2003.jpg

O local de intervenção está situado no Centro Histórico do Porto, junto a um pequeno troço da Muralha Fernandina ou Gótica, classificada como monumento nacional em 1926[28]. De forma a expandir a cidade, uma grande parte da Muralha Fernandina foi destruída permitindo a construção de edifícios importantes, no entanto esta destruição acabava por conduzir á consequência directa de um problema de articulação urbana entre a Batalha, as Fontainhas e os Guindais.

O espaço de intervenção encontra-se no cruzamento de duas ruas: Rua de Arnaldo Gama que vai em direcção às escadas dos Guindais e o Largo Actor Dias que está direccionado para o passeio

[28] Publicado pelo decreto nº 11:454 através do D.G., I série nº35

das Fontainhas, onde em 1879 desaba e, consequentemente, provoca um incêndio que destrói parte do passeio das Fontainhas, fazendo com que acabasse a ligação existente entre o Passeio das Fontainhas e o Largo Actor Dias.

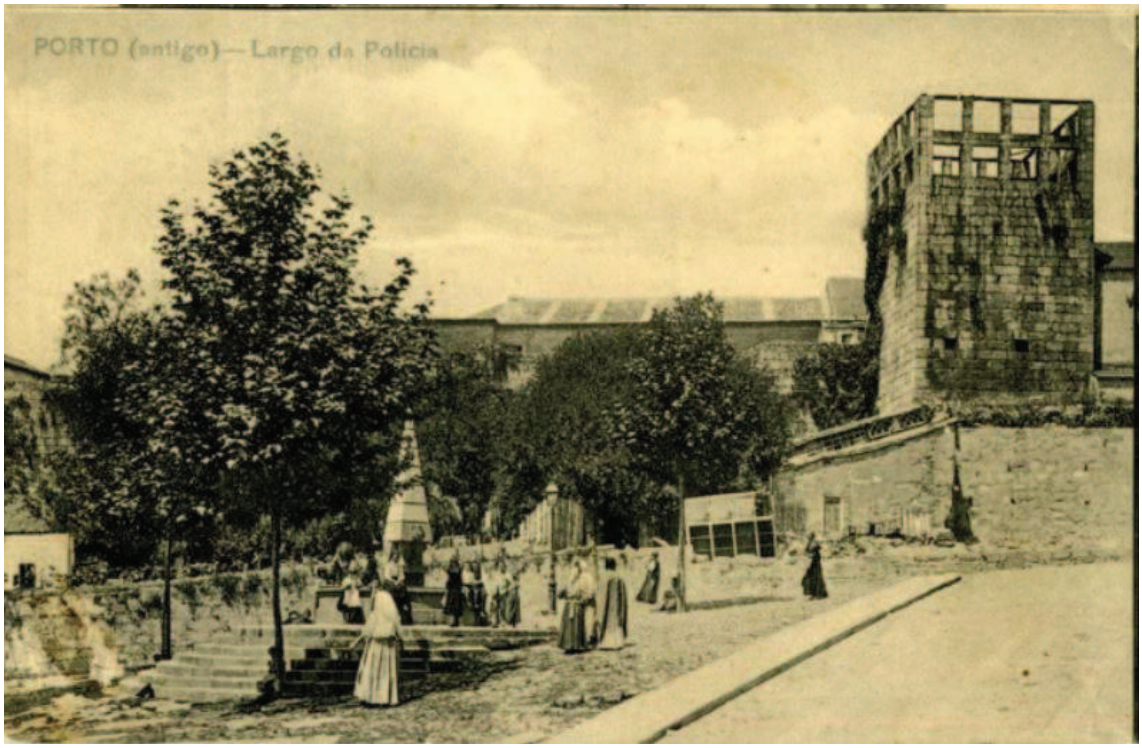


Fig. 12 - Largo Actor Dias - Antigo Largo da Polícia
Fonte: GISA. (s.d.). *Porto antigo : Largo da Polícia* Obtido em 20 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/48530/?q=largo+actor+dias

O Largo Actor Dias encontrava-se delimitado por três ruas definidas pelo desenho dos quarteirões. Analisando estes quarteirões podemos constatar que são construções de frentes urbanas com excepção do quarteirão da Sé. Em relação à malha urbana todos têm uma malha irregular não de planeada. No entanto, o Largo Actor Dias acaba por perder a sua forma inicial devido à construção do viaduto Duque de Loulé em finais dos anos 70. O objectivo da construção passava por conduzir o trafego rodoviário do centro histórico para os extremos/saídas da cidade. Como resultado desta intervenção um dos quarteirões acaba por perder grande parte da sua dimensão provocando a descaracterização do local e por consequência a desarticulação das redes viárias e pedonais, este resultado levou a que o Largo Actor Dias e o Passeio das Fontainhas deixassem de estar ligados, tornando assim este local bastante desarticulado com a área urbana envolvente.

Tendo em conta toda a evolução do local, pode-se concluir que este perdeu a sua morfologia original com a construção do viaduto e a demolição de parte do quarteirão, perdendo-se a ligação

com as Fontainhas através do passeio das Fontainhas; no qual acabou por desabar, deixando assim o Largo Actor Dias sem ligação com uma parte importante da cidade e descaracteriza.



Fig. 13 - Largo Actor Dias

Fonte: Camara Municipal do Porto



Fig. 14 - Largo Actor Dias

Fonte: GISA. (s.d.). *Porto : Largo Ator Dias* Obtido em 20 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/713583/?q=largo+actor+dias

Capítulo IV – Casos de Estudo

4.1 Introdução

A definição da selecção dos casos de estudo teve como ponto de partida a pesquisa efetuada por Magda Barbosa (2002)[29]. A selecção foi efetuada tendo em consideração os seguintes aspectos, relativamente a cada área seleccionada: projectos de praças concretizados em obra nas últimas décadas, desníveis de cotas resolvidas de formas diferentes, espaço público com diferentes geometrias e elementos de composição que se tornam referências dos Espaços Públicos.

Todas as praças ou largos seleccionados têm como ponto em comum a data da sua construção, ou seja, espaços públicos referentes aos séculos XIX e XX. Devido à sua antiguidade, estes espaços públicos acabam por ter a necessidade de serem intervencionadas, de modo a não perderem a sua função ou de se adaptar às necessidades exigida por cada local.

De forma obter resultados através dos casos de estudo, foram seleccionados inicialmente cinco casos, que tiveram como pontos em comum os que foram referidos anteriormente. Os casos estudados superficialmente são:

- Praça de D. João I;
- Praça do Infante D. Henrique;
- Largo Santo Ildefonso;
- Praça de Carlos Alberto;
- Praça de Lisboa.

[29] **Barbosa, M. A.** (2002). *As praças da Cidade do Porto.* Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Praça de D. João I Última Intervenção: **2001**



Fig. 15 - Praça de D. João I

Fonte: Morgado, J. (2000-2003). *João Morgado Fotografia de Arquitetura*. Obtido em 10 de Maio de 2020, de Praça D. João I: https://www.joaomorgado.com/pt/reportagens/praca-d-joao-i?fbclid=IwAR2OVwzuqLys3O_bx8QL_2Mws9fme7ZRkgt4qnIsW2QrlH4rCJrLyyWcocY

A Praça de D. João I construída no ano de 1950 com o projecto do grupo de arquitectos ARS (Fortunato Cabral, Morais Soares e Cunha Leão). A praça surge no meio de edifícios centrais, os quais lhe conferem uma certa importância. A praça é objecto de pequenas alterações ao longo dos anos de forma a encontrar a geometria e alinhamentos ideias para este local.

Em 2001, com a realização da Capital Europeia da Cultura, o desenho da praça é alterado e ajustado através dos projectos do Atelier 15 (Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez).

A intervenção então realizada teve como objectivo a construção de um parque de estacionamento subterrâneo, tendo por esse motivo a forma da praça. Esta intervenção teve como base um projecto dos anos 40, acabou por ser abandonada na época por falta de financiamento e resgatada posteriormente.

Praça do Infante D. Henrique Última Intervenção: **2001**



Fig. 16 - Praça do Infante D. Henrique

Fonte: *Visit Porto.* (s.d.). Obtido em 10 de Maio de 2020, de Praça do Infante D. Henrique: https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b4ff979e00001f6f72c?fbclid=IwAR0CmFXDT8PJU62-LgmdohIoJFdBFqC8JRELAdLaQA30xf-_MW-LFBIJJoA#/

A Praça do Infante D. Henrique encontra-se desde 1875 com os limites definidos pelas ruas criadas nesta época (Rua Nova da Alfândega e Rua Mouzinho da Silveira). Esta praça encontra-se em pleno Centro Histórico do Porto e homenageia o Infante D. Henrique com um monumento localizado no centro deste espaço urbano.

Em 2001, com a iniciativa da Capital Europeia da Cultura, a praça foi remodelada ao nível do pavimento com uma superfície ajardinada, ao nível subterrâneo foi construído um estacionamento de forma a apoiar o comércio existente na envolvente.

Largo Santo Ildefonso Última Intervenção: **2001**



Fig. 17 - Largo Santo Ildefonso

Fonte: *Mapio*. (s.d.). Obtido em 10 de Maio de 2020, de Porto: Praça da Batalha - Igreja de Santo Ildefonso: https://mapio.net/pic/p-71023236/?fbclid=IwAR2b3q6R1buxGqqTaLEw3oMj-9raQKNJnOiZInScNIzwk37QMPxt1pK9jHc

O Largo Santo Ildefonso foi aberto no século XVI junto a uma porta antiga da Muralha Fernandina designada de Porta do Cima de Vila (12 - Fig. 3 - Muralha Fernandina). Junto ao largo existiam elementos importantes como um palacete, o Teatro Nacional São João e o Cineteatro da Batalha.

Junto ao largo existe a Praça da Batalha que fez parte de um plano de reabilitação urbana no âmbito da iniciativa da Capital Europeia da Cultura em 2001, com um marco importante dominada pelo monumento de D. Pedro V.

Em 2001, com a iniciativa da Capital Europeia da Cultura, foi desenvolvido um plano de reabilitação urbana que envolveu a Praça da Batalha, o Largo Santo Ildefonso, Rua Augusto Rosa e Largo 1º de Dezembro. Todo este plano foi coordenado pelo arquitecto Adalberto Dias e teve a colaboração de mais cinco arquitectos (Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto Moura, Alcino Soutinho e J. Pedro Xavier).[30]

[30] **FAUP**. (2001). Porto 2001: regresso à baixa. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Pág. 41

Praça de Carlos Alberto Intervenção recente: **2001**



Fig. 18 - Praça de Carlos Alberto

Fonte: Afonso, D. (29 de Agosto de 2006). *Dolo Eventual*. Obtido em 10 de Maio de 2020, de Carlos Alberto: http://odoloeventual.blogspot.com/2006/08/carlos-alberto.html

A Praça de Carlos Alberto surge do cruzamento das antigas ruas de saída da cidade junto á Muralha Fernandina através da Porta do Olival (15 - Fig. 3 - Muralha Fernandina), a sua primeira referência em documentos está datada do ano 1638 sendo o seu nome o Largo dos Ferradores.[31]

Em 2001, com a iniciativa da Capital Europeia da Cultura, na actual praça foi construído um parque de estacionamento, ocupando praticamente toda a dimensão da praça. Nesta iniciativa o parque da praça acaba por ficar interligado com o estacionamento da Praça de Gomes Teixeira, esta também subterrânea.

Outro projecto para esta praça passou pela criação de arranjos exteriores e a alteração radical da sua fisionomia por Virgínio Moutinho, mas devido ao descontentamento da população local esta ideia foi imediatamente abandonada. Em vez disso, acabou por se optar por manter a configuração actual, geometria triangular com as suas pontas arredondadas, com espaços ajardinados e uma calçada desenhada que leva ao ponto central da praça o monumento em homenagem ao rei, esta proposta numa linha mais conservadora deve-se ao desenho do arquitecto Manuel Magalhães.

Em 2006, o quarteirão desta praça foi uma das seleccionadas pela *Porto Vivo – Sociedade de Reabilitação Urbana* como o primeiro elemento urbano a reabilitar, num esforço de cativar a população e comércio para a baixa do Porto.

[31] **Couto, J.** (2003). Praça de Carlos Alberto. Porto: Livraria Vieira. Pág. 11

Praça de Lisboa Última Intervenção: **2010**



Fig. 19 - Praça de Lisboa

Fonte: Dantas, V. (s.d.). *Porto en volto*. Obtido em 10 de Maio de 2020, de A Torre e o Passeio dos Clérigos, no Porto: http://portoenvolto.com/2014/10/08/a-torre-e-o-passeio-dos-clerigos-no-porto/?fbclid=IwAR2arfTacw1wOJhecC1945qRMhFw8CVu51Z7IQ-otGhRMfF8fDplRB658Es

A Praça de Lisboa inicialmente conhecida como Mercado do Anjo foi mandada construir no ano de 1837 e inaugurada no ano de 1839, local de comércio que impulsionou o comércio na cidade. Geometria triangular determinada pelos cruzamentos de ruas.

No final do século XIX este local estava destinado como local de comércio mas também um local de passeio e lazer. Este facto advém do desenvolvimento das infra-estruturas que iam sendo criadas enquanto o espaço era modernizado.

Já no século XX existiu a necessidade de reabilitar o espaço que ficou a cargo do arquitecto José Marques das Silva em 1905, facto é que esta ideia não foi avante. Sendo que em 1948 a Câmara Municipal do Porto transporta o comércio local para outras partes da cidade e procede á demolição do mercado obtendo uma praça que se passa a designar de Praça de Lisboa. No ano de 1990 é incorporada na praça um *centro comercial*, recuperando o conceito anterior do espaço, mas que acabaria por encerrar em 2006, depois de anos de abandono e vandalismo a diversas lojas.

Em 2006 no concurso público "*No Rules, Great Spot*" (Sem Regras, Bom Local) promovido pela Câmara Municipal do Porto, demostrando a preocupação pelo espaço e fazem um apelo aos arquitectos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da cidade, permitindo aos arquitectos serem o mais criativos possíveis de maneira a colmatar este problema existente nesta parte especifica da cidade.[32]

Em 2010, iniciou-se o projecto de reabilitação urbana com proposta elaborada por um único concorrente: o gabinete Balonas & Menano. A obra ficou concluída em 2012 e a sua inauguração foi em 2013, ano em que o edifício do Passeio dos Clérigos foi premiado pelos Prémios Nacionais de Reabilitação Urbana que venceu o prémio na categoria de Melhor Intervenção de Uso Comercial.[33]

Este espaço urbano foi desenvolvido de forma a proporcionar um espaço de lazer, de comércio e estacionamento subterrâneo, ou seja, todos os requisitos que existiam antes da sua reabilitação. Apresentando a cobertura do comércio como um jardim urbano alinhado com as ruas da envolvente onde obtém um marco central, marco este que já existia no início da sua formação.



Fig. 20 - Praça de D. João I; Praça de Carlos Alberto; Praça de Lisboa

Concluída a selecção dos eventuais casos de estudo, recorremos numa segunda análise à verificação da informação disponível, tendo optado pelos casos onde a informação disponível é maior. Os casos a seguir apresentados têm em conta o seu desenvolvimento, a sua forma, a sua geometria e o ícone importante de cada uma destacando-se sempre um monumento relacionado com o nome da praça. Os três casos escolhidos para o desenvolvimento de uma análise mais aprofundada foram os seguintes: Praça de Carlos Alberto - 2001; Praça de D. João I – 2001 e a Praça de Lisboa – 2010.

[32] **Sobreira, F. J.** (17 de Abril de 2011). No Rules, Great Spot! Concurso de Ideias para a Praça de Lisboa em Porto - Portugal.

[33] **Afaconsult**. (04 de Abril de 2013). Prémios nacionais de Reabilitação Urbana Passeio dos Clérigos distinguido como Melhor Intervenção de Uso Comercial.

4.2 Praça de Carlos Alberto

Actual Praça de Carlos Alberto é um projecto que foi desenvolvido no âmbito de reabilitação urbana do antigo Largo dos Ferradores entre 2001 e 2006 pelo arquitecto Manuel Magalhães e pela sociedade do Porto Vivo. A implantação resulta de uma bifurcação das antigas ruas de saída da cidade através das portas da Muralha Fernandina.

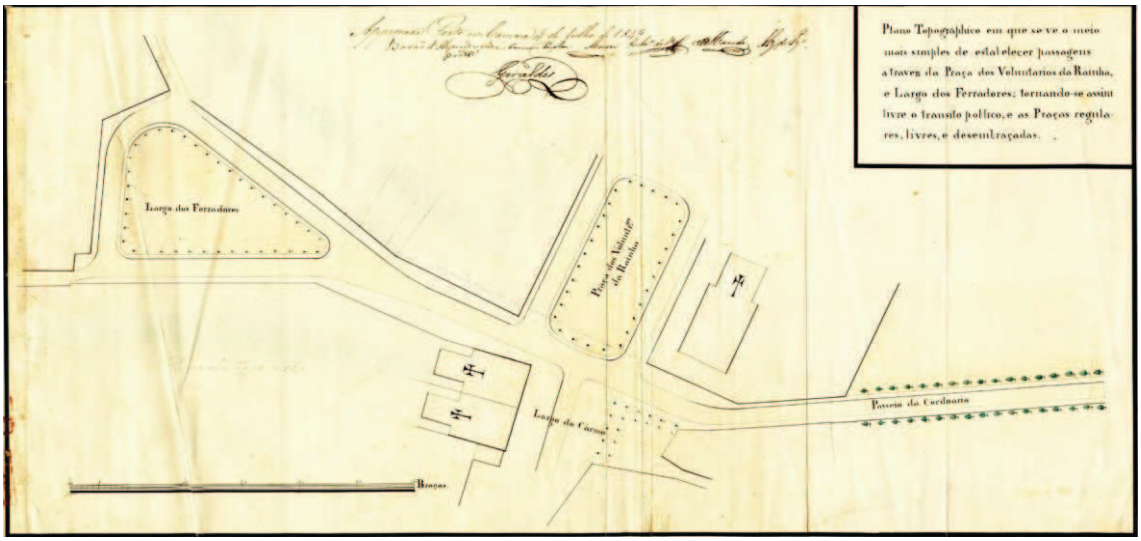


Fig. 21 - Extracto da Planta Topográfica da cidade do Porto, Largo dos Ferradores, 1849

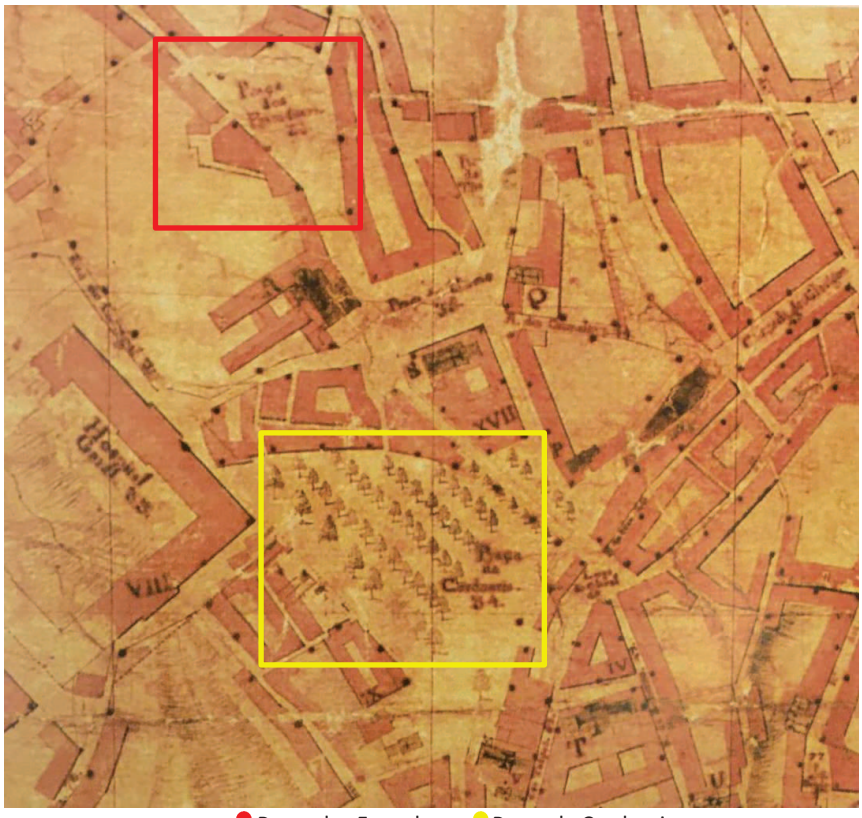
Fonte: GISA. (s.d.). Plano topográfico em que se vê o meio mais simples de estabelecer passagens através da Praça dos Voluntários da Rainha e Largo dos Ferradores (...) Obtido em 20 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/335521/?q=largo+dos+ferradores

A formação da praça remonta a tempos longínquos e é o resultado de um entroncamento das antigas ruas de saída da cidade através da Porta do Olival (15 - Fig. 3 - Muralha Fernandina) da Muralha Fernandina. Estas ruas de saída da cidade dirigiam-se para Braga, naquela que é a actual Rua de Cedofeita, e para Guimarães, na actual Rua das Oliveiras.

Inicialmente este espaço urbano era designado por Rua, Campo ou Largo dos Ferradores[34] ou mesmo Praça da Feira das Caixas devido a este local ter-se instalado lojas de ferradores e por sua vez ter-se tornado num local de paragem e concentração para "calçar" os animais das carruagens para prosseguir para longas viagens. É desconhecida a data do início desta designação do largo, no entanto a primeira referência remonta ao ano de 1638 num registo paroquial da Igreja de Santo Ildefonso.[35]

Como se pode verificar na planta de José Francisco de Paiva de 1824, extracto da planta que tem mais interesse para este subcapítulo, verificamos que o local onde se visualiza as árvores é o que substitui o antigo olival e passa a ser designado de Praça da Cordoaria seguindo-se mais acima a Praça dos Ferradores.

[34] **Couto, J**. (2003). Praça de Carlos Alberto. Porto: Livraria Vieira. Pág.10
[35] **IDEM.** Pág.10



Praça dos Ferradores Praça da Cordoaria

Fig. 22 - Extracto da Planta de José Francisco de Paiva, Largo dos Ferradores, 1824

Fonte: Couto, J. (2003). *Praça de Carlos Alberto.* Porto: Livraria Vieira.

A Praça dos Ferradores tornou-se num apoio do comércio e ao longo dos tempos foi utilizada para a recepção de inúmeras feiras de "meios de subsistências, produtos das suas terras e do seu gado."[36] Devido à muita afluência de população neste local, o povo teve a necessidade de construir uma espécie de casas de pasto, ainda que algumas do tipo barracas.[37]

Com a inauguração do Mercado do Anjo em 1839 e do Bolhão 1841 terminaram naturalmente as feiras na Praça dos Ferradores que passaram-se a instalar nos mercados referidos anteriormente, especialmente no Mercado do Anjo.[38]

A designação de Praça de Carlos Alberto só aparece nos meados do século XIX por volta dos anos 1856. Esta designação deve-se ao facto do rei Carlos Alberto da Sardenha ter-se refugiado em Portugal após a Batalha de Novara em 1849, numa hospedaria localizada na praça. Contudo o rei acabou por falecer meses mais tarde e em sua homenagem o Largo dos Ferradores passa-se a designar Praça de Carlos Alberto.

No século XX em 1928, foi inaugurado na praça um marco importante da autoria de Henrique Moreira designado *Monumentos aos Mortos da Grande Guerra*, este marco sucedeu a uma outra

[36] **Couto, J.** (2003). *Praça de Carlos Alberto.* Porto: Livraria Vieira. Pág.13
[37] **IDEM**. Pág.13
[38] **IDEM**. Pág.16

estátua pela iniciativa da *Junta Patriótica do Norte*, que não terá sido do agrado da população portuense.

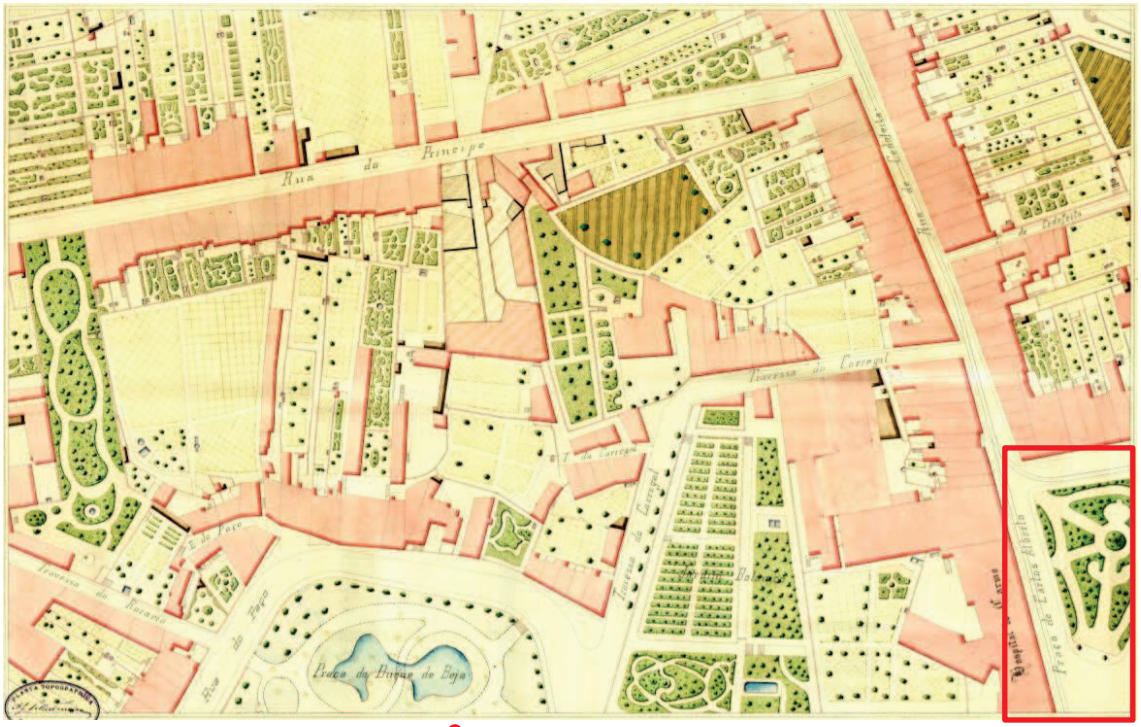


Fig. 23 - Planta Topográfica do Porto *(235)*, Telles Ferreira, 1892

Fonte: GISA. (s.d.). *Planta topográfica da cidade do Porto : [quadrícula 235]* Obtido em 16 de Agosto de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519533/**?**

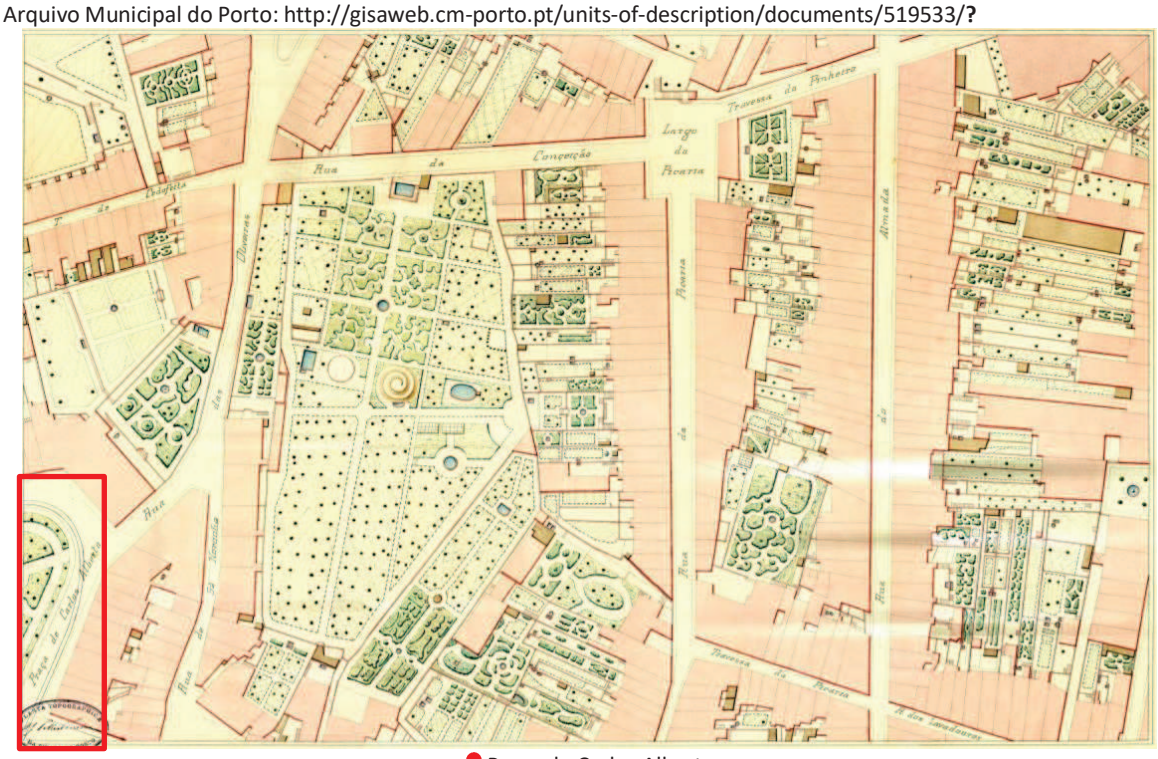


Fig. 24 - Planta Topográfica do Porto (*256*), Telles Ferreira, 1892

Fonte: GISA. (s.d.). *Planta topográfica da cidade do Porto : [quadrícula 256]* Obtido em 16 de Agosto de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519575/?



Fig. 25 - Praça de Carlos Alberto

Fonte: Monumentos Desparecidos. (08 de Abril de 2010). Obtido em 16 de Agosto de 2020, de Mapas Antigos da Cidade do Porto (1809 a 1903): http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2010/04/bebedouro-ou-marco-fontenario-da-praca.html

Com o projecto realizado pela Sociedade de Reabilitação Urbana (SRU) "*Porto Vivo*" 2001, foi construído na Praça de Carlos Alberto um grande parque de estacionamento subterrâneo, ocupando praticamente toda a área da praça. Este parque ficou ligado a mais dois outros parques de estacionamento, localizados na Praça de Gomes Teixeira e a Praça de Lisboa.

No que diz respeito aos arranjos da superfície, esse projecto deve-se ao arquitecto Virgínio Moutinho. O projecto que terá idealizado para este local seria uma inovação para a praça, uma vez que, a ideia seria dividir o espaço em dois, "*O soldado desconhecido "descia" para ficar, mais ou menos, frente à Rua João Guedes. Iniciar-se-ia uma alameda arborizada, com bancos no meio, entre Cedofeita e as Oliveiras, em frente da estátua. Atrás ficava a Praça, propriamente dita, decorada com um espelho de água e animada com um escultura mecânica com peixes de um metro, a cuspirem água*."[39] Desta forma o arquiteto pretendia modificar por completo a fisionomia presente. Segundo algumas fontes este acto foi muito constestado e acabou por ser abandonado.

[39] **Couto, J.** (2003). *Praça de Carlos Alberto.* Porto: Livraria Vieira. Pág.99

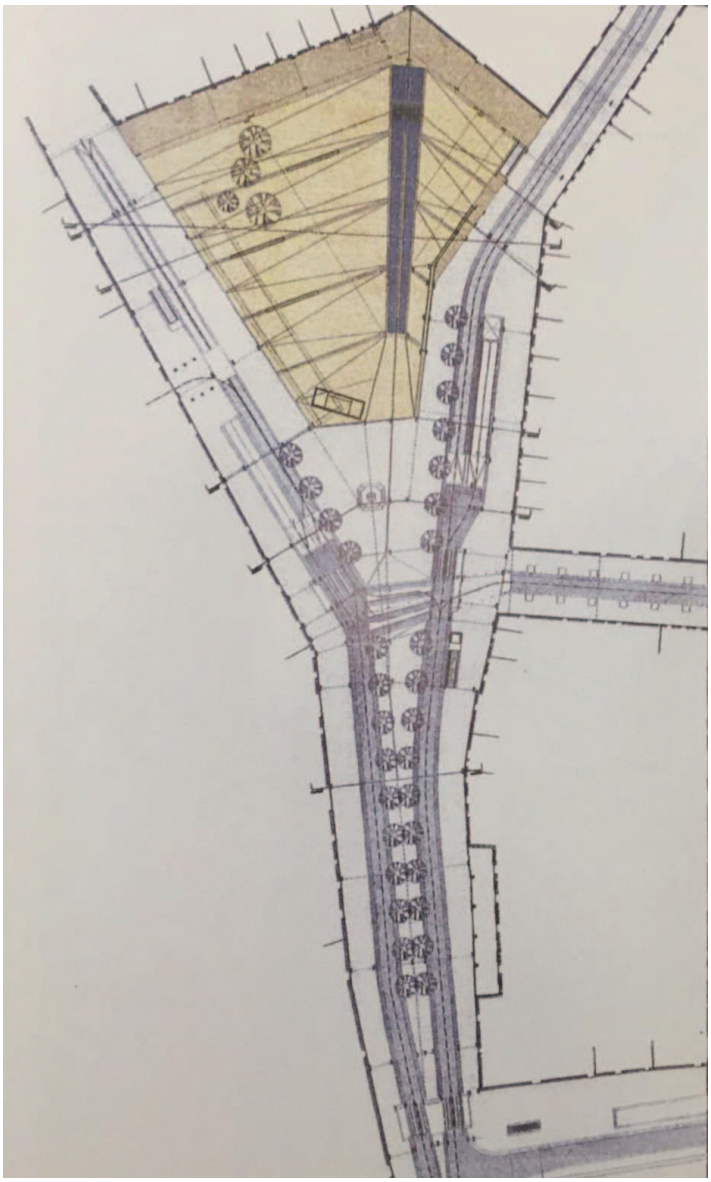


Fig. 26 - Planta da Proposta de Intervenção, Arq. Virgínio Moutinho, 2001

Fonte: Couto, J. (2003). *Praça de Carlos Alberto.* Porto: Livraria Vieira.

No âmbito da iniciativa Porto Capital Europeia da Cultura 2001, o arquitecto Virgínio Moutinho, idealizou um projecto mais contemporâneo que não chegou a ser concretizado em obra. A vontade de continuar a reabilitar a praça acaba por se concretizar, não pelo projecto do arquitecto Virgínio Moutinho, mas sim pelo arquitecto Manuel Magalhães que fará a reposição da praça no seu desenho original na sequência da construção do parque de estacionamento subterrâneo.

O projecto de Manuel Magalhães, actual Praça de Carlos Alberto, passa por não fazer grandes alterações na praça, optando pela configuração original com áreas ajardinadas e com a pavimentação em calcário e basalto. Demonstrando uma proposta mais conservadora e do agrado da população em geral.

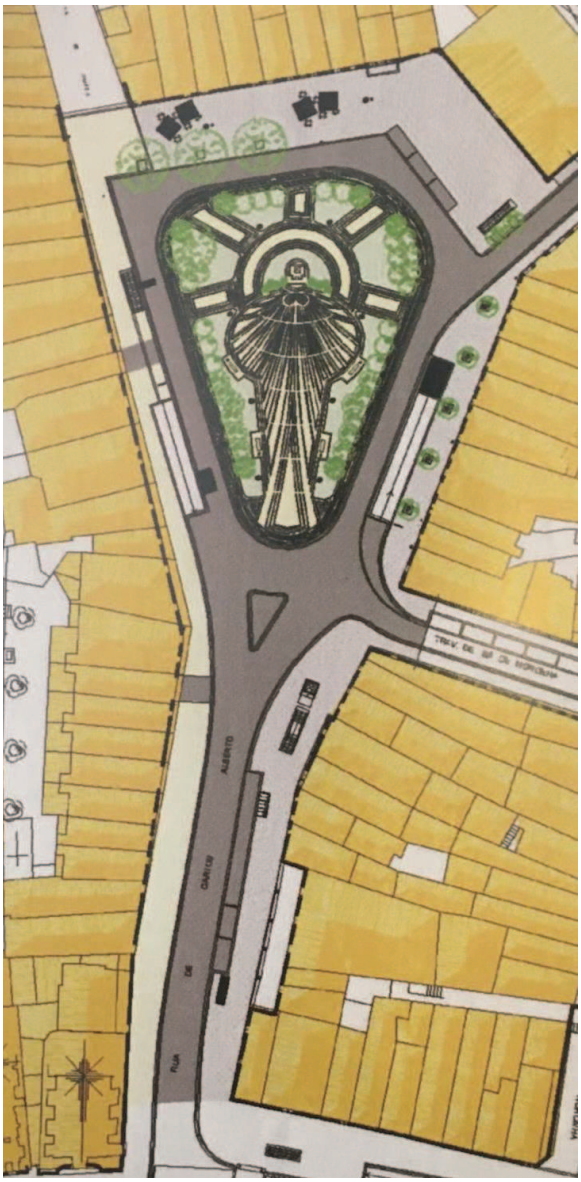


Fig. 27 - Planta da Proposta de Intervenção, Arq. Manuel Magalhães, 2001
Fonte: Couto, J. (2003). *Praça de Carlos Alberto.* Porto: Livraria Vieira.

Em conclusão, a Praça de Carlos Alberto não sofreu grandes alterações a nível de fisionomia, adaptando-se às suas variadas utilizações ao longo dos tempos. Promovendo as feiras, existentes no local, sempre ao ar livre. Com a criação de um parque de estacionamento que faz a ligação a mais duas praças, Praça de Gomes Teixeira e Praça de Lisboa, possibilita à cidade uma outra forma de vivência diferente, uma vez que, com os parques de estacionamentos interligados permitem à população chegar a outros pontos da cidade sem terem de chegar à superfície. Outro aspecto importante é como a reabilitação da praça foi idealizada, primeiramente pelo arquitecto Virgínio Moutinho onde este idealiza uma vivência diferente com o que existia, propondo a criação de um espelho de água com "animação mecânica", desta forma acabaria por dar uma visão diferente da praça e demostrar o potencial da praça e de como esta ganharia vida mesmo

sem a presença humana. Numa visão mais conservadora e bastante diferente temos a proposta e escolha final do projecto do arquitecto Manuel Magalhães que opta por manter a fisionomia existente reabilitando com áreas ajardinadas permitindo o convívio de quem usufrua do espaço, recuperando o pavimento e criando caminhos através da alteração de pavimentos permitindo direccionar o utilizador para pontos importantes da Praça de Carlos Alberto como as ruas que direccionam para outros locais da cidade ou como para o hotel ou o restaurante.

4.3 Praça de Lisboa

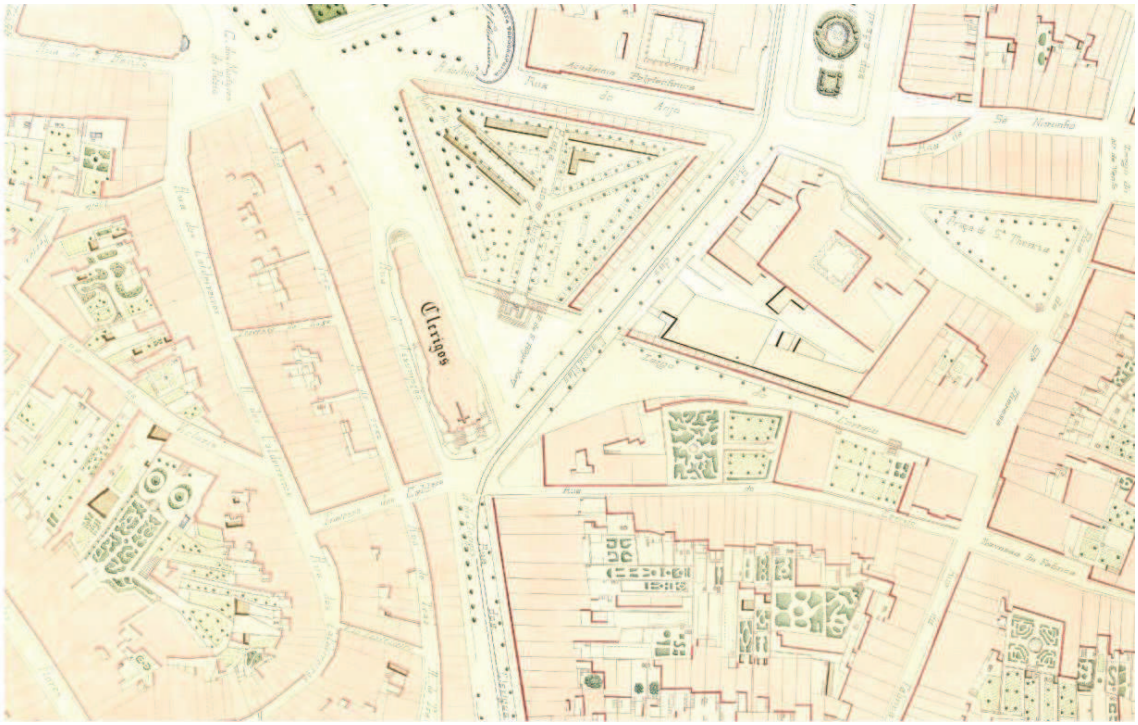


Fig. 28 - Extracto da Planta da Cidade do Porto, Praça do Anjo, 1892

Fonte: GISA. (s.d.). *Planta topográfica da cidade do Porto : [quadrucula 257]* Obtido em 25 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/519577/?

A Praça de Lisboa é um projecto que foi desenvolvido no âmbito de reabilitação urbana do antigo Mercado do Anjo em 2010 e a sua conclusão em 2013 pelos arquitectos Balonas & Menano. A implantação é feita no local do antigo Mercado do Anjo, que esteve em funções desde 1839 a 1948.[40]

Em 1837 procedeu-se à demolição do Recolhimento do Anjo iniciando-se a construção do Mercado do Anjo. O mercado com geometria triangular é delimitado pela Rua das Carmelitas, Rua S. Filipe de Nery e a Rua do Anjo (actualmente rua Dr. Ferreira da Silva).[41] Os acessos da praça foram criados a partir dos vértices até ao centro, onde existia um chafariz. A entrada principal era realizada junto à Igreja dos Clérigos em frente ao largo que existia – Largo Filipe de Nery, este ponto acaba por ser considerado um acesso primordial, onde é criado um passeio pedonal principal.[42]

[40] **GISA**. (s.d.). Mercado do Anjo. 1839-1948
[41] **IDEM.**
[42] **IDEM.**



Fig. 29 - Planta da Praça do Anjo, autor desconhecido, 1892
Fonte: Ribeiro, D. V. (s.d.). *Marabô*. Obtido em 07 de Junho de 2020, de O Mercado do Anjo (II): https://marabo2012.wordpress.com/oquefazemos/porto-pontoencontro/cronicas/o-mercado-do-anjo-ii/

No início século XX e devido à necessidade de melhoramento do mercado, por razões de urbanismo e de saneamento, a Câmara Municipal do Porto propôs renovar a praça em 1905[43]. O projecto do novo edifício da autoria do arquitecto José Marques da Silva foi aprovado[44], apesar de a proposta não ter sido posta em prática, o projecto proponha a construção de frente urbana para as três ruas que delimitam o espaço, conferindo assim um edifício com carácter de frente urbana. No seu interior seria desenvolvido espaços de lojas de forma a ocupar o vazio. Ainda que o projecto não se tenha concretizado, este espaço continuava a precisar de uma solução, este facto leva a Câmara Municipal do Porto a abrir um novo concurso em 1936 de forma a permitir melhorar a cidade do ponto de vista urbanístico.[45]

[43] **GISA**. (s.d.). Mercado do Anjo. 1839-1948
[44] **IDEM.**
[45] **IDEM.**

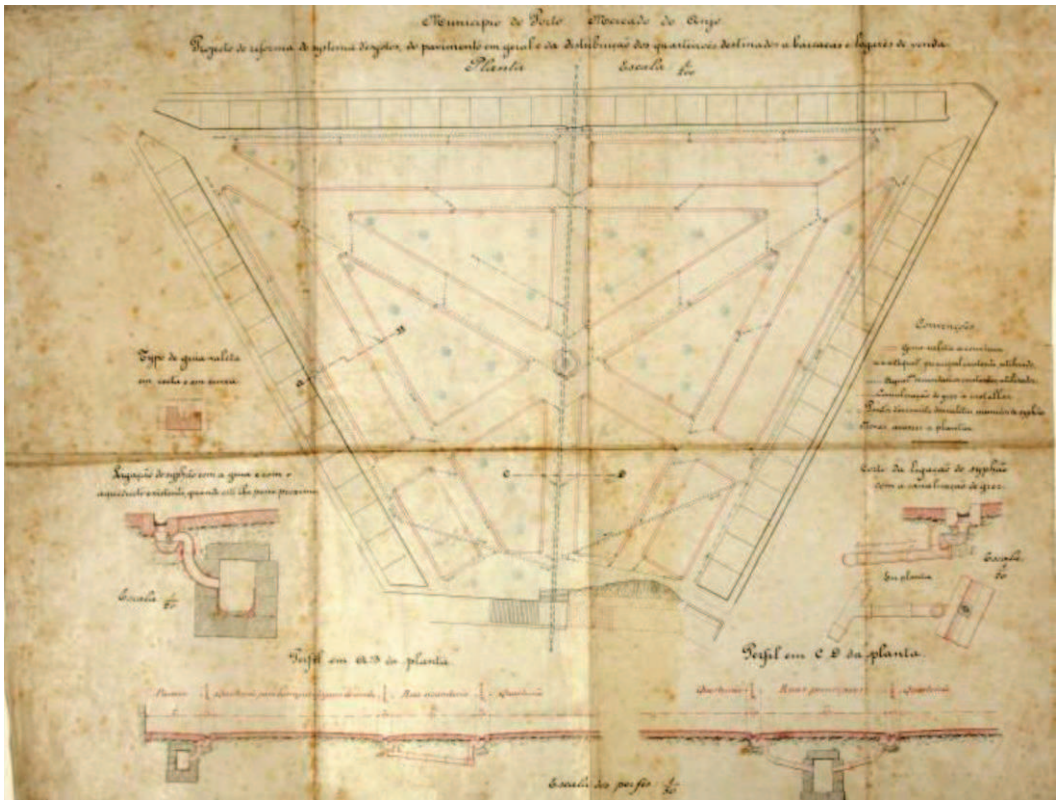


Fig. 30 - Planta Superior do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905

Fonte: GISA. (s.d.). *Mercado do Anjo* Obtido em 25 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23205/?q=mercardo+do+anjo

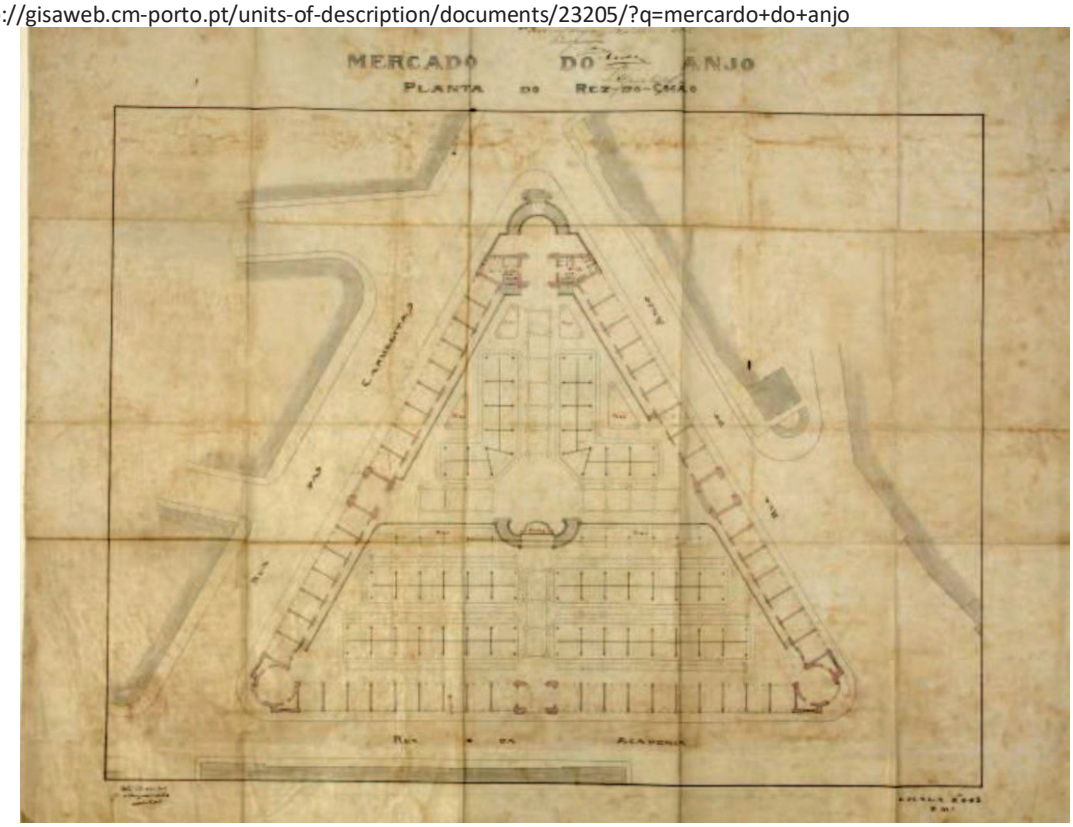


Fig. 31 - Planta Inferior do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905

Fonte: GISA. (s.d.). *Mercado do Anjo* Obtido em 25 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23205/?q=mercardo+do+anjo

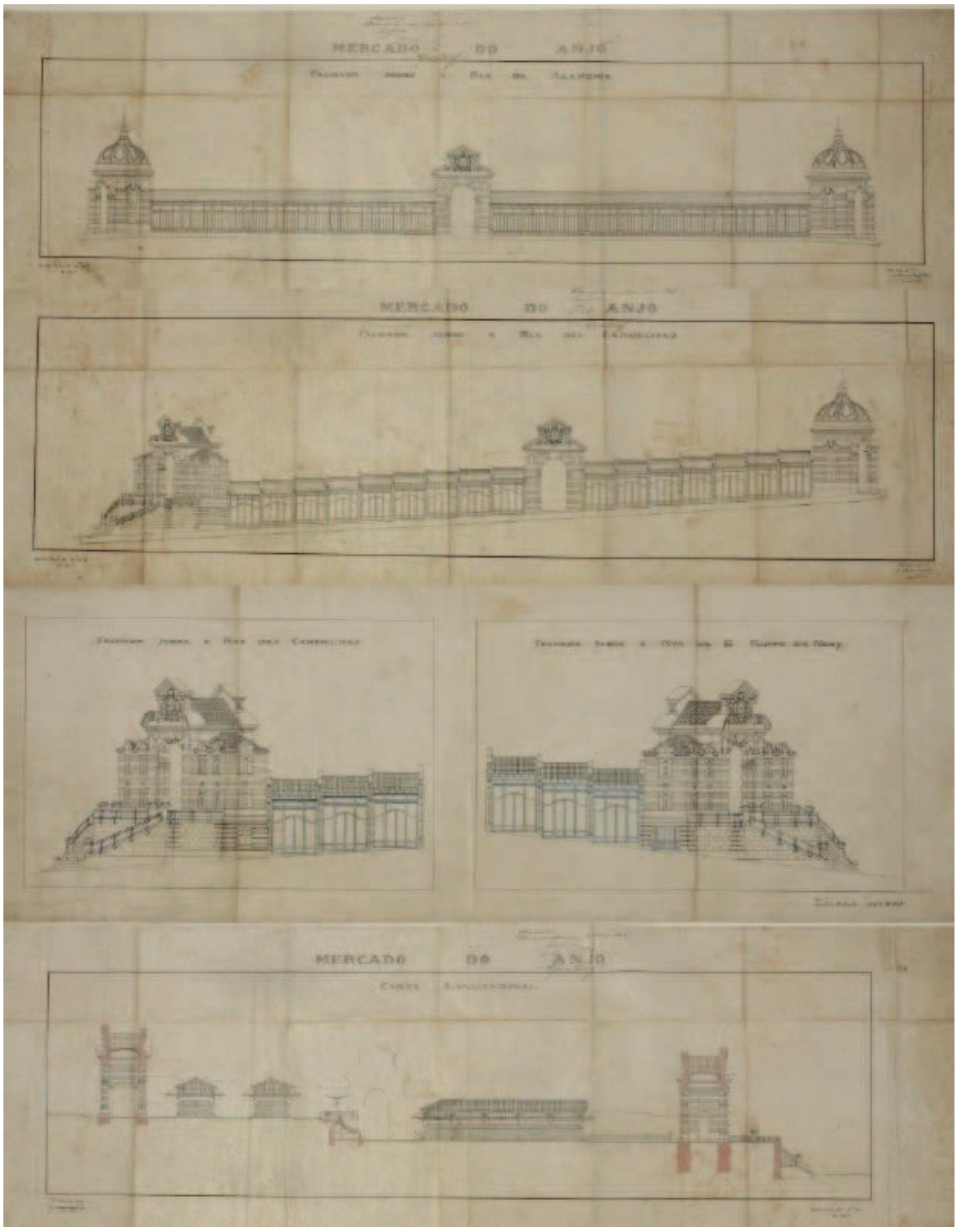


Fig. 32 - Fachada e Cortes do Mercado do Anjo, Arq. José Marques da Silva, 1905
Fonte: GISA. (s.d.). *Mercado do Anjo* Obtido em 25 de Julho de 2020, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23205/?q=mercardo+do+anjo

Em 1948 a Câmara Municipal do Porto determina a transferência do Mercado do Anjo para outros locais da cidade, de modo a proceder-se à demolição do mercado, passando a ter a função de praça até 1990, ano em que o Mercado do Anjo passa a ter nova designação – Praça de Lisboa. Em 1992, com a promoção da Câmara Municipal do Porto através do CRUARB, inicia-se a

reabilitação da Praça de Lisboa, com um novo projecto, sendo a função principal destinada a comércio e serviços, assim surge o centro comercial "*Shopping Clérigos*". O projecto de arquitectura dos arquitectos António Moura, Luís Oliveira e Susana Barbosa, revela-se um projecto pouco funcional uma vez que não estabelecia relação com a envolvente. Este factor leva ao encerramento do centro comercial em 2006.

Com o encerramento do edifício, entretanto devoluto, a Câmara Municipal do Porto promove um novo concurso em 2007 designado "*No Rules, Great Spot*" (Sem Regras, Bom Local). Este concurso apela aos arquitectos e cidadãos a responsabilidade do desenvolvimento e crescimento da cidade.[46]

Para este concurso apresentou-se apenas um único concorrente, o gabinete Balonas & Menano, que iniciou o projecto em 2010, terminando a construção em 2012 e foi inaugurado em 2013.

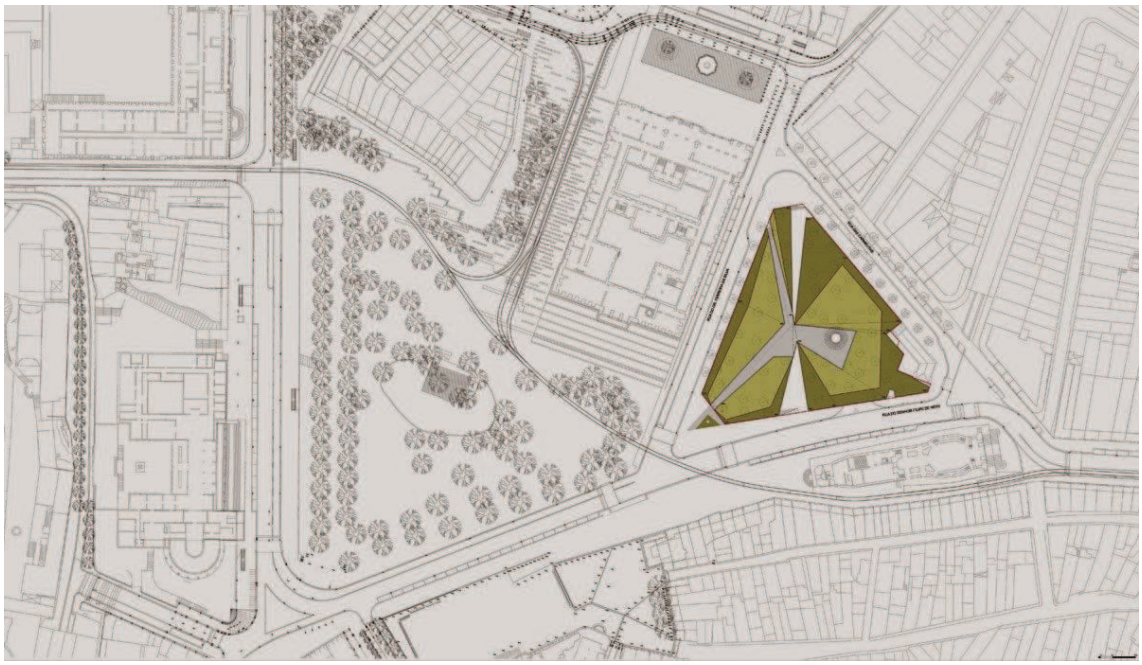


Fig. 33 - Planta de Implantação da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010
Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

"A paradigmática Praça de Lisboa, em pleno centro histórico da Cidade do Porto, parece-nos ser da maior relevância para lançar um primeiro debate sobre intervenções no espaço público, promovendo simultaneamente uma reflexão global sobre o processo de reabilitação da cidade e sobre a participação de nós enquanto cidadãos nesse processo."[47]

[46] **Sobreira, F. J**. (17 de Abril de 2011). No Rules, Great Spot! Concurso de Ideias para a Praça de Lisboa em Porto - Portugal.
[47] **IDEM.**

A construção do espaço está interligada com a frente comercial mais antiga, que se encontra agora ligado ao volume. O projecto no total apresenta 4 500m^2 de área bruta, sendo esta área dividida em três funções distintas: jardim urbano; área comercial e área de lazer. Como a tipologia do espaço tem bastante pendente, facto que acontece por toda a cidade do Porto, proporcionou aos arquitectos a possibilidade de criar espaços no interior como momentos de descompressão possibilitando vãos mais livres e que permitem-se relacionar com a envolvente. De forma a possibilitar a ligação do edifício com o espaço criado, os autores exploram as diferentes cotas de entrada tanto para o jardim como para a área comercial.

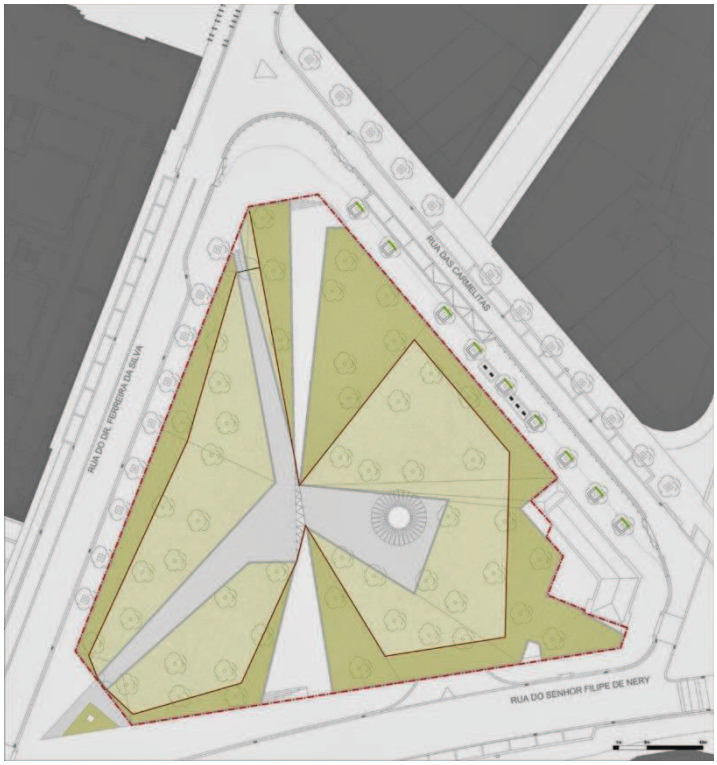


Fig. 34 - Planta de Cobertura da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/



Fig. 35 - Planta de Piso 0 da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

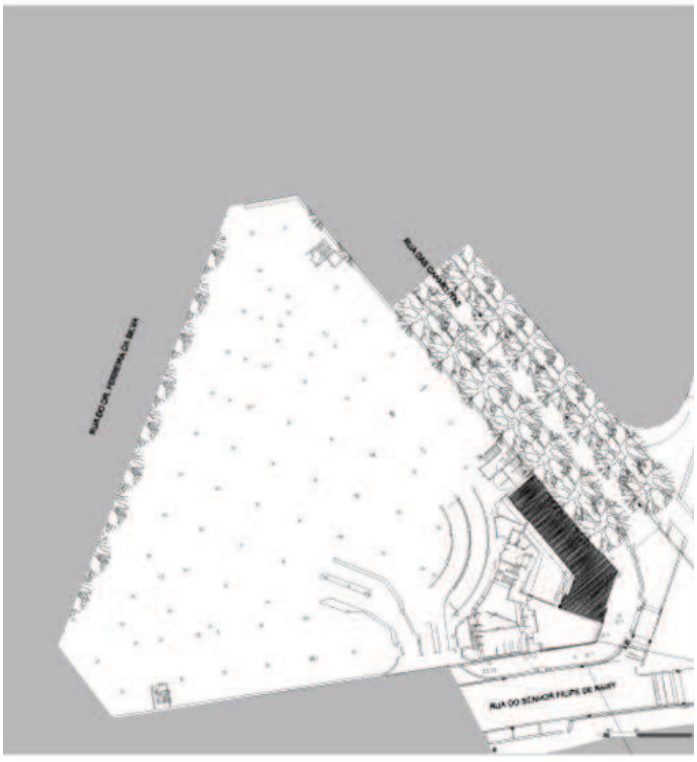


Fig. 36 - Planta de Piso -1 da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

O jardim urbano apresenta-se como cobertura ajardinada do espaço comercial. Quem faz o acesso pela Rua Dr. Ferreira da Silva não se apercebe que parte da praça se encontra sobre um edifício. Estes acessos encontram-se alinhados com a Praça Gomes Teixeira e o Jardim da Cordoaria, demostrando assim que cada um dos vértices do edifício procura relacionar-se com outros espaços da cidade.

A Praça de Lisboa sugere uma nova topografia ao terreno, pela sua forma singular permite criar espaços interiores com alturas diferenciadas e mais dignas, de forma a relacionar-se com a envolvente.[48] No contexto geral do projecto pode-se afirmar que existe a intenção de proporcionar aos utilizadores uma ligação pedonal na praça, uma vez que uma das entradas para o espaço comercial é feito à mesma cota que a famosa Livraria Lello[49], classificada como Monumento Nacional Público, fazendo assim uma entrada importante que passa pelo espaço dedicado ao comércio e chegando a outra entrada igualmente importante onde se encontra um dos pontos mais importantes da cidade – a Torre dos Clérigos – ponto importante que existia no antigo Mercado do Anjo onde se criara a entrada principal junto ao mesmo ponto de destaque naquele local.

A ligação pedonal estabelecida com as ruas das Carmelitas e a S. Filipe de Nery permite a dinâmica do espaço público sem restrições nem obstáculos, sendo este o ponto-chave da proposta – oferecer um atravessamento do espaço com a envolvente de modo a valoriza-la, tornando este percurso o mais natural possível.[50]

"*As lajes, executadas em betão armado aparente, criam a referida nova e única passagem, idealizada como rua comercial, pedonal, a céu aberto, oferecedora de sombra ou de abrigo da chuva em ambos os lados junto das suas montras e que liga a livraria Lello à Torre dos Clérigos. O perfil deste arruamento, o seu contexto e a forma de utilização proposta aos transeuntes, clientes e visitantes, trazem novo predicado ao lugar. Por sua vez, o plano de cobertura resulta em apenas dois grandes planos, concordantes e/ou comunicantes com a envolvente*."[51]

No que diz respeito ao piso inferior dedicado ao estacionamento, este encontra-se alinhado com as cotas mais baixas da envolvente o que permite a circulação de automóveis a partir da Rua dos Clérigos.[52] A forma peculiar do espaço e o tratamento dado as fachadas permite dar dinâmica ao espaço e relacionar-se com a envolvente uma vez que as fachadas foram pensadas de maneira

[48] Passeio dos Clérigos. (s.d.).
[49] Património Cultural, Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.).
[50] Passeio dos Clérigos. (s.d.).
[51] IDEM.
[52] **Architezer**. (s.d.). Praça de Lisboa.

em que algumas situações dão origem a alçados e noutras situações a pavimentos com continuidade com o passeio como acontece com a Rua Dr. Ferreira da Silva.[53]

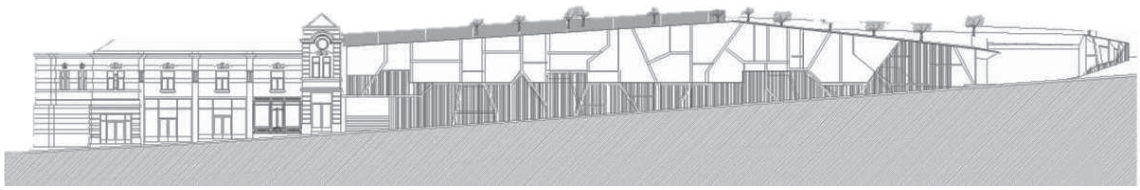


Fig. 37 - Alçado pela Rua das Carmelitas, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

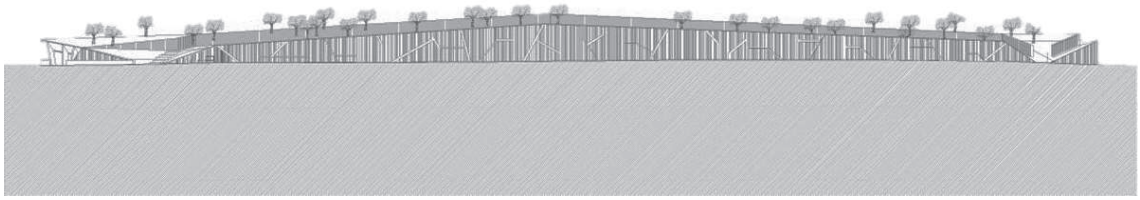


Fig. 38 - Alçado pela Rua Dr. Fernando Silva, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/



Fig. 39 - Alçado pela Rua S. Filipe de Nery, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

Além da dinâmica das fachadas, as fachadas da nova rua apresentam uma ligação com os espaços exteriores uma vez que estes são envidraçados, conferindo ao espaço uma sensação de amplitude. As fachadas de frente urbanas são construídas em betão pré-fabricado, obtendo um aspecto robusto e de estrutura visível que acaba por contrastar com os vãos em vidro com elementos estruturais metálicos de cor branca.[54]

[53] Passeio dos Clérigos. (s.d.).
[54] **Architezer**. (s.d.). Praça de Lisboa.

A cobertura ajardinada, como referido anteriormente, é dedicada à funcionalidade de espaço verde de utilização colectiva. Caracterizada pelas plantações de oliveiras, estas fazem referência ao antigo Campo do Olival localizado numa das antigas portas da cidade designada Porta do Olival (15 - Fig. 3 - Muralha Fernandina). O jardim também possui um espaço de esplanada e um restaurante, enriquecendo o espaço publico agregando o lazer com os espaços comerciais.[55]

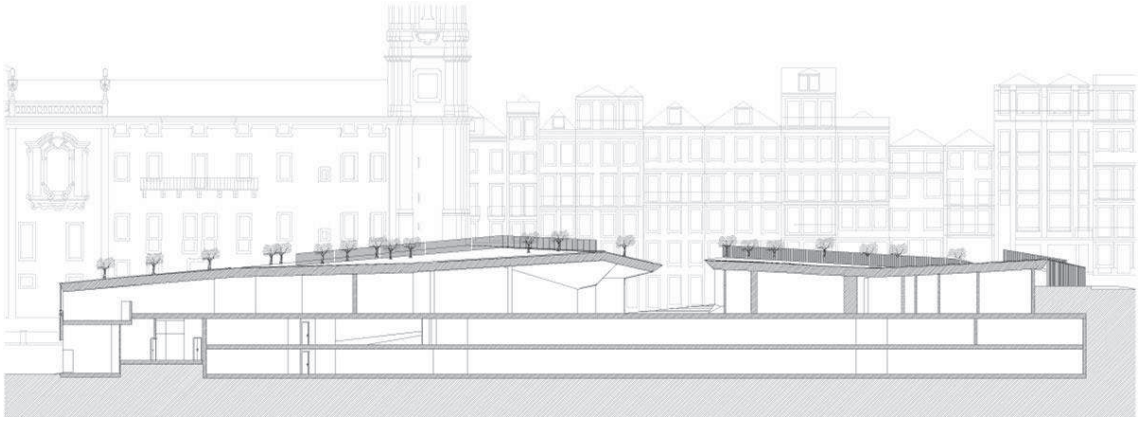


Fig. 40 - Corte pelo Edifício da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

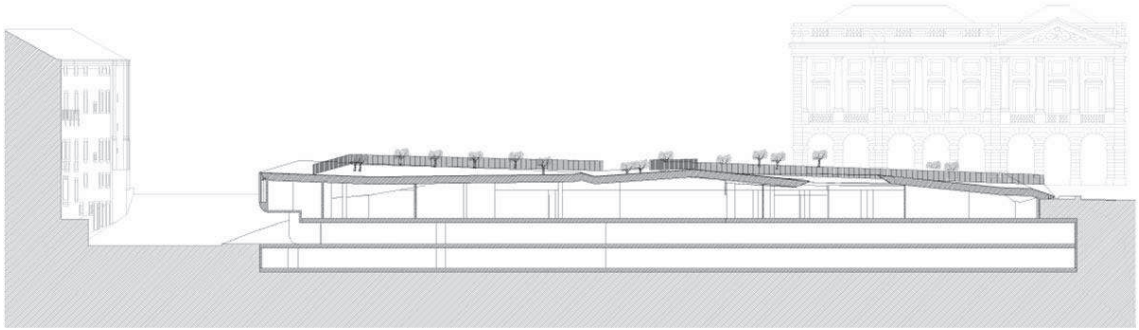


Fig. 41 - Corte do Edifício da Praça de Lisboa, Arq. Balonas & Menano, 2010

Fonte: Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 10 de Junho de 2020, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

" (…) procurou-se uma solução arquitectónica que, com total consciência e respeito pela importância patrimonial da envolvente, procura um diálogo com essa mesma envolvente, com a consciência de também ela própria estar a criar património e a deixar uma marca na história da cidade"[56]

[55] **IDEM.**
[56] Passeio dos Clérigos. (s.d.).

Em conclusão, a Praça de Lisboa valorizou um espaço importante da cidade, utilizando um edifício que se adapta a uma tipologia de terreno com diferenciadas cotas, possibilitando acessos através da criação da rua unindo os dois pontos importantes na cidade - Torre dos Clérigos e Livraria Lello, obtendo assim exemplo de integração de um edifício com um espaço público de grandes pendentes perfeitamente resolvidas. A criação deste espaço não retirou o conceito inicial de um espaço aberto para a cidade, conciliando áreas de comércio com áreas de lazer com a preocupação de não interromper este fluxo pedonal com as vivências dos espaços. Esta obra permitiu um melhoramento da cidade e em especial daquele local, removendo o carácter de espaço vazio disponibilizando um novo espaço edificado que se envolve com a cidade, permitindo a sua total integração com a cidade.

4.4 Praça de D. João I

A Praça de D. João I é criada em 1950 e foi projectada pelos arquitectos ARS (Fortunato Cabral, Morais Soares e Cunha Leão), a sua construção esta associada à edificação existente na envolvente em particular os dois prédios que fazem a limitação do espaço, a norte com o prédio "*Palácio Atlântico"* de 1950, da autoria dos arquitectos ARS e a sul o "*Rialto*" ou "*Arranha-céus*" de 1948, da autoria dos arquitectos Rogério de Azevedo e Baltasar de Castro com um anteprojecto dos ARS.



1 Palácio Atlântico **2** Arranha-céus ou Rialto

Fig. 42 - Extracto da Planta da cidade do Porto

Fonte: FIMS. (s.d.). *Fundação Marques da Silva*. Obtido em 30 de Agosto de 2020, de Porto: um mapa da arquitetura moderna (adapatado): https://fims.up.pt/index.php?cat=34&subcat=54

Com a abertura e edificação da Avenida dos Aliados nos anos 20/30, ocorreu uma deslocação do centro de actividades e comércio da zona ribeirinha, junto à Rua do Infante e Praça do Infante, para a nova parte da cidade. É através de vários equipamentos culturais (cinemas, edifícios

universitários, teatros, sedes jornalísticas) e de serviços administrativos (Bancos, Correios e o Paços do Concelho) que se começa a consolidar o novo centro da cidade do Porto. Com a mudança do centro do comércio foi necessário criar um sistema de ligação e relação entre as principais praças e equipamentos da envolvente, tornando a Avenida dos Aliados como núcleo centralizador.

Para a criação desta nova centralidade foi necessário proceder a várias demolições que acabaram por descaracterizar o tecido urbanístico deste núcleo de intervenção. A Praça de D. João I acaba por surgir numa sequência de espaços públicos e equipamentos centrais. A criação deste espaço público reflete várias experiências formais acabando por ser definido por alargamentos, correcções e alinhamentos ajustados ao traçado urbano.

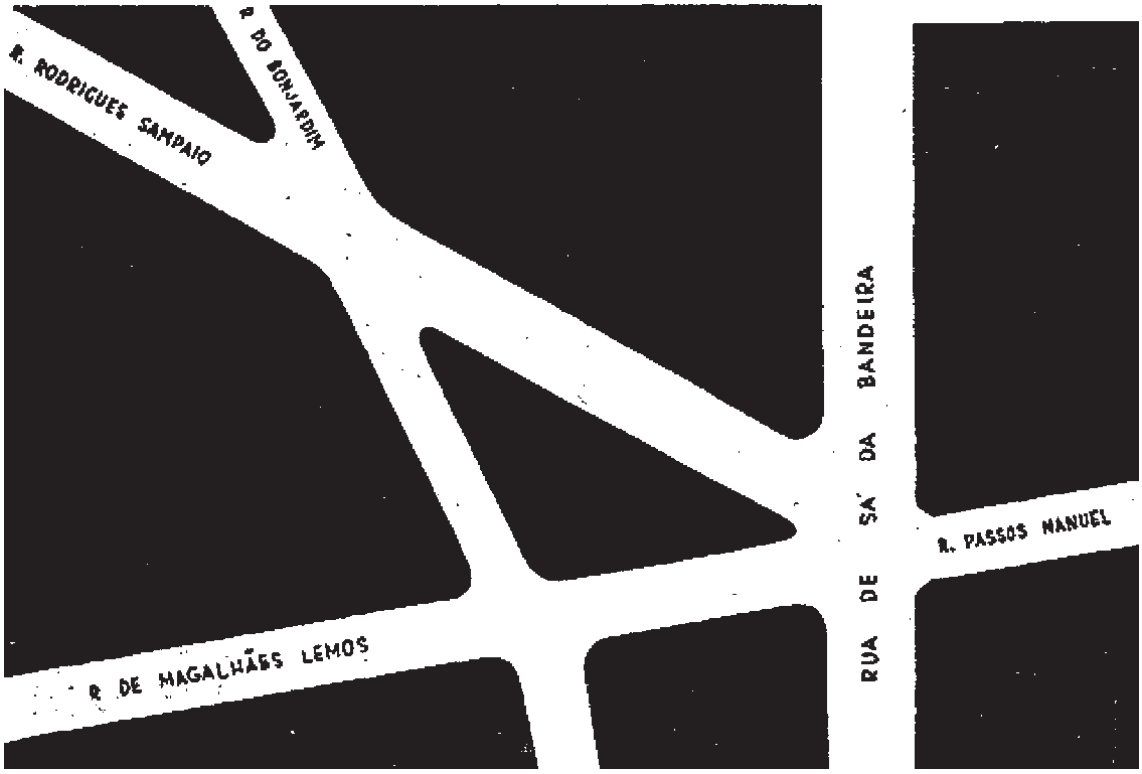


Fig. 43 - Planta do Estudo Urbanístico, Arq. Barry Parker, 1916
Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

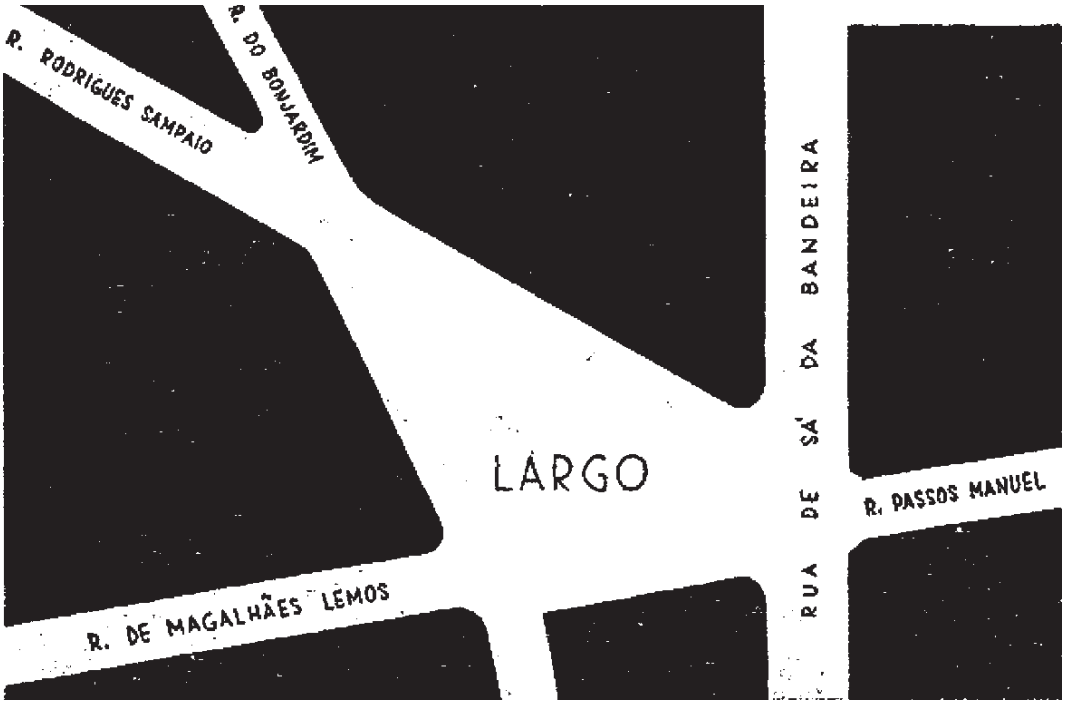


Fig. 44 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. Arménio Losa, 1939

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

Observando o Plano Parker de 1916 (Fig. 43 - Planta do Estudo Urbanístico, Arq. Barry Parker, 1916), com o traçado da configuração da Avenida dos Aliados e as suas vias radiais, podemos observar que para o local da actual Praça de D. João I não estava programado qualquer tipo de vazio. Para este local estaria programado um quarteirão triangular obtido através do prolongamento da Rua Rodrigues Sampaio até interceptar a Rua de Sá da Bandeira e com o prolongamento da Rua de Passos Manuel até ao topo da Rua Magalhães Lemos.

Com o interesse de aquisição do lado Sul por parte de uma entidade privada desta nova artéria, ligação entre a Rua de Magalhães Lemos e a Rua de Passos Manuel, surge neste local a possibilidade de construir o maior edifico do Porto e também de todo o país, na época de construção. Esta iniciativa, por parte dos arquitectos ARS, teve algumas dificuldades em ser concretizado uma vez que seria um "*Arranha-céus*" em frente a um quarteirão com edifícios de pequena dimensão.[57]

Em 1939 segundo um estudo de Arménio Losa, que integrava na altura o Gabinete de Estudo do Plano Geral de Urbanização, e perante o congestionamento do quarteirão triangular obtido nos estudos de Barry Parker, optou-se por suprimir este quarteirão dando lugar a uma praça triangular (Fig. 44 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. Arménio Losa, 1939). O lado Sul da praça ficaria definido por um quarteirão com um edifício de grandes dimensões, ainda que de forma abstracta. Este edifício que mais tarde é projectado pelo arquitecto Rogério de Azevedo e Baltazar

[57] **Arquitectos, ARS.** (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 15

Campos designando-se "*Arranha-céus*". De certa forma a actual praça acaba por ter o lado Sul definido pela Rua Magalhães Lemos e da Rua de Passos Manuel e por este quarteirão desenhado genericamente, ainda que a praça mantivesse a forma triangular e com um plano inclinado.

Já no ano 1940 o traçado triangular da praça é abandonado para dar lugar a um alargamento, de dimensões generosas tendo em atenção o edifico programado para o lado Sul (Fig. 45 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1940). Arménio Losa modifica o traçado original alargando e regularizando o espaço obtendo uma forma rectangular. Inicialmente o limite do alargamento do lado Norte seria na intercepção da Rua do Bonjardim com a Rua Rodrigues Sampaio junto "*ao prédio da Casa dos Jornalistas*"[58], mas devido á necessidade de expropriar imensas habitações levando a um dispendioso custo financeiro, houve a necessidade de reduzir a praça para cerca de metade do espaço inicial projectado.

No ano de 1944 e após a redução da praça para metade da dimensão estudada anteriormente, existe uma preocupação no que diz respeito à ocultação do edifício dos Paços do Conselho que até então se avistaria através da Rua de Rodrigues Sampaio (Fig. 46 - Plano de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1944). Dada a preocupação de não se avistar o Palácio Municipal a partir da praça, os arquitectos ARS previram "*encurvar o alinhamento Norte da futura Praça, de modo a, tangencialmente descobrir a Rua Rodrigues Sampaio; abrindo-se, assim as perspectivas do*

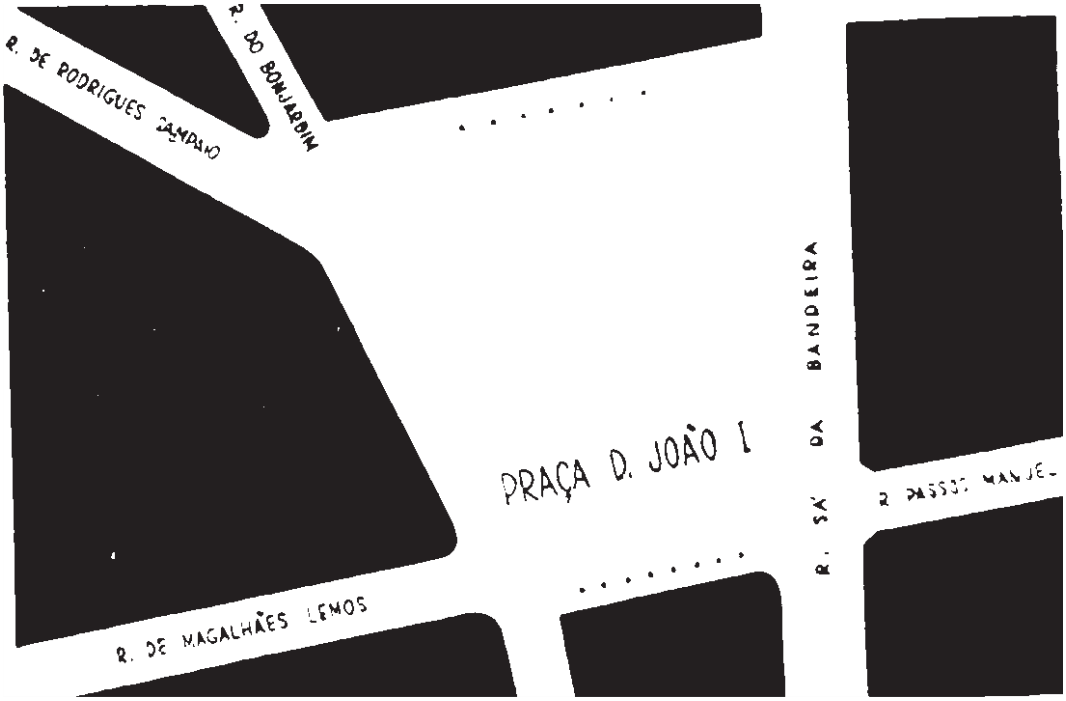


Fig. 45 - Planta de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1940
Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

[58] **Arquitectos, ARS.** (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 15

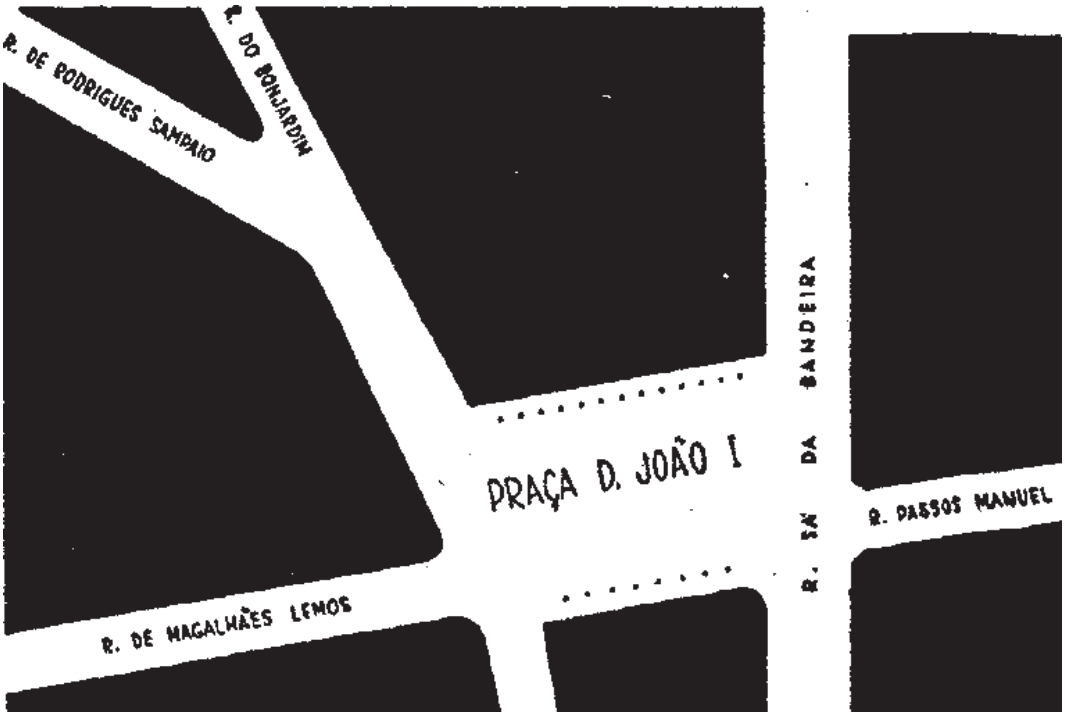


Fig. 46 - Plano de Estudo Urbanístico, Arq. ARS, 1944

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

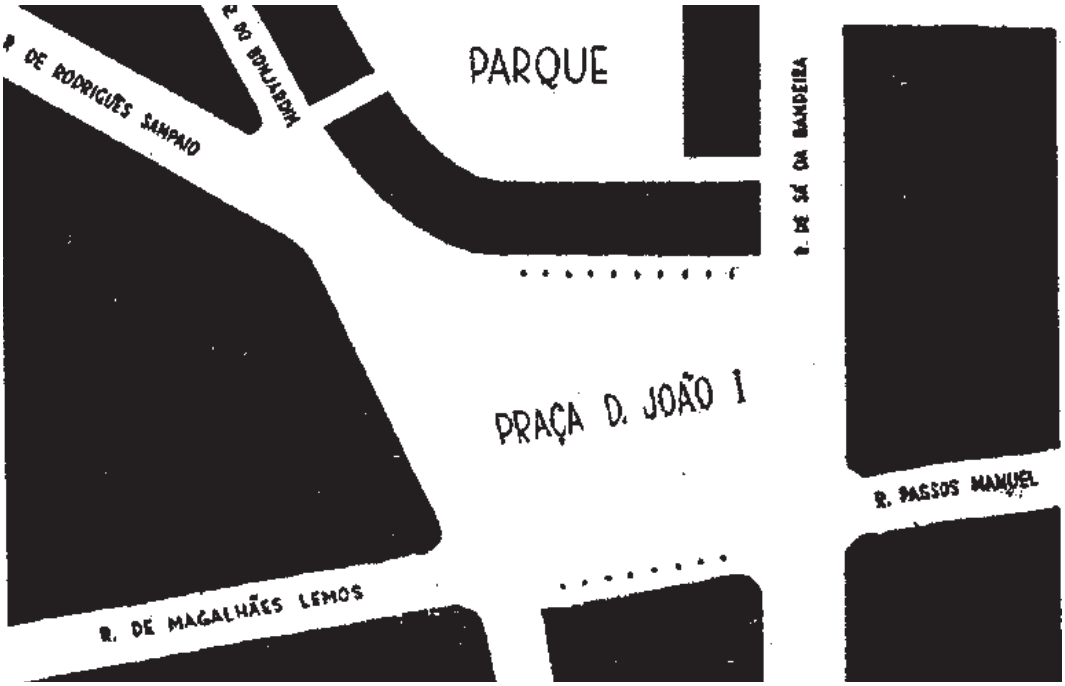


Fig. 47 - Planta Urbanística Final, Arq. ARS, 1944

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

cima da Avenida dos Aliados"[59]. Desta forma dá-se a aprovação do projecto final, onde é estabelecido os limites, alinhamentos e a construção, onde se pretendeu fixar por definitivo os

[59] **Arquitectos, ARS.** (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 15

limites da actual Praça de D. João I, obtendo uma ampla curva que permite perspectivar o cimo da Avenida dos Aliados e por sua vez o Palácio Municipal (Fig. 47 - Planta Urbanística Final, Arq. ARS, 1944).

Pela primeira vez, nesta planta a superfície da praça é tratada tendo em conta os declives e os seus limites assimétricos. Para a resolução deste problema foi previsto a criação de um estacionamento na zona central num plano de nível com entrada pela cota baixa do lado Sul. Para o lado Norte, cota alta, é criado um arruamento que prevê uma zona comercial no socalco concebido para solucionar a diferença de cotas. Nesta época, chegou a ponderar-se fazer um estacionamento de grandes dimensões ao nível inferior da praça, "*que ocuparia totalmente os fundos da futura edificação, e se estenderia pelo subsolo, para além da sua fachada posterior*."[60] Esta ideia acaba por ser abandonada devido às impossibilidades orçamentais do Município, determinando a transferência do estacionamento para o interior da praça com acesso pelas duas vias laterais.

Desta forma ficava estruturado e esquematizado o arranjo geral da Praça D. João I, que seria desenvolvida mais tarde, em simultâneo, com a construção da nova edificação o "*Palácio Atlântico*".

[60] **Arquitectos, ARS.** (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 16

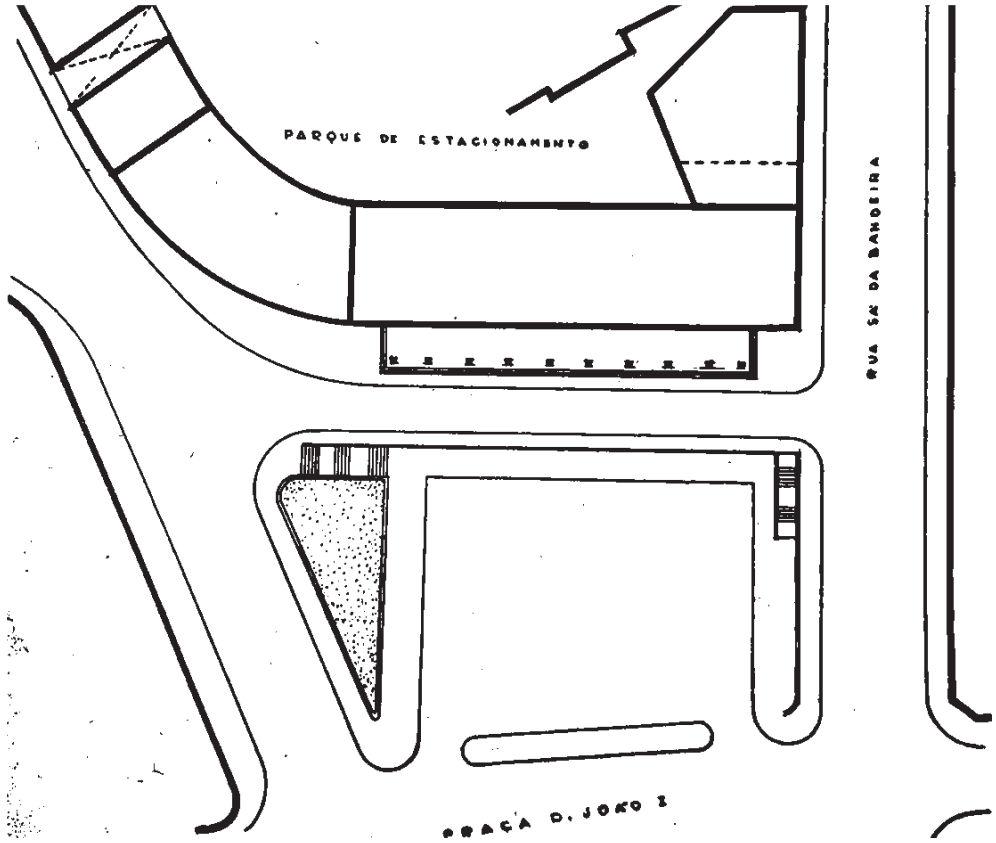


Fig. 48 - Esquema Inicial, Arq. ARS, 1948

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

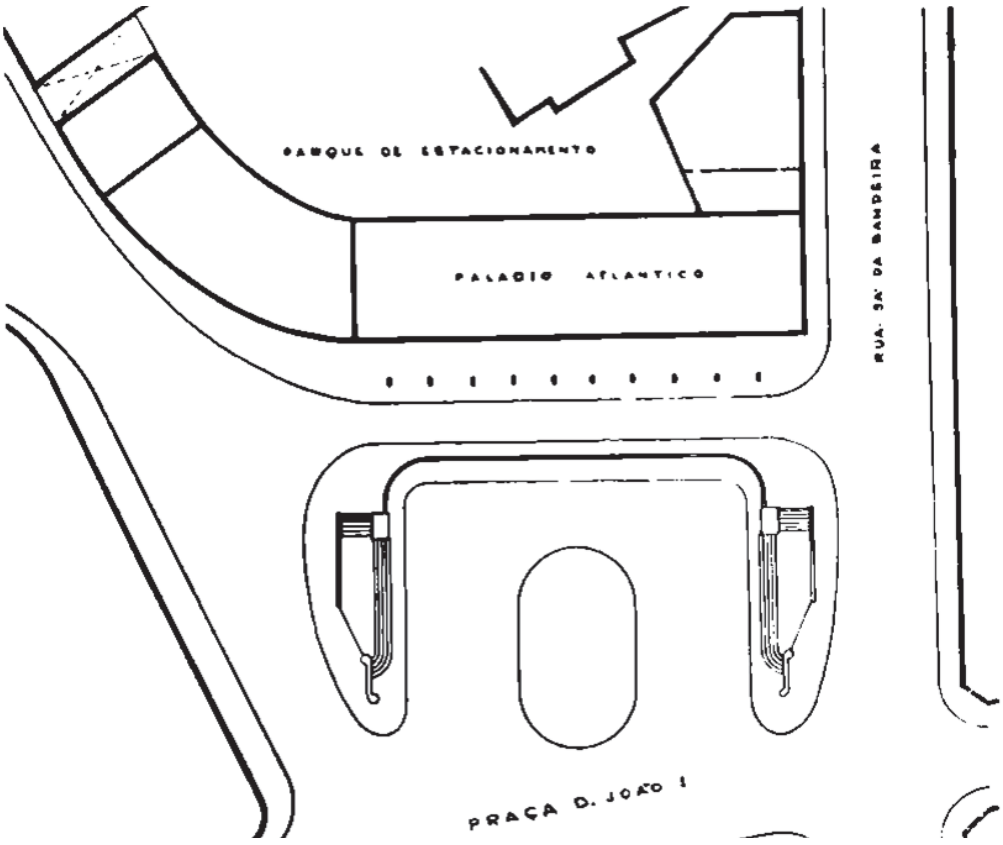


Fig. 49 - Esquema Final, Arq. ARS, 1948

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.



Fig. 50 - Desenho Primitivo, Arq. ARS, 1948

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.



Fig. 51 - Desenho da Solução Adoptada, Arq. ARS, 1948

Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

Para harmonizar os limites da praça com a Rua de Sá da Bandeira e a Rua Bonjardim, foram criados muretes que rapidamente foram "*substituídos por taludes arrelvados, com duas*

escadarias nos ângulos terminais."[61] Mais tarde, estes taludes acabam por ser retirados e substituídos por amplas escadarias laterais com dois lanços permitindo acesso directo às ruas adjacentes através dos extremos dos patamares. Esta substituição dos muretes laterais pela a escadaria permitiu que a plataforma da praça fosse vivida pelos peões criando percursos interiores, que ficam facilitados nos sentidos diagonais, em vez de "*um simples terreiro, à margem da circulação, ostensivamente destinado a depósitos de carros*".[62]

Foram idealizados vários elementos ornamentais para harmonizar o espaço. Para o passeio foram pensados desenhos inspirados na simbologia de Avis e do Atlântico em mármore e basalto.[63] Para a placa central traçou-se a rosa-dos-ventos rodeada dos símbolos do zodíaco. No centro da praça pensou-se em iluminação que abrangesse todo o espaço. Para os dois pedestais simétricos que se encontram nas escadarias, foram pensados motivos escultóricos com grande monumentalidade.



Fig. 52 - Desenho da rosa-dos-ventos rodeada dos símbolos do zodíaco
Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.



Fig. 53 - Estátuas dos Pedestais da praça através de fotografia
Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

[61] **Arquitectos, ARS**. (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 24
[62] **IDEM.** Pág. 24
[63] **IDEM**. Pág. 24

Para determinar os ajustes finais dos traçados e dos arranjos exteriores da praça e do edifício "Palácio Atlântico", foi necessária uma revisão do esquema municipal pelos ARS entre 1946 e 1948.



Fig. 54 - Fotografia da Praça de D. João I, 1973
Fonte: Arquitectos, ARS (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto.

Com a iniciativa da Capital Europeia da Cultura em 2001, o traçado da praça acaba por ser alterado e renovado conforme o projecto desenvolvido pelos arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez. Nesta intervenção o estacionamento que se encontrava à superfície da praça é transportada para o nível inferior. Como foi referido anteriormente, já se teria pensado num estacionamento subterrâneo durante os desenvolvimentos dos estudos municipais nos anos 40, mas a solução foi abandonada devido a questões financeiras.

Determina-se acabar com o trânsito automóvel dentro da praça que passa para as vias periféricas, e é retirada a "rotunda" do centro da praça que era pontuada por uma fonte. Desta forma o pavimento é renovado e revestido de forma uniforme de forma a permitir a utilização pedonal e excepcionalmente de circulação automóvel para "*cargas e descargas e acesso ao parque privado*"[64]. O desenho da escadaria em frente ao edifício do Teatro Rivoli é alterado fazendo com que a assimetria existente inicialmente desapareça, no entanto permite um acesso mais espontâneo entre a praça e o equipamento cultural.

[64] **Henriques, H. C.** (2012). Análise morfológica de alguns espaços públicos: Cidade do Porto 1910-1974. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Pág.46

Em conclusão, a Praça de D. João I surge do culminar de várias experiências formais realizadas ao longo das décadas de 30 e 40, com o complemento de dois edifícios que permitem um entendimento do espaço. "*O «Palácio Atlântico» e a Praça de D. João I são de tal modo complementares na sua singular contextura, que se tornam interdependentes*."[65]. A transformação de todo o espaço público em conjunto com as edificações principais é inserida através de um eixo de simetria que permite a estruturação da composição de todo o espaço conferindo-lhe uma certa regularização. A Praça de D. João I apresenta-se com uma forma regular e equilibrada com um plano rectangular, horizontal e harmonioso, apesar da variedade existente na sua envolvente. A leitura de todo o conjunto deve-se às invulgares frentes urbanas a Norte e a Sul e ainda pelo desenho da praça ser trabalhado em simultâneo com os edifícios integrantes do espaço e o Palácio Atlântico. A forma clara e regular de todo o traçado geométrico é determinada em conjunto pela praça e pelo edifício Palácio Atlântico. O esquema simétrico com escala monumental, permite criar um ambiente calmo e estático, adequados a uma área de lazer. O espaço surge entre o tecido urbano rodeado de sobreposições e densidades, com a necessidade dos seus constantes ajustes e expropriações. "*A dilatação do espaço público associa-se, neste caso à instituição representativa dos novos poderes económicos, a meio do século em que o capitalismo cria novos modos de vida*."[66]

[65] **Arquitectos, ARS**. (1951). A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'. Porto. Pág. 25

[66] **Henriques, H. C.** (2012). Análise morfológica de alguns espaços públicos: Cidade do Porto 1910-1974. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Pág.48

Capítulo V – A Intervenção no Largo Actor Dias

5.1 Área de Intervenção

A área de intervenção está situada na freguesia da Sé, sendo este o local escolhido para a realização do projecto de intervenção para a unidade curricular de Projecto 5.1 e Projecto 5.2. O local encontra-se na zona histórica da cidade do Porto, junto à Muralha Fernandina e no limite da área classificada como Património Mundial da Unesco. Na sua envolvente localizam-se diversos valores culturais, das quais se destacam, o Passeio das Fontainhas, o Teatro Nacional S. João, o Funicular e as escadas dos Guindas, e ainda o Largo Actor Dias.

Nas proximidades do local de intervenção situam-se também importantes locais que geram fluxos e movimentos para a zona histórica, tais como a Ponte Luís I, Praça da Batalha, a emblemática Rua de Santa Catarina e ainda o Metropolitano e Estação Ferroviária de S. Bento.

Encontrando-se junto á Muralha Fernandina do século XIV, classificada pela Unesco como Património Cultura da Humanidade, o Largo Actor Dias é um local de interesse para visitar, permitindo o crescimento turístico da zona. Apesar de nas proximidades existirem vários locais de interesse estes não eram divulgados no meio turístico.

Sendo assim, apesar do local ter bastantes potencialidades para a recepção e crescimento turístico encontra-se bastante descaracterizado e sem função, passando despercebido pelos olhares de quem visita a cidade. Deste modo, o programa proposto deverá dar resposta a esta problemática através da requalificação do Largo Actor Dias e do projecto do edifício inserido na praça. O projecto desenvolvido comtempla três valências: espaços sociais (bar e esplanada), espaços comuns (sala de audioteca e coworking), espaços privados (quartos) e ainda espaços de funcionamento (administração e serviços).

5.2 O Programa

O Largo Actor Dias encontra-se delimitado pelas seguintes ruas: Rua Arnaldo Gama e a Rua Largo Actor Dias, próximo da Universidade Lusófona do Porto, escadaria e Funicular dos Guindais e ainda do Passeio das Fontainhas actualmente descaracterizado.

O local eleito pela unidade curricular de Projecto 5.1 e 5.2, pretende requalificar o espaço público dando-lhe mais dignidade. Este espaço deverá relacionar-se com a cidade e permitir que tenha uma ligação com a envolvente permitindo que seja um espaço integrante da cidade.

De acordo com o referido no programa: "*O edifício a recuperar deverá promover a articulação das valências internas com o espaço exterior, sendo que o Largo Actor Dias acrescentará o grau de dificuldade necessário à complexidade projectual que se pretende através deste exercício. Deverão*

criar-se as condições que permitam integrar de forma coerente o edifício no lugar, e criar relações entre este e a cidade. Especial atenção deverá ser dada às acessibilidades para indivíduos com mobilidade reduzida."

O programa do Projecto desenvolvido na Unidade Curricular inclui também a reabilitação de três edifícios em ruinas que deverão funcionar como um apoio da Casa do Jazz tornando este como um ponto de referência da cidade.

Programa:

Quadro de áreas	**Áreas úteis (m^2)**
Entrada	
Átrio	10
Recepção	5
Bengaleiro	3
Zonas de Acesso Público	
Sala de Audioteca	50
Espaço de Coworking	50
Sala de Ensaios	100
Bar com esplanada exterior (deverá ter acesso interior e exterior)	115
Zona Técnica	15
Deposito Local	10
Arrumo	12
Instalações sanitárias (masculinas e femininas) com acesso a pessoas de mobilidade condicionada	15
Zonas de Acesso Reservado	
Gabinete técnico-administração	12
4 Quartos e respectivos banhos	80
Economato	15
Total	492

Fig. 55 - Quadro programático e de áreas para a elaboração do projecto
Fonte: Fornecido pelo professor de projecto, Prof. Dr. Sérgio Koch

5.3 O Projecto

Neste subcapítulo será apresentada a solução final do projecto do edificado e do projecto de requalificação do Largo Actor Dias e as suas diferentes etapas até à solução final.

5.3.1 O Edifício

O projecto do edifício encontra-se junto ao Largo Actor Dias entre duas construções pré-existentes. Este projecto dá lugar a uma construção que tenta integrar-se no conjunto urbano do edificado tendo a mesma identidade arquitectónica, com linguagem mais contemporânea, de modo a ser coerente com o que existia e com a relação de todo o conjunto.

O conjunto de três edifícios encontrava-se em total ruína, existindo apenas o piso térreo, que se optou por manter. Deste modo todo o projecto foi pensado como um volume único e novo, uma vez que não foram utilizadas quaisquer referências da construção anterior. Devido ao projecto ter sido pensado como um todo, a própria imagem do edifício teve algumas alterações sendo que o volume existente passa por ter três edifícios com variação de alturas entre os dois e os três pisos passando a ter actualmente três pisos num volume único, permitindo a possibilidade de na eventualidade dos edifícios vizinhos serem demolidos poderem ser mais altos.

A ideia principal do projecto é que o edifício se desenvolva em torno de uma escada helicoidal, que permite usufruir das vistas tanto do lado Sul, o Rio Douro e a Ponte D. Luís I, como do lado Norte, o Largo Actor Dias. A escada permite dar acesso a todos os espaços do edifício sendo estes de carácter público ou privado, permite ainda privilegiar as vistas num espaço que normalmente tem pouca luz natural e sem aberturas de vãos.

Relativamente à estrutura do edifício, esta foi idealizada de forma consciente e sustentável, sendo uma grande parte da sua estrutura é madeira. Deste modo contribui-se, de certa forma, para o mínimo impacto de poluição do nosso planeta. Para a realização deste modo de construir foi necessário investigar edifícios com o mesmo tipo de estrutura, onde se pode afirmar que esta maneira de construir começa a ganhar dimensão principalmente em edifícios construídos em altura. O edifício é estruturado com a interligação de estrutura de betão e madeira sendo que a madeira tem mais impacto no que diz respeito a todo o edifício. De modo geral os pisos são desenvolvidos com estrutura de pilar e viga à excepção do piso da cave, piso -1, uma vez que este se encontrava em contacto com o terreno e de forma a possibilitar um melhor resultado e eficiência optou-se for construir este piso em betão e o bloco do elevador uma vez que seria um elemento de grande carga. Tirando este piso, tudo o resto foi pensado de forma a obter a melhor eficiência no que diz respeitos a cargas e descargas de formas nos pilares.

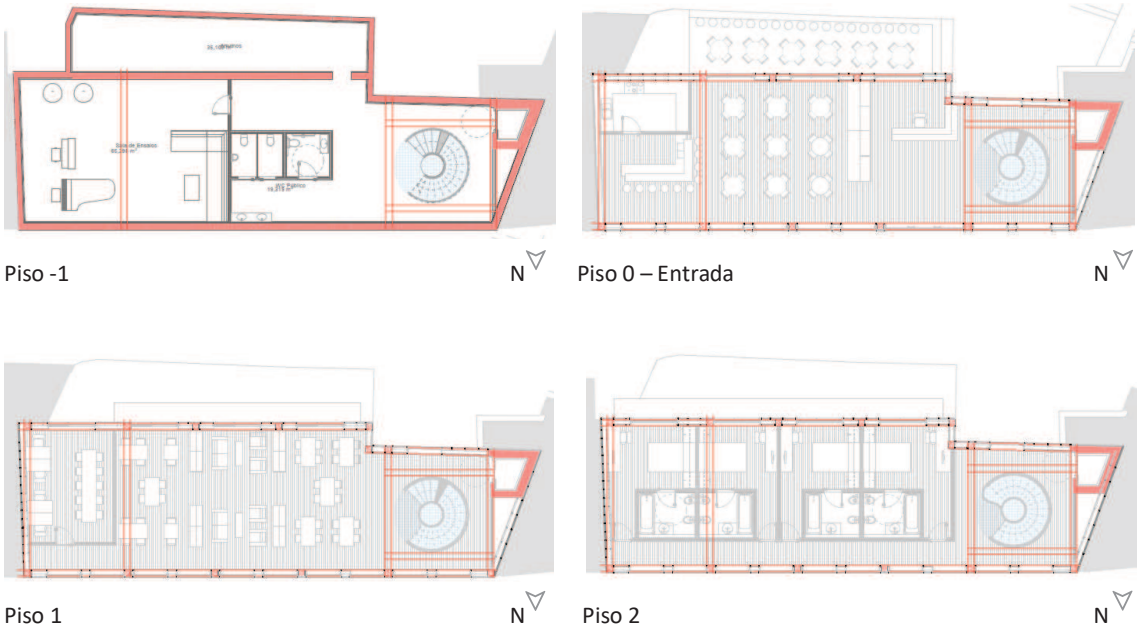


Fig. 56 - Plantas da estrutura, proposta final

Fonte: Elaborado pela autora

O programa é composto por vários compartimentos divididos entre áreas públicas, privadas e arrumos. A organização do programa é desenvolvida de forma clara, fazendo a distinção entre os espaços com maior e menor privacidade. Desta forma no piso de acesso ao edifício, piso 0, encontra-se a recepção acompanhada dos acessos verticais de modo a ser possível o supervisionamento dos espaços, neste piso temos também o bar devidamente equipado com esplanada. O bar dispõe de uma varanda virada para o rio de forma a poder-se usufruir da vista. No piso superior, piso 1, situam-se as salas de coworking e a audioteca interligadas, com acesso ao exterior através de uma varanda para o rio, de forma mais autónoma temos também o gabinete da administração. No último piso superior, piso 2, de forma mais privada colocam-se os quatro quartos devidamente equipados com WC e acesso ao exterior através de uma varanda partilhada, para garantir o acesso a pessoas com mobilidade reduzida são criados dois quartos com as devidas acessibilidades. No piso da cave, piso -1, situa-se a sala de ensaios com espaço de convívio, este local foi escolhido devido á necessidade de obter uma sala insonorizada o que para este efeito teria de ser um espaço sem vãos em vidro o que por sua vez leva a não existir luminosidade natural, neste piso encontra-se também alguns apoios e arrumos, mas também equipado com WC que dá apoio a todos os pisos públicos do edifício.

5.3.2 O Largo Actor Dias

A intervenção de requalificação do Largo Actor Dias foi pensada de forma a não se perder a sua característica forma e os seus acessos pedonais ao interior da praça. A actual praça encontra-se degradada e com pouca ou quase nenhuma utilidade uma vez que não se encontram elementos urbanos que permitam utilizar o espaço para convívio e de lazer. Assim sendo, pretende-se dar outra funcionalidade ao espaço sem descaracterizar a praça e permitir que o fluxo de pessoas abranja esta parte da cidade uma vez que quem por aqui passa é apenas para aceder à escadaria dos Guindais.

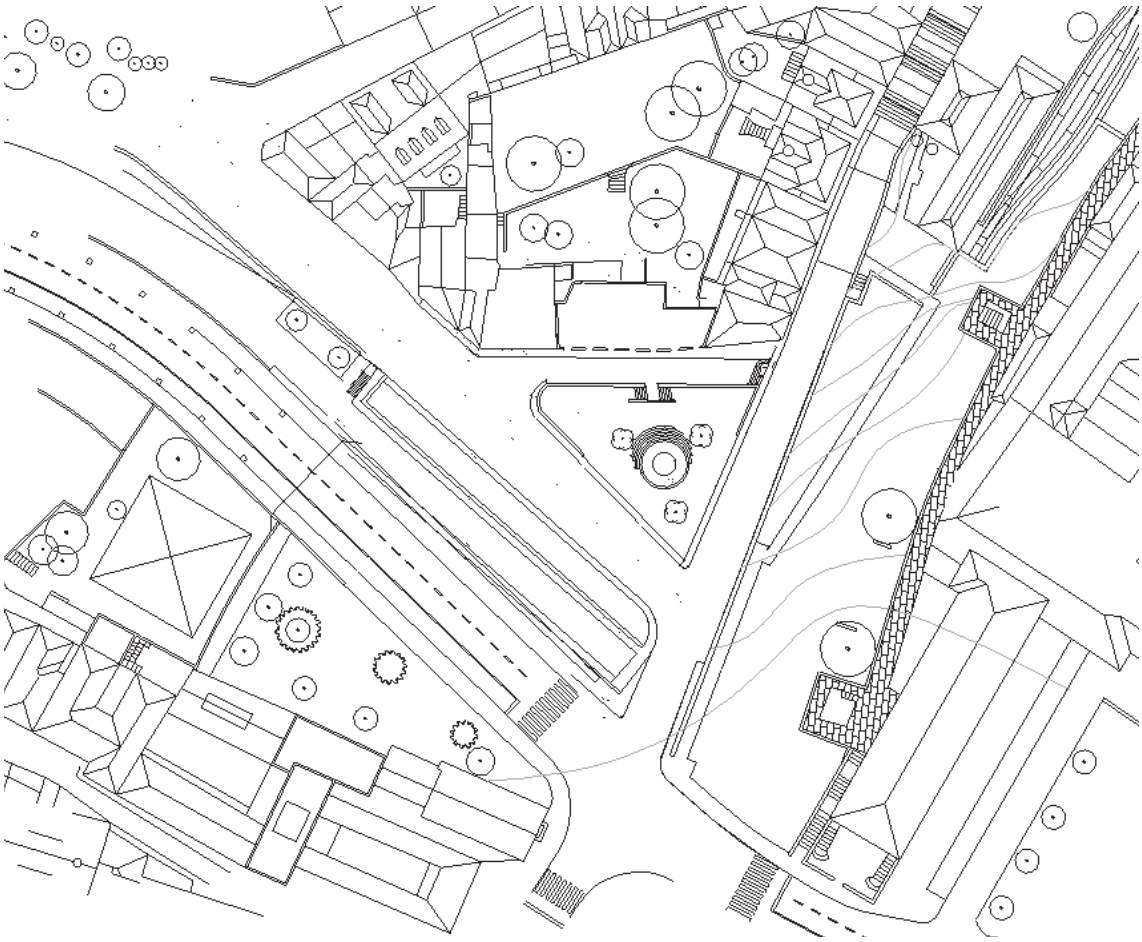
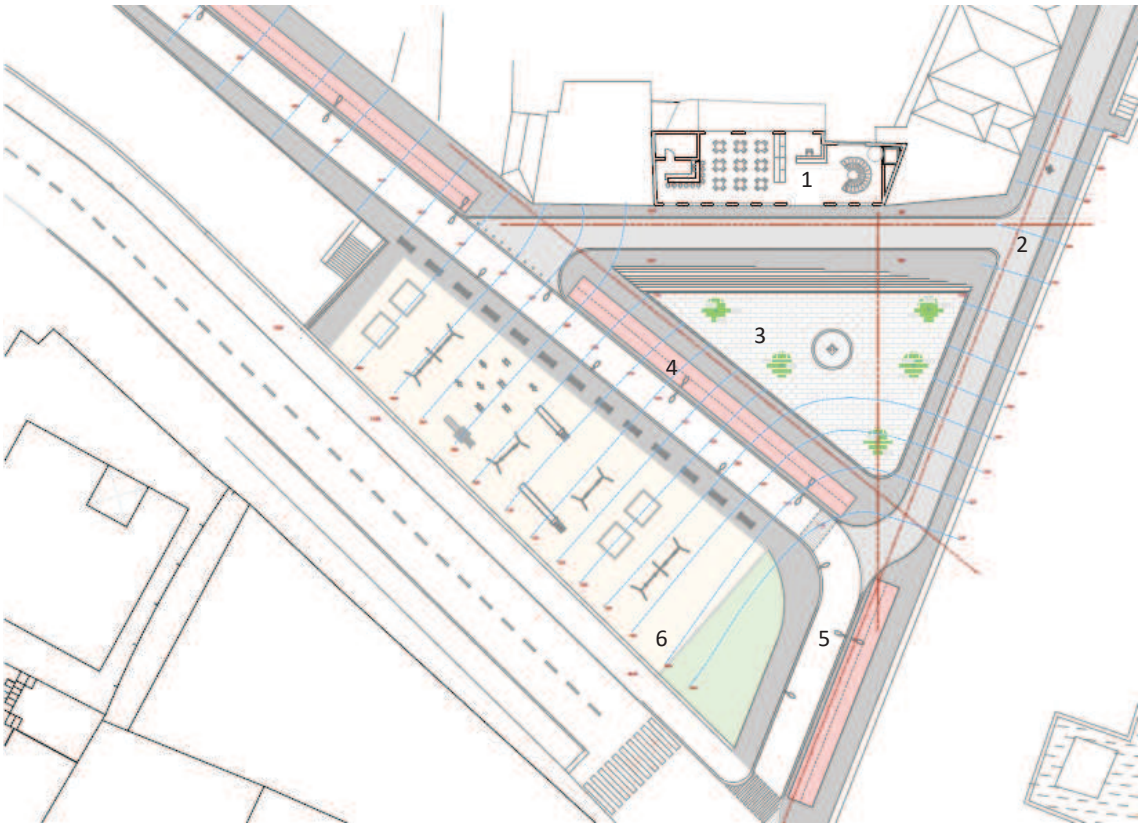


Fig. 57 - Planta actual do Largo Actor Dias

Fonte: Fornecido pelo professor de projecto, Prof. Dr. Sérgio Koch

Um dos pontos importantes e impostos pelo programa é a permanência do marco da praça, neste caso é uma fonte, que já se encontrava neste local desde o antigo Largo da Polícia. Apesar de este marco ter de permanecer na praça, há permissão para deslocá-lo desde que mantenha as suas características.



1- Edifício proposto 2- Rua secundaria 3- Largo Actor Dias 4- Ciclovia 5- Rua Principal, sentido único 6- Espaço Urbano de Utilização Coletiva

Fig. 58 - Proposta de Intervenção da Praça

Fonte: Elaborado pela autora

Os dois grandes objectivos desta intervenção passam por não perder as suas acessibilidades e tentar de certa forma "destruir" o muro existente, para este efeito foi necessário desmaterializar o muro de modo a dar uma certa leveza à única frente urbana desta praça.

O desenho geométrico da praça não teve grandes alterações, apenas houve a necessidade de alinhar os limites da praça pelas direcções dos edifícios das ruas envolventes. Desta forma existe um motivo de intenção para cada lado da praça, ao contrário do que existe no local uma vez que existem limites que estão enviesados em relação às fachadas da envolvente. Em relação aos vértices da figura geométrica optou-se por utilizar arestas "vivas" do lado Sul que acompanham os alinhamentos do edificado e por uma curvatura do lado Norte, uma vez que este ponto que a praça se encontra de nível com o passeio.

No que diz respeito à forma de desmaterializar o muro optou-se pela criação de escadas a todo o comprimento do lado Sul que vão surgindo à medida que a rua desce, desta forma permite-se uma vivência mais leve do local e de quem habita os edifícios, e com maior visibilidade para a cota alta da praça, o que até ao momento não era possível fazer.

Para regularizar a praça em termos de pavimento no seu interior e escadas optou-se por lajeado em granito de 50cm por 100cm de forma a obter um desenho de pavimento simples e agradável que interferisse o menos possível com a envolvente. Os arranjos da praça foram pensados de forma a dar vivência necessária ao espaço colocando pequenos bancos do mesmo material do pavimento junto à vegetação pensada para o local. No que diz respeito à fonte, esta não foi disposta aleatoriamente, foi pensada de forma a ter relação com o novo edifício e de maneira a ir ao encontro das mediatrizes dos limites da praça, conseguindo o lugar ideal deste marco tão importante e que caracteriza a praça há vários anos.

Para desobstruir as vias do estacionamento automóvel, facto que acontece bastante neste local devido ao facto de uma das vias ter perdido a ligação com as Fontainhas, optou-se por altear os passeios e o acesso ao estacionamento privado existente passaria a ser feito por uma outra entrada actualmente desactivada. Deste modo poder-se-á redesenhar as vias, às quais decidiu regularizar colocando passeios bem sinalizados e com as devidas dimensões. Na Rua do Largo Actor Dias será prevista uma ligação com o antigo passeio das Fontainhas, apenas na direcção Norte/Sul de forma a evacuar o trânsito para outra parte da cidade. Para esta rua foi pensada uma ciclovia, uma vez que esta ideia está cada vez a ser mais aceite pela população, e uma vez que se encontra numa zona histórica com vista privilegiada para o rio, fazia sentido a sua criação acompanhada de passeio para peões. A posição da ciclovia foi escolhida de modo a salvaguardar os peões do meio automóvel e dar uma certa leveza às habitações existentes criando um espaço mais seguro.

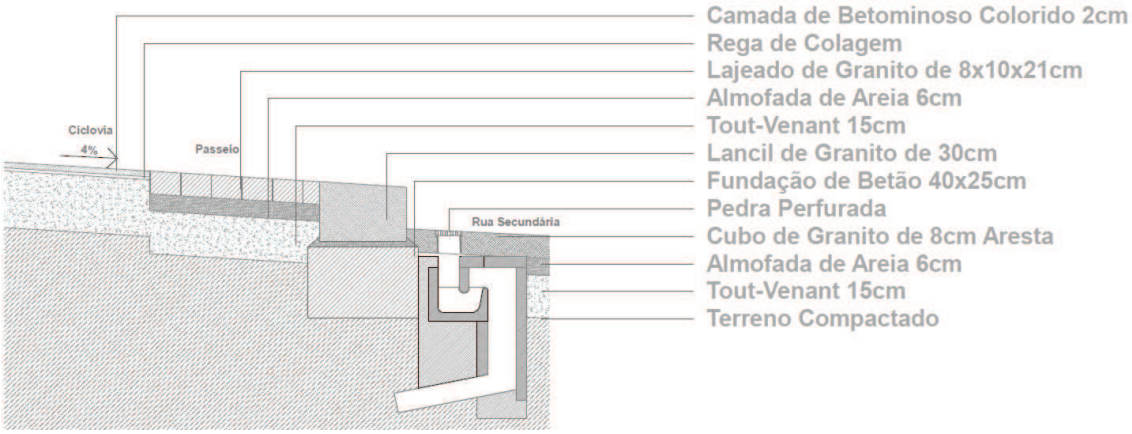


Fig. 59 - Detalhe construtivo, ciclovia e rua

Fonte: Elaborado pela autora

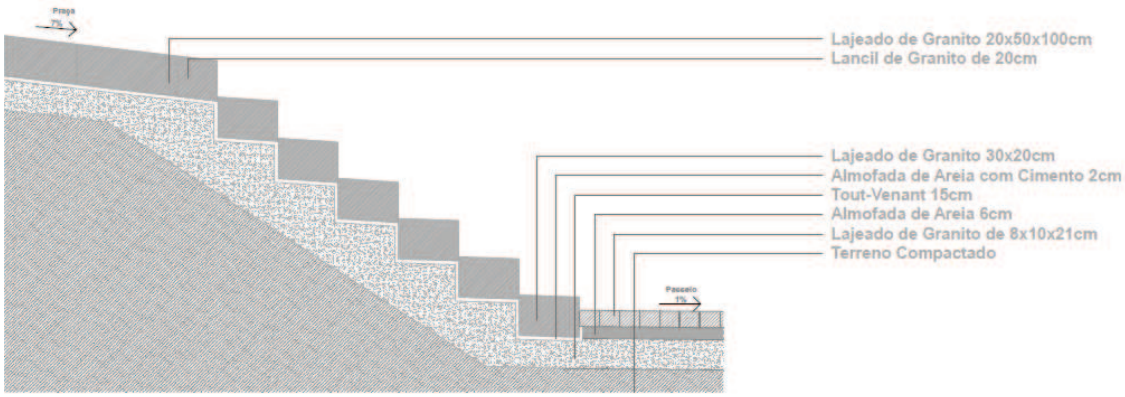


Fig. 60 - Detalhe construtivo, praça e rua

Fonte: Elaborado pela autora

No actual acesso ao estacionamento privado, uma vez que foi "deslocado" para um outro acesso desactivado, foi projectado um parque infantil, uma vez que nas redondezas não existem espaços urbanos de utilização colectiva para a população mais jovem. Deste modo, o espaço é pensado para a diversão dos mais novos, enquanto os seus cuidadores podem usufruir do espaço renovado do Largo Actor Dias.

Capítulo VI – Conclusão

6.1 Considerações Finais

Neste capítulo pretende-se apresentar as opções realizadas no projecto de Requalificação do espaço urbano – o Largo Actor Dias – e de que forma os casos estudados tiveram influência na forma de pensar e solucionar os problemas encontrados ao longo do processo de criação da proposta final. Demostrando o processo de desenvolvimento do projecto de requalificação e qual a razão por cada uma das propostas ter sido descartada.

Primeiramente, numa ideia que não chegou a ser projectada, pensou-se em desenhar um apoio de turismo ou mesmo um café com esplanada, assim como acontece na Praça de Lisboa, a ideia seria construir um equipamento por baixo do patamar do largo. Para realizar esta ideia seria necessário elevar o largo, criando uma fachada ou invés do muro que existe, e criar um espaço de lazer. No entanto esta ideia foi automaticamente eliminada uma vez que o largo não tem proporções para albergar um equipamento desta dimensão á semelhança do que acontece na Praça de Lisboa.

Inicialmente a ideia de requalificação do Largo Actor Dias passava por dar continuidade às escadas dos Guindais, numa tentativa de relacionar o largo com as icónicas escadas deste local. No entanto esta relação acaba por se perder uma vez que o projecto daria continuidade à via automóvel que já existe no local, numa forma de permitir a continuação do acesso às habitações como existe actualmente.

O Largo seria colocado em socalcos de forma a acompanhar as escadas que foram criadas utilizando estes pequenos socalcos como bancos de estar, do lado da via principal e de forma a colmatar os desníveis dos patamares do largo foram criados uns pequenos muretes permitindo a utilização como bancos junto ao passeio e à ciclovia. O espaço onde actualmente é realizada a entrada para o parque de estacionamento privado é retirado e para esta área é desenhada um pequeno parque urbano.



Fig. 61 - Planta da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

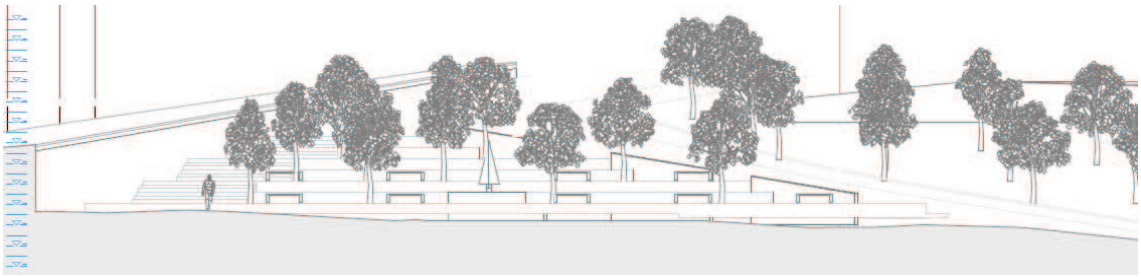


Fig. 62 - Perfil da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora



Fig. 63 - Corte da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

De certa forma a proposta faz com que se perca a geometria inicial e uma leitura como largo, fazendo com que se perca a sua essência e de certa forma as suas origens. Este problema não é muito diferente há imagem do que acontece com o projecto de Virgínio Moutinho na Praça de Carlos Alberto, (Fig. 26 - Planta da Proposta de Intervenção, Arq. Virgínio Moutinho, 2001) aparente semelhança na forma de ambos os locais leva a uma "deformação" das suas geometrias que quebra a relação com a envolvente. Desta forma ambos os locais permanecem com os mesmos limites da forma inicial.

Uma outra proposta realizada, na sequência da anterior, teve como intenção eliminar a ideia de continuidade das escadas dos Guindais prolongando o largo até ao muro de suporte da área ajardinada junto da Muralha Fernandina.

Numa tentativa de resolver o problema de diferença de cotas, optou-se por colocar o largo junto ao muro e num único patamar com alguma inclinação, desta forma a resolução passava por criar ligação entre a cota superior e inferior do largo. Após o estudo da Praça de D. João I a resolução de um problema semelhante passa por criar escadarias que acompanham as inclinações das ruas laterais, desta forma a resolução deste problema passa por uma solução idêntica, onde é criada uma escada que vai desvanecendo com a inclinação, do lado Sul e Este.



Fig. 64 - Planta de Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

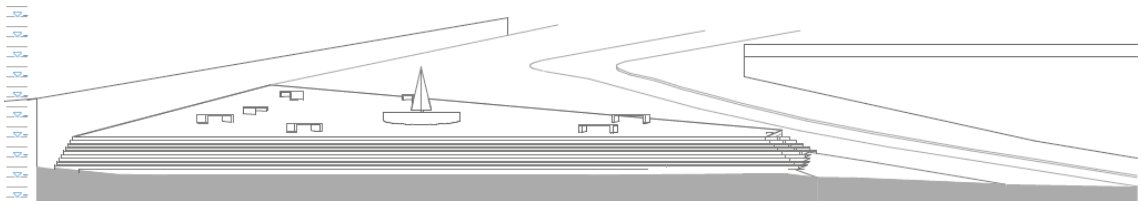


Fig. 65 - Perfil da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

Analisando todos os problemas e resoluções possíveis, numa tentativa de chegar à solução ideal, a penúltima solução passou por manter a geometria original, aperfeiçoando os alinhamentos das ruas circundantes. Nesta proposta deu-se preferência ao lado Sul do largo, para receber as escadas, situação que já existe, com a diferença de que as escadas da proposta resultam do comprimento total do largo ao invés de um ponto específico.

A dificuldade desta proposta é devido ao alteamento de todo o largo a partir do ponto mais alto, este altear de todo o patamar cria um outro problema que já se encontrava

praticamente resolvido no local. O limite do lado Oeste fica mais saliente do que seria necessário e acaba por ser visto como um obstáculo visual de quem sobe pelas escadas dos Guindais. Outro problema que acaba por ser criado com a necessidade de obter os alinhamentos encontra-se na via do lado Oeste que vai afunilando, descaracterizando o aspecto actual do local.

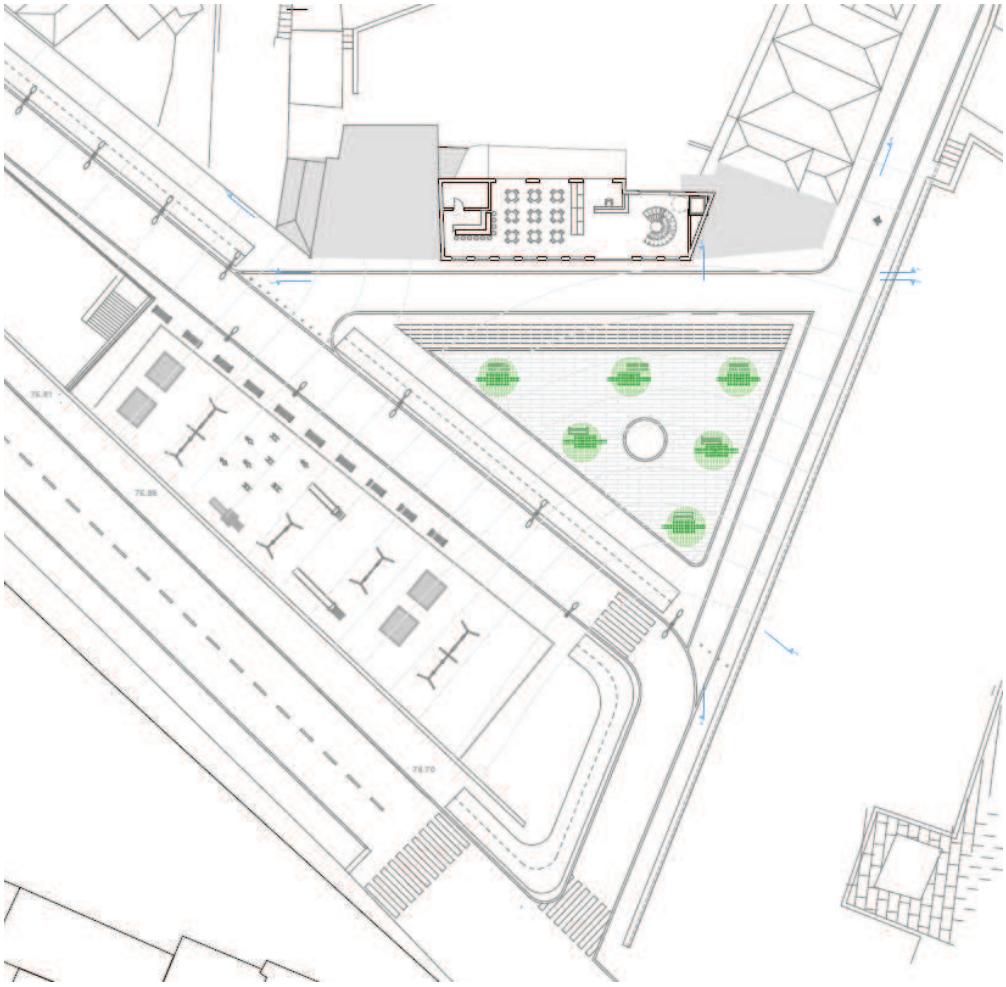


Fig. 66 - Planta da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

Como proposta final, foi utilizado como base a proposta anterior de modo a aperfeiçoar e solucionar os problemas criados ao longo das várias tentativas. Contrariamente à proposta anterior que apenas utiliza uma pendente, a proposta final utiliza duas pendentes onde a superior faz-se acompanhar pelas três primeiras curvas de nível que atravessam o largo, encontram-se a cada 50cm, e a segunda pendente foi projectada de forma a suavizar a descida do largo até às escadas. Esta pendente foi calculada de forma a não criar barreiras entre as ruas laterais do Largo Actor Dias, deste modo consegue-se obter apenas um patamar com duas

pendentes contrariamente às propostas anteriores que acabam por ter socalcos determinando a divisão do espaço que fica sem ligações entre si.

No que diz respeito às escadas, foram projectadas de forma a irem desvanecendo ao longo do passeio Sul na direcção Este para Oeste permitindo a resolução do problema na proposta anterior que do lado Oeste dava origem a uma barreira física.

A via rodoviária que se encontrava afunilada na proposta anterior, na proposta final é reposta como se encontra actualmente com a diferença de que os passeios se encontram devidamente definidos. Uma vez que a via rodoviária do lado Este era bastante larga, permitiu a criação de dois passeios generosos e a possibilidade de projectar uma ciclovia que permite criar uma barreira para os peões afastando-os do possível movimento da rua.

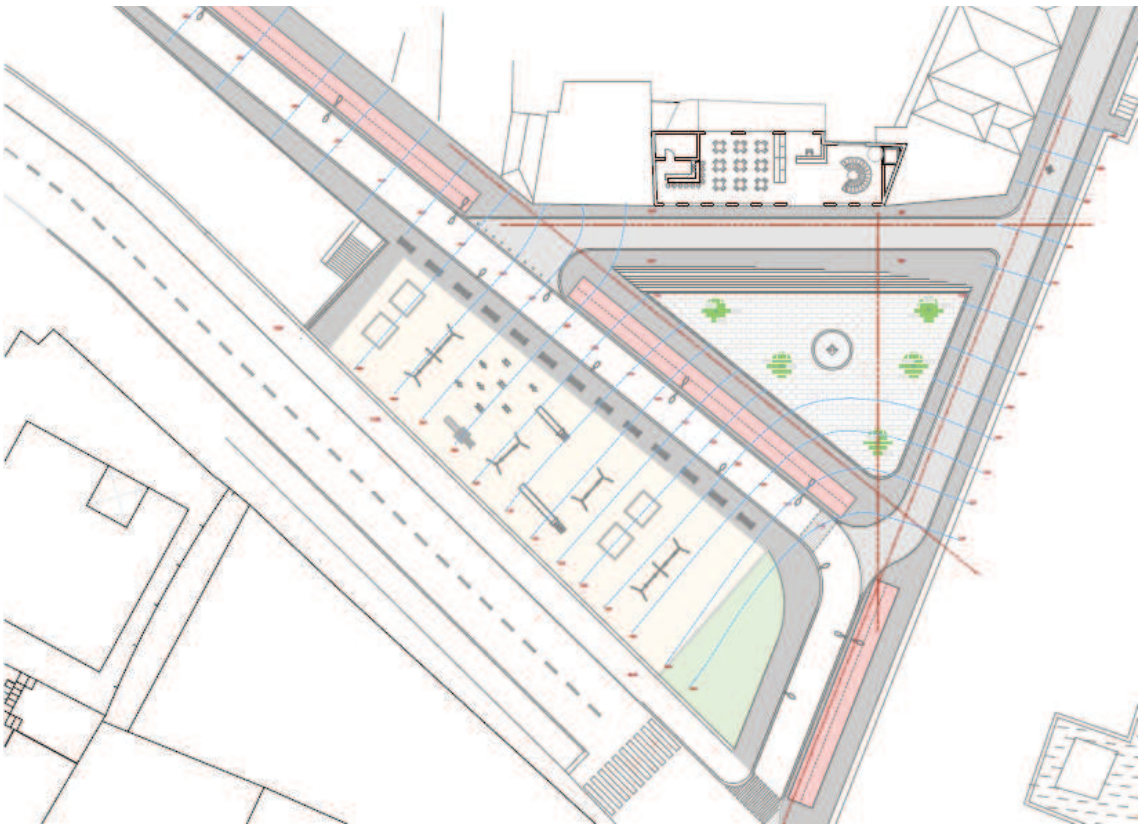


Fig. 67 - Planta Final da Proposta do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

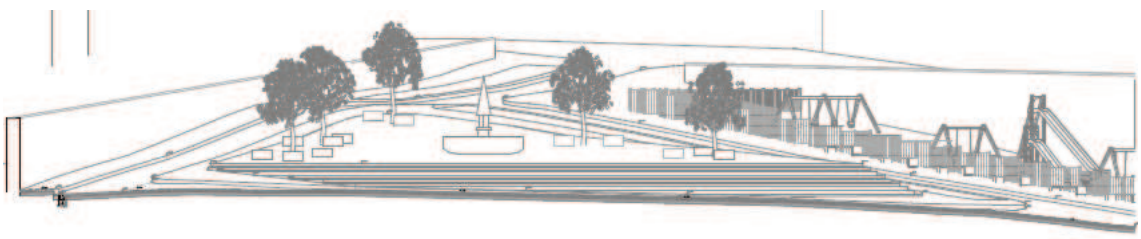


Fig. 68 - Perfil da Proposta Final do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora



Fig. 69 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora



Fig. 70 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

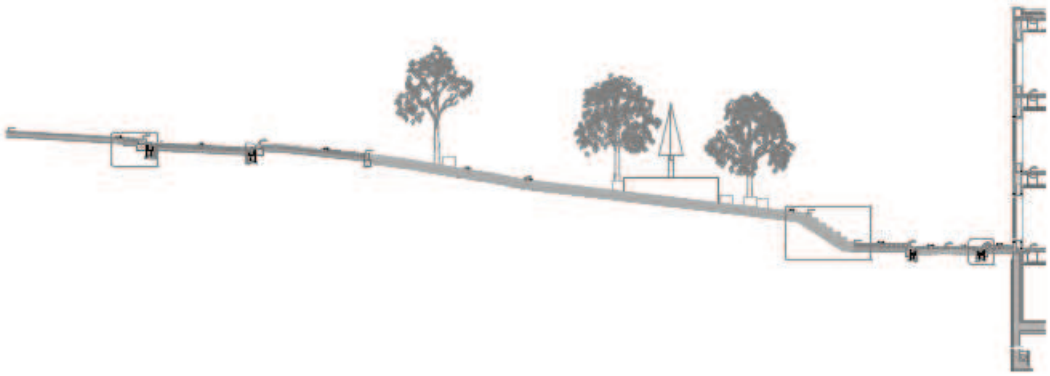


Fig. 71 - Corte da Proposta Final do Largo Actor Dias

Fonte: Elaborado pela autora

Referências Bibliográficas

Plano de Pormenor da Rua General Sousa Dias (Duque de Loulé), Termos dfe Referência. (2018). Porto: Porto. Câmara Municipal.

Afaconsult. (04 de Abril de 2013). *Premios nacionais de Reabilitação Urbana Passeio dos Clérigos distinguido como Melhor Intervenção de Uso Comercial*. Obtido em 19 de Julho de 2020, de rosto.pt: http://www.afaconsult.com/uploads/FicheirosImprensa/2855_3.pdf

Architezer. (s.d.). *Praça de Lisboa*. Obtido em 2020 de Junho de 10, de Architezer: https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/

Arquitectos, A. (1951). *A Praça D. João I e o seu 'Palácio Atlântico'.* Porto.

Barbosa, M. A. (2002). *As praças da Cidade do Porto.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Brandão, P. (16 de Maio de 2018). Espaço Público Urbano. (TSF, Entrevistador)

Carvalho, I., Bento, J., Costa, P., & Santos, R. (2018). *Ocupação do Solo: Relatório de Caracterização e Diagnostico.* Porto: Câmara Municipal do Porto.

Couto, J. (2003). *Praça de Carlos alberto.* Porto: Livraria Vieira.

CRUAB. (1999). *O Centro Histórico do Porto.* Porto: Câmara Municipal do Porto.

FAUP. (2001). *Porto 2001: regresso à baixa.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Fernandes, F. B. (2001). *Centro Histórico: 1969-2001.* Porto: Ordem dos Arquitetos.

Fernandes, J. G. (1983). *Centro histórico do Porto: dar futuro ao nosso passado.* Porto: Associação dos jornalistas e homens de Letras do Porto.

Gallego, J. R., Távora, F., Tavares, D., & Fernández, S. (2003). *Renovación, restauración y recuperación arquitectónica y urbana en Portugal.* Granada: UG.

Gandra, R. M. (2018). *Relação do Edificado na Reabilitação do Espaço Urbano, Dissertação de Mestrado em Arquitetura.* Porto: Universidade Lusófona do Porto.

GISA. (s.d.). *Mercado do Anjo. 1839-1948*. Obtido em 2020 de Julho de 29, de Arquivo Municipal do Porto: http://gisaweb.cm-porto.pt/creators/43466/

Henriques, H. C. (2012). *Análise morfológica de alguns espaços públicos: Cidade do Porto 1910-1974.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Júnior, J. A. (2014). *Entre o Plano e o Espaço, EAPA, Dissertação de Mestrado em Arquitetura.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Krier, R. (1979). *Urban Space.* Londres: Academy Editions.

Lamas, J. M. (2004). *Morfologia urbana e desenho da cidade.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Marques, P. F. (2011). *Morfologia e biodiversidade nos espaços verdes na cidade do Porto.* Porto: CIBIO.

Martelo, D. (2001). *Cerco do Porto: 1832-1833: a cidade invicta.* Lisboa: Prefácio-Edição de Livros e Revistas.

Matias, I. M. (2001). *A cidade através da praça. Da cidade mercantil á cidade moderna.* Porto.

Moreira, M. d. (Dezembro de 2007). Requalificação urbana: alguns conceitos básicos. *Artitextos, N.º 5*, 117-129.

Norberg-Schulz, C. (1999). *Arquitectura Occidental.* Barcelona: Gustavo Gili.

Oliveira, V. M. (2013). *A evolução das formas urbanas de Lisboa e do Porto nos séculos XIX e XX.* Porto: Universidade do Porto.

Passeio dos Clérigos. (s.d.). Obtido em 2020 de Julho de 12, de Prémio Nacional de Reabilitação Urbana: https://premio.vidaimobiliaria.com/candidato/passeio-dos-cl%C3%A9rigos

Patrimonio Cultural, Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.). Obtido em 16 de Outubro de 2020, de Livraria Lello e Irmão: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72272

Serdoura, F. M. (2006). *Espaço público, vida pública - o caso do parque das nações.* Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Serdoura, F. M. (Dezembro de 2007). As dimensões do espaço urbano público. *Artitextos, N.º 5*, 149-156.

Silva, M. M. (2009). *Forma e circunstância : a praça na cidade portuguesa contemporânea.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Sobreira, F. J. (17 de Abril de 2011). *No Rules, Great Spot! Concurso de Ideias para a Praça de Lisboa em Porto - Portugal*. Obtido em 19 de Julho de 2020, de concursosdeprojecto.org: https://concursosdeprojeto.org/2011/04/17/norulesgreatspot/

Távora, F. (1999). *Da organização do espaço* (4ª ed.). Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

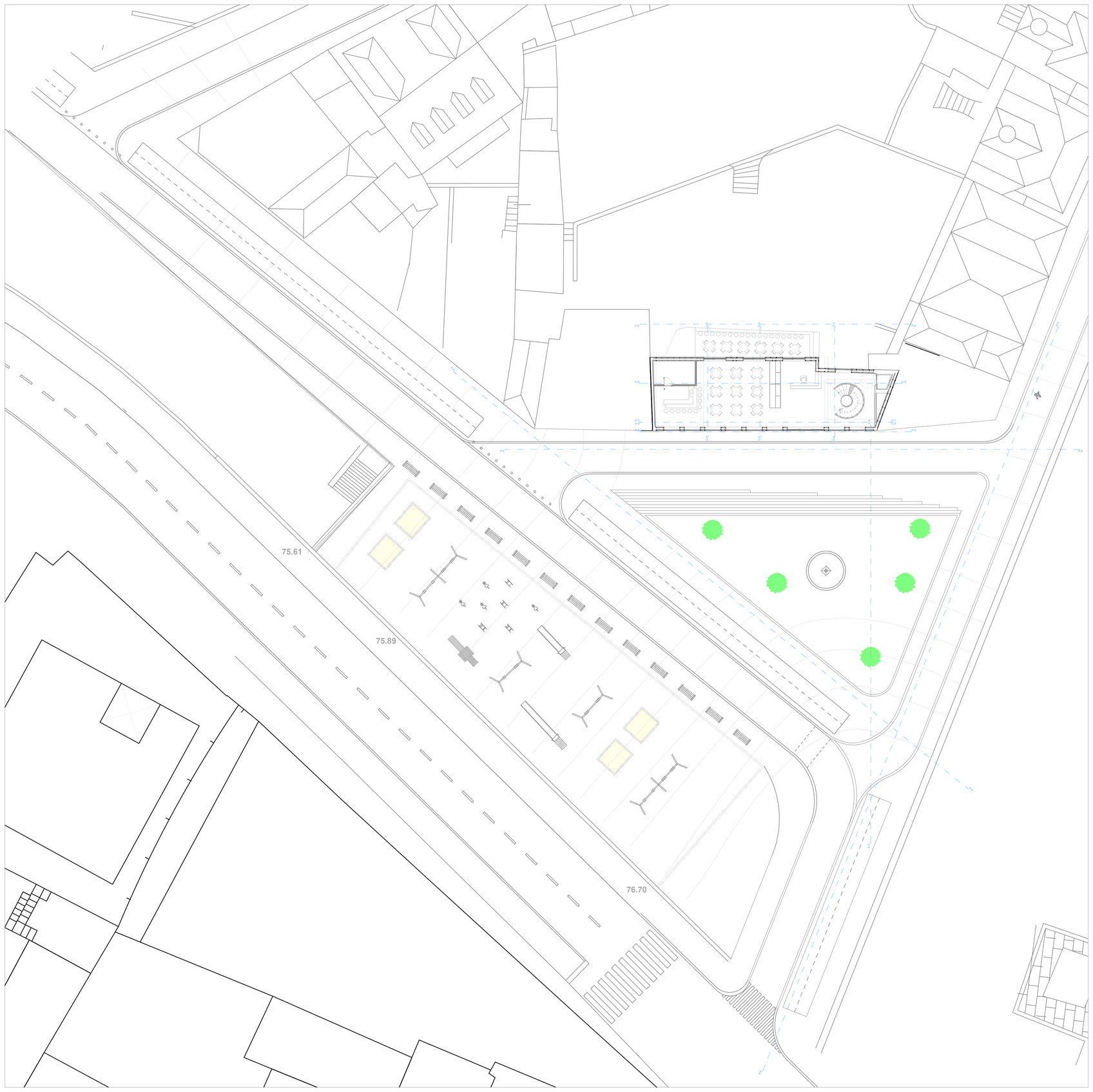
Vasconcelos, D. (2008). *A praça do Marquês do Pombal na cidade do Porto: das origens até á construção da igrejas da Senhora da Conceição.* Porto: FAUP Publicações.

Vaz, R. (2014). *Os Espaços Públicos como lugares de Apropriação Informal - Casos de Estudo no Porto.* Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

Índice de Anexos

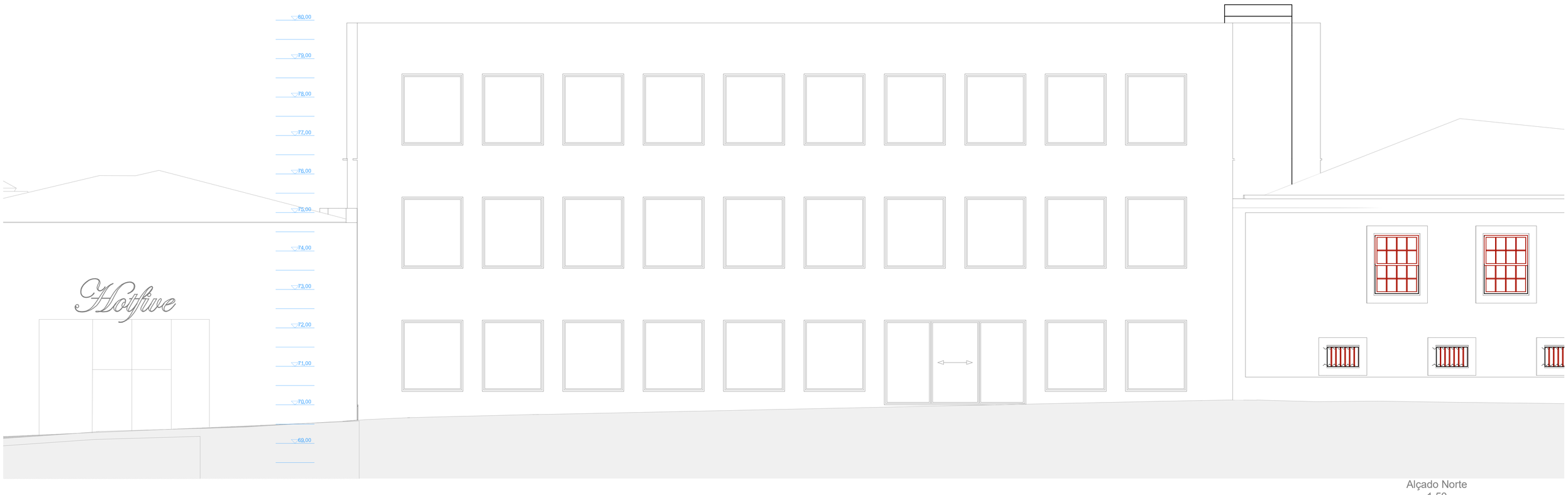
Anexo 1 - Planta de Implantação 1.200 e Fachadas 1.50 01
Anexo 2 - Plantas de Estrutura 1.100 02
Anexo 3 - Plantas Gerais 1.50 03
Anexo 4 - Cortes Gerais 1.50 04
Anexo 5 - Planta e Cortes de Pormenor do Quarto 1.15 05
Anexo 6 - Plantas e Cortes de Pormenor da Escada 1.20 06
Anexo 7 - Corte Construtivo pela Fachada Norte 1.20 07
Anexo 8 - Detalhe Construtivo de Vãos, Portas e Janelas 1.2 08
Anexo 9 - Planta de Implantação da Praça 1.100 09
Anexo 10 - Cortes e Perfis da Praça 1.100 10
Anexo 11 - Detalhes Construtivos da Praça 1.10 11

Anexos



N

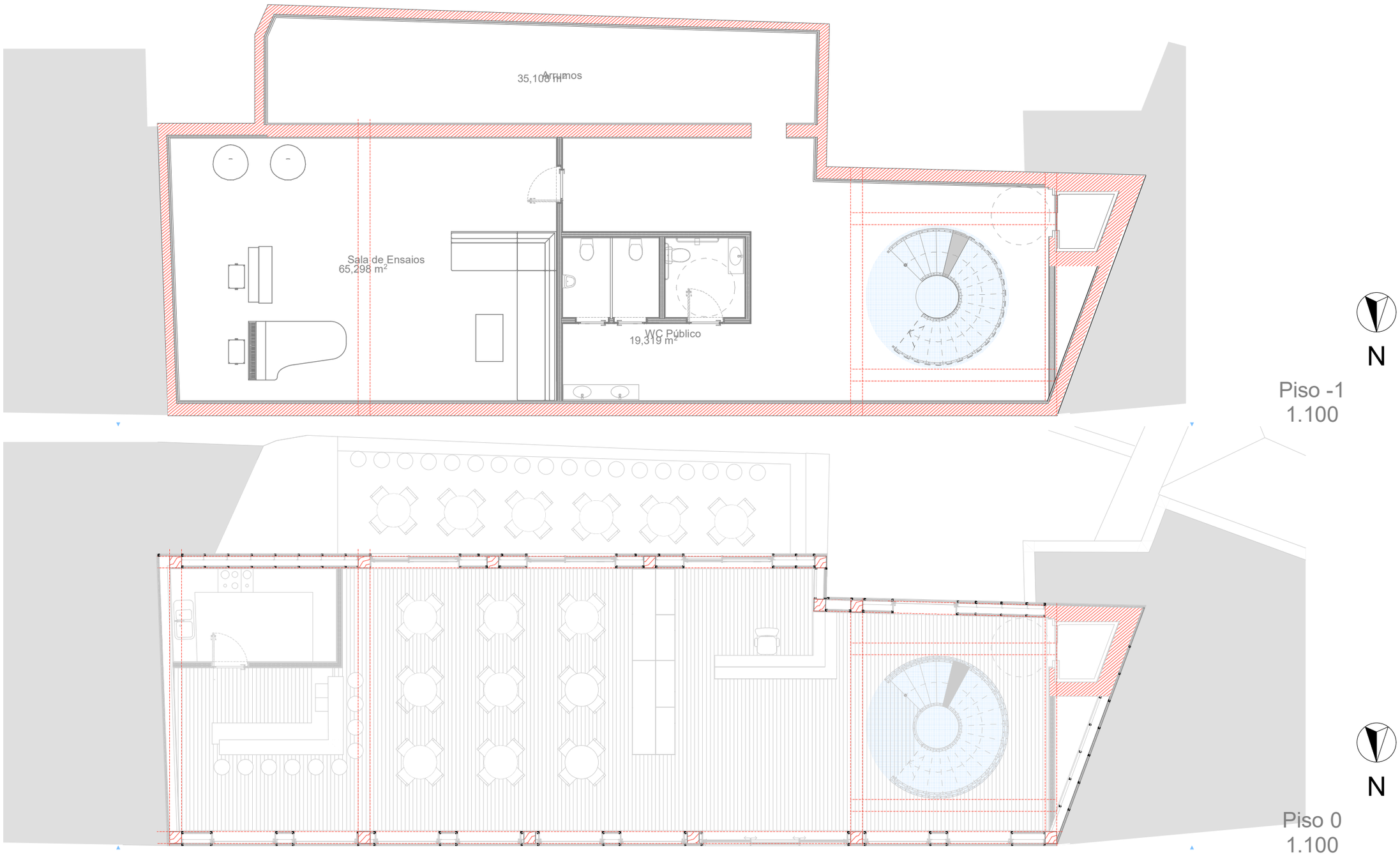
Piso de Implantação
1.200



Alçado Norte
1.50



Alçado Sul
1.50



Piso -1
1.100

N

Piso 0
1.100

N

Piso 1
1.100

N

Piso 2
1.100

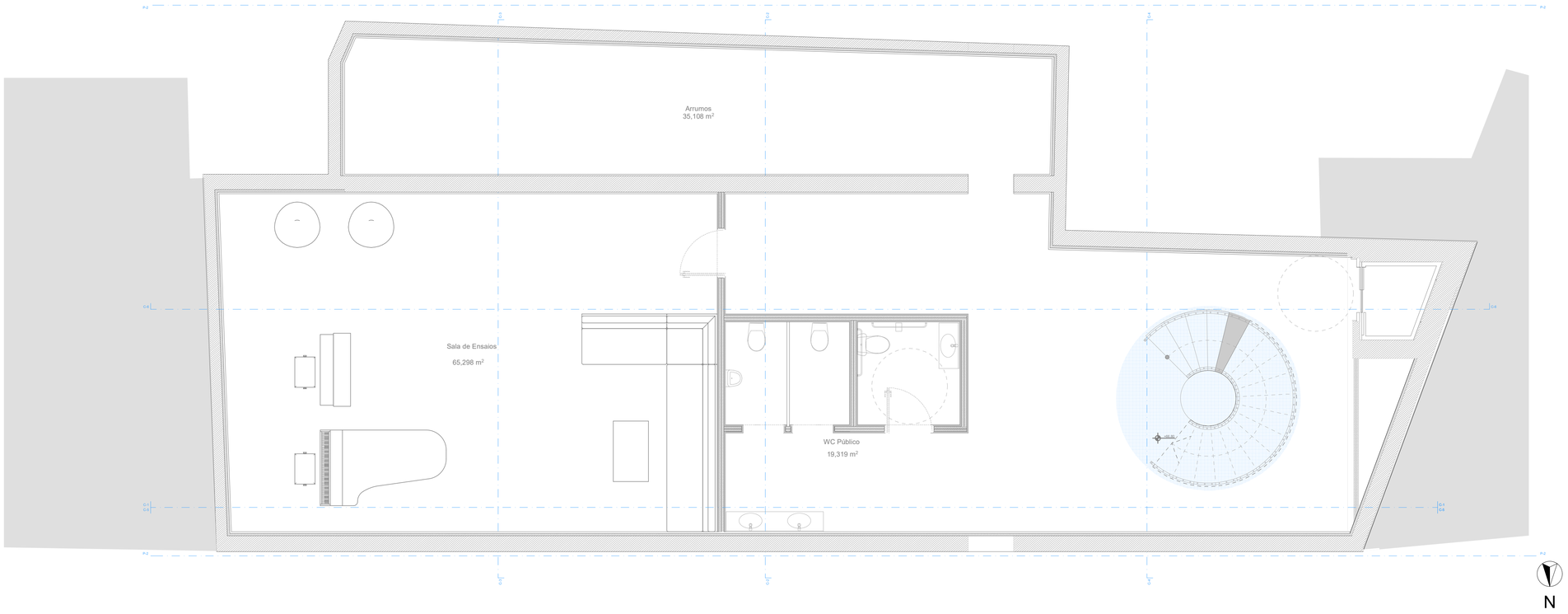
N

Planta de Cobertura
1.100

Projeto 5.2
5º Ano
2º Semestre

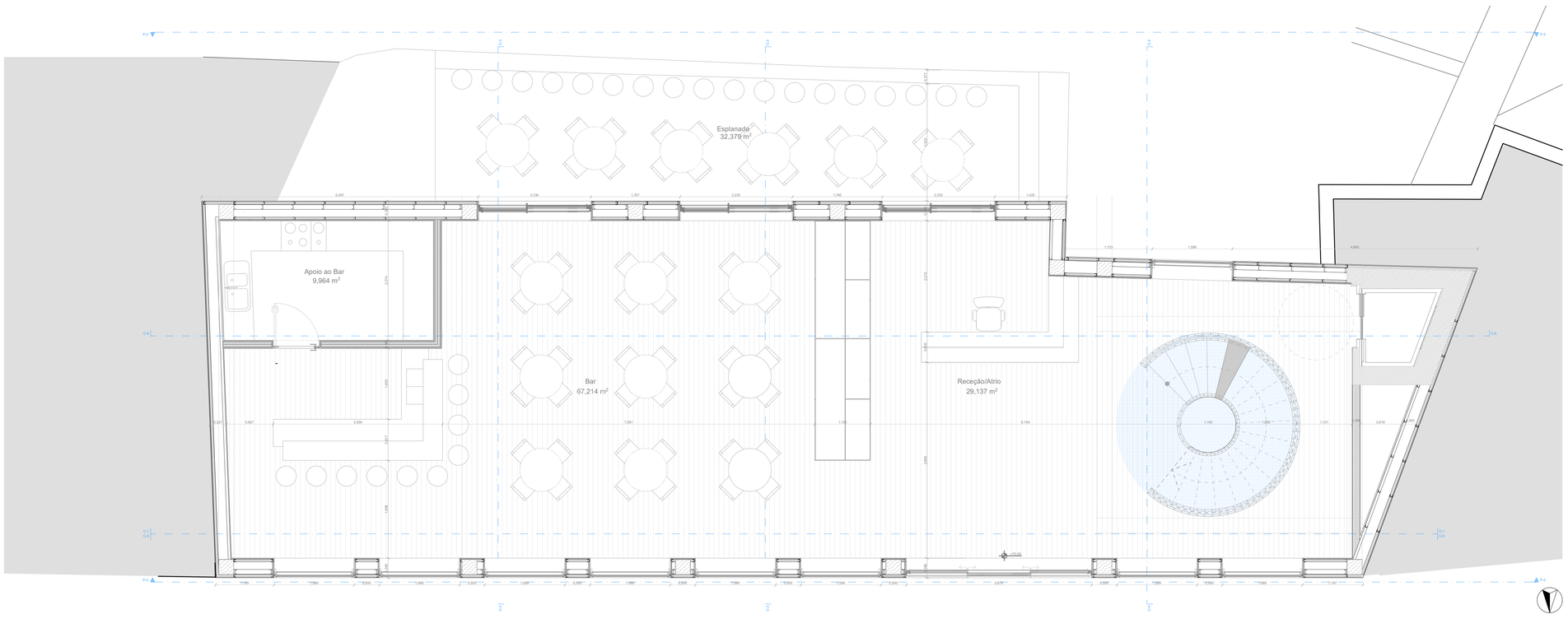
Projeto
Casa do Jazz Largo Ator Dias
Elisabete Moreira

Universidade Lusófona do Porto
Mestrado Integrado em Arquitetura
2019/2020



N

Piso -1
1.50



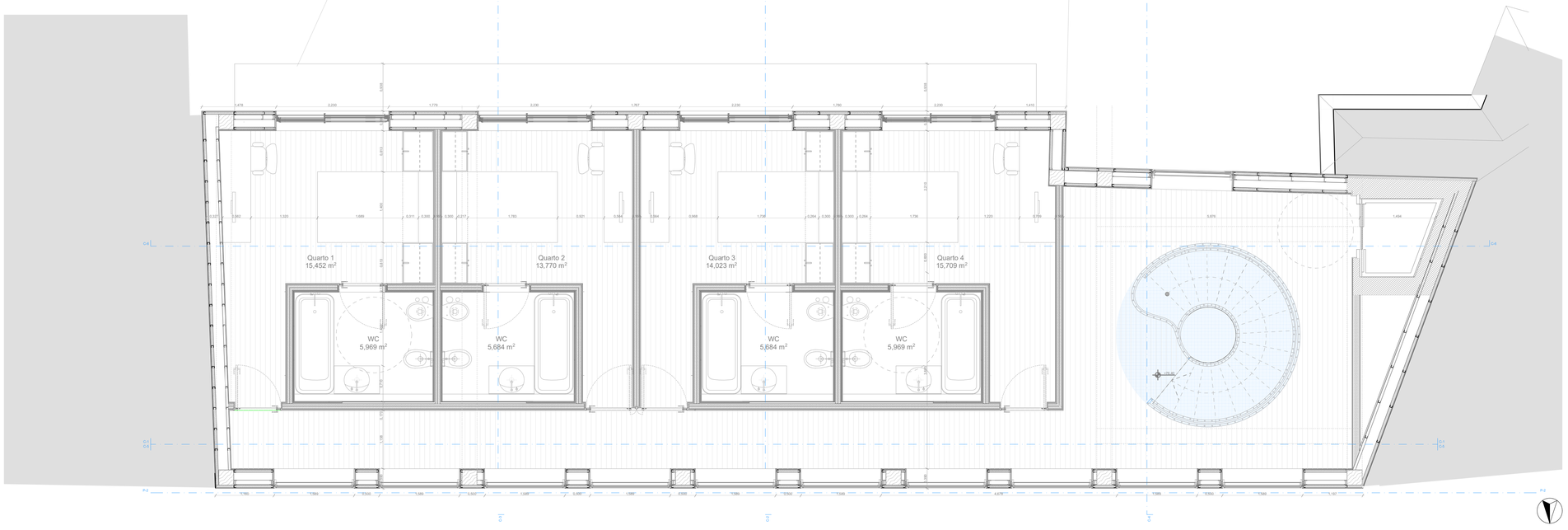
N

Piso 0
1.50



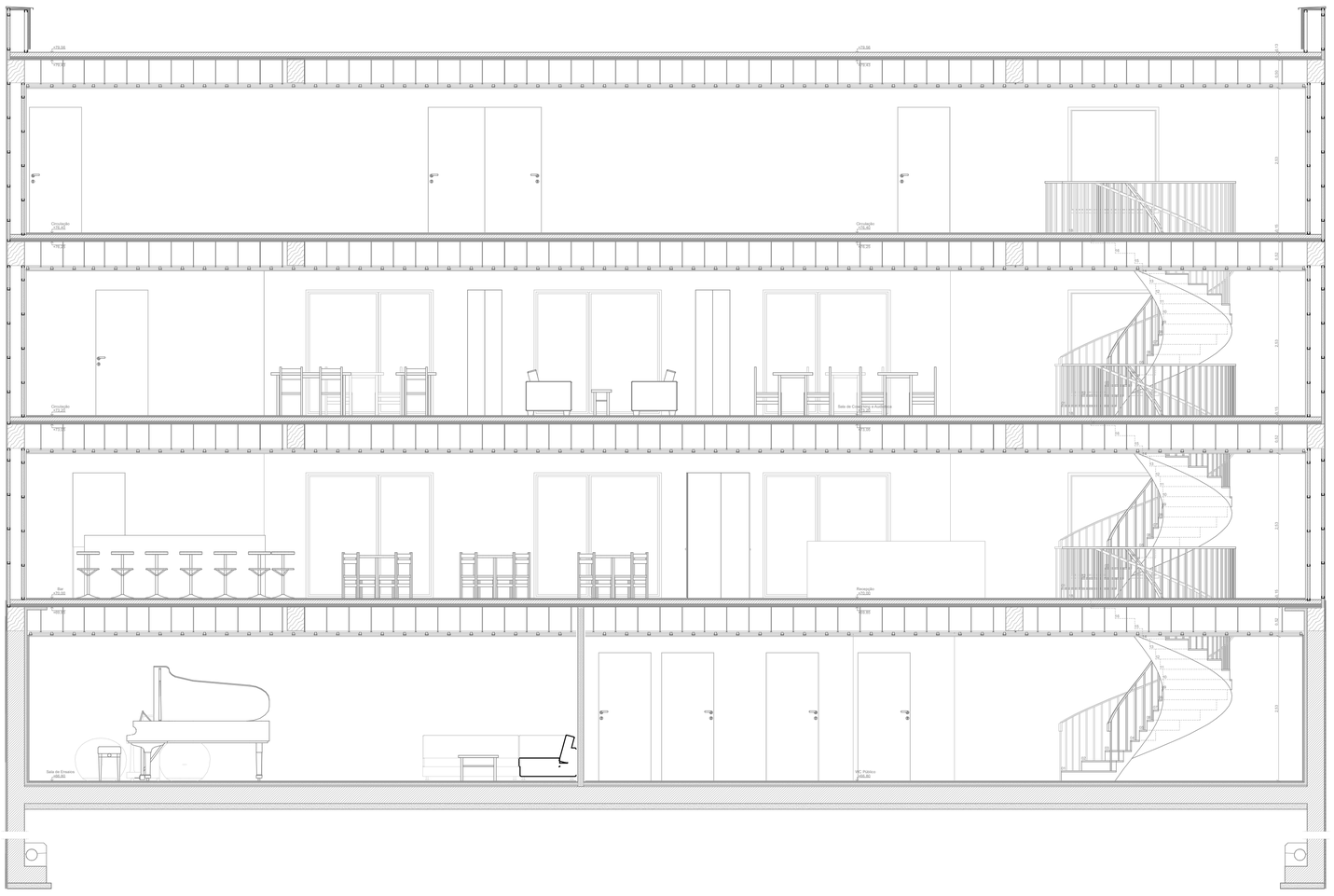
N

Piso 1
1.50

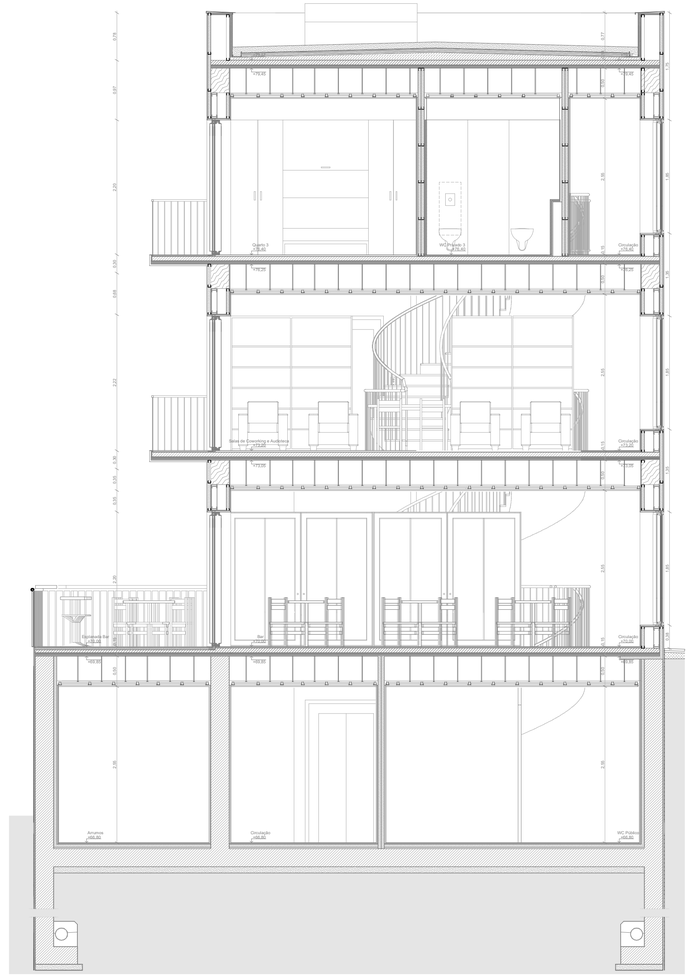


N

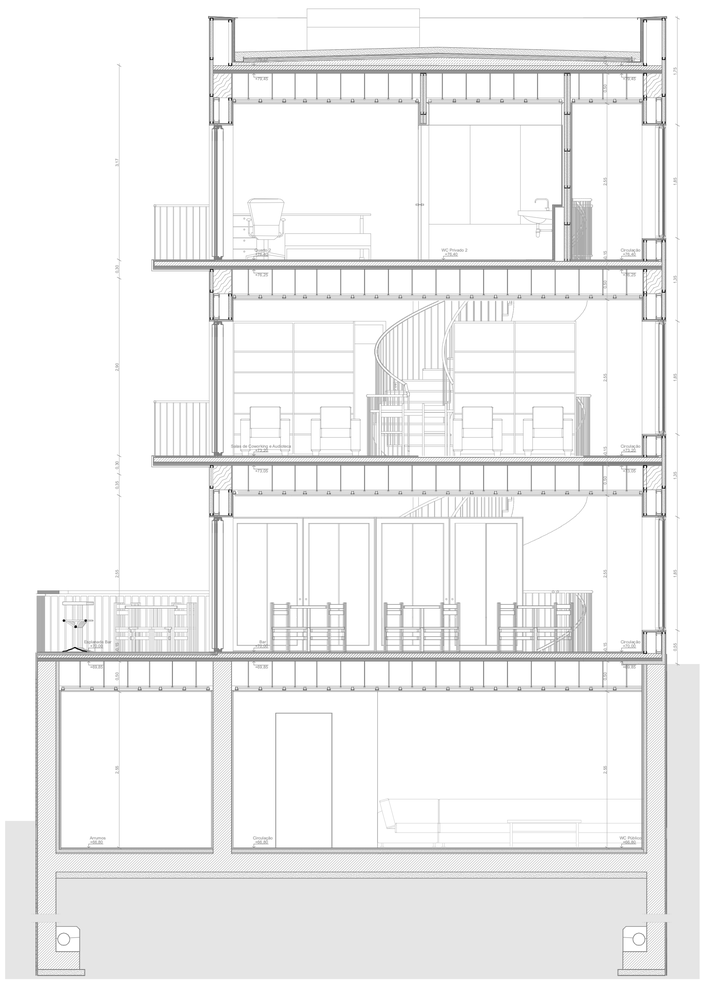
Piso 2
1.50



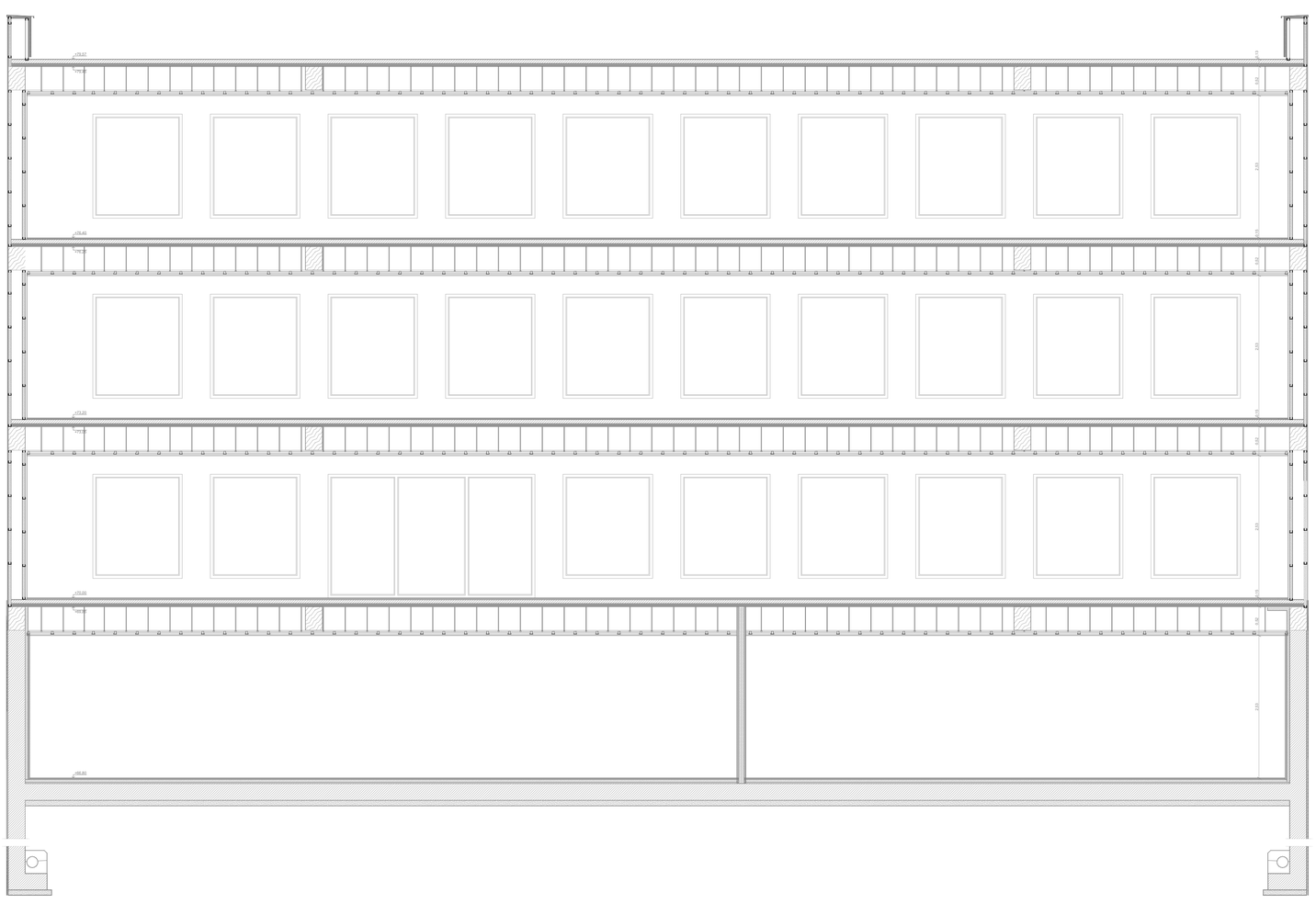
Corte 1
1.50



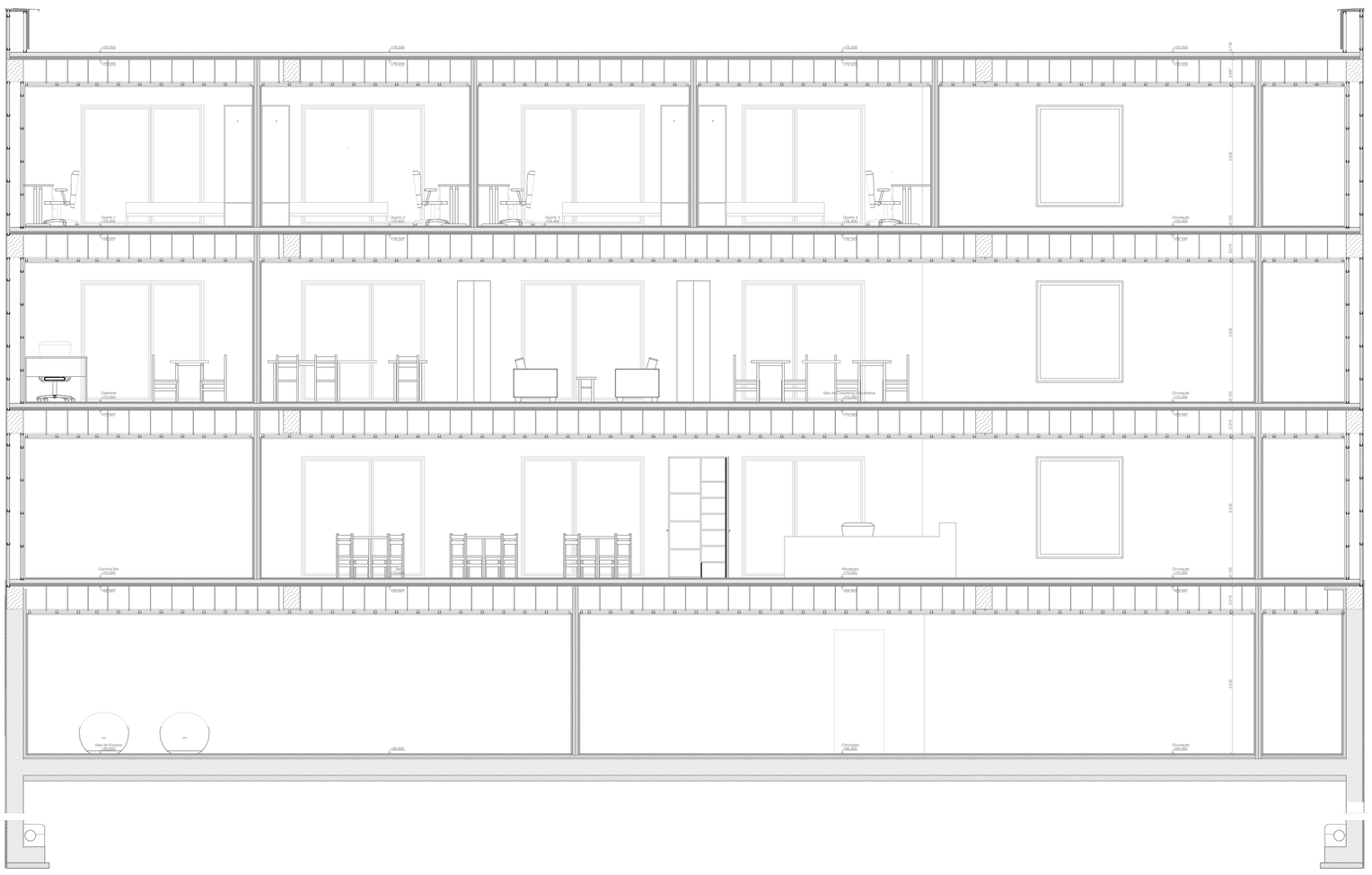
Corte 2
1.50



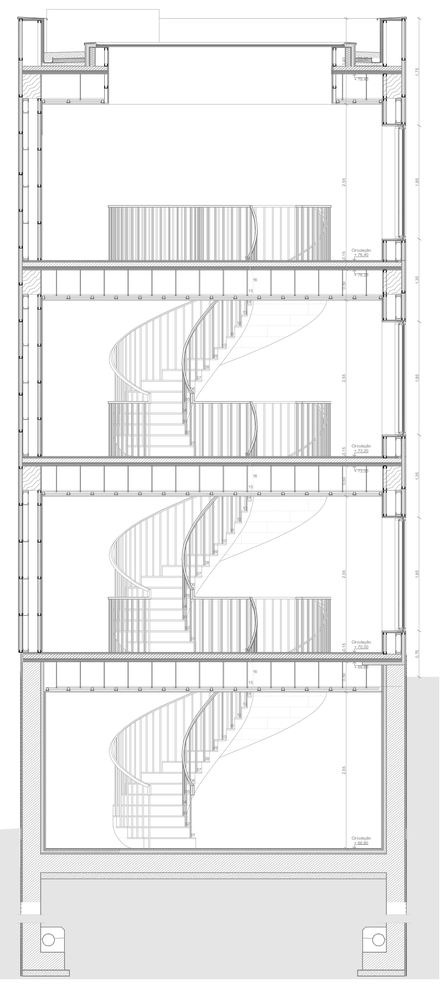
Corte 3
1.50



Corte 5
1.50



Corte 6
1.50

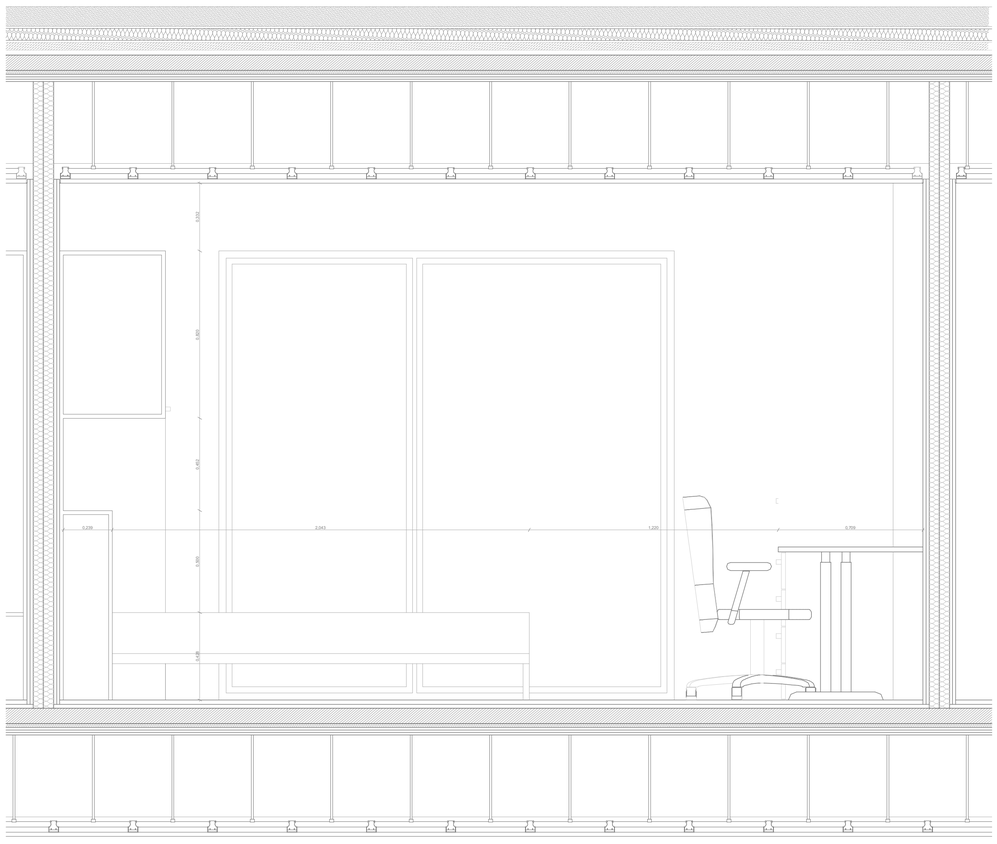


Corte 4
1.50

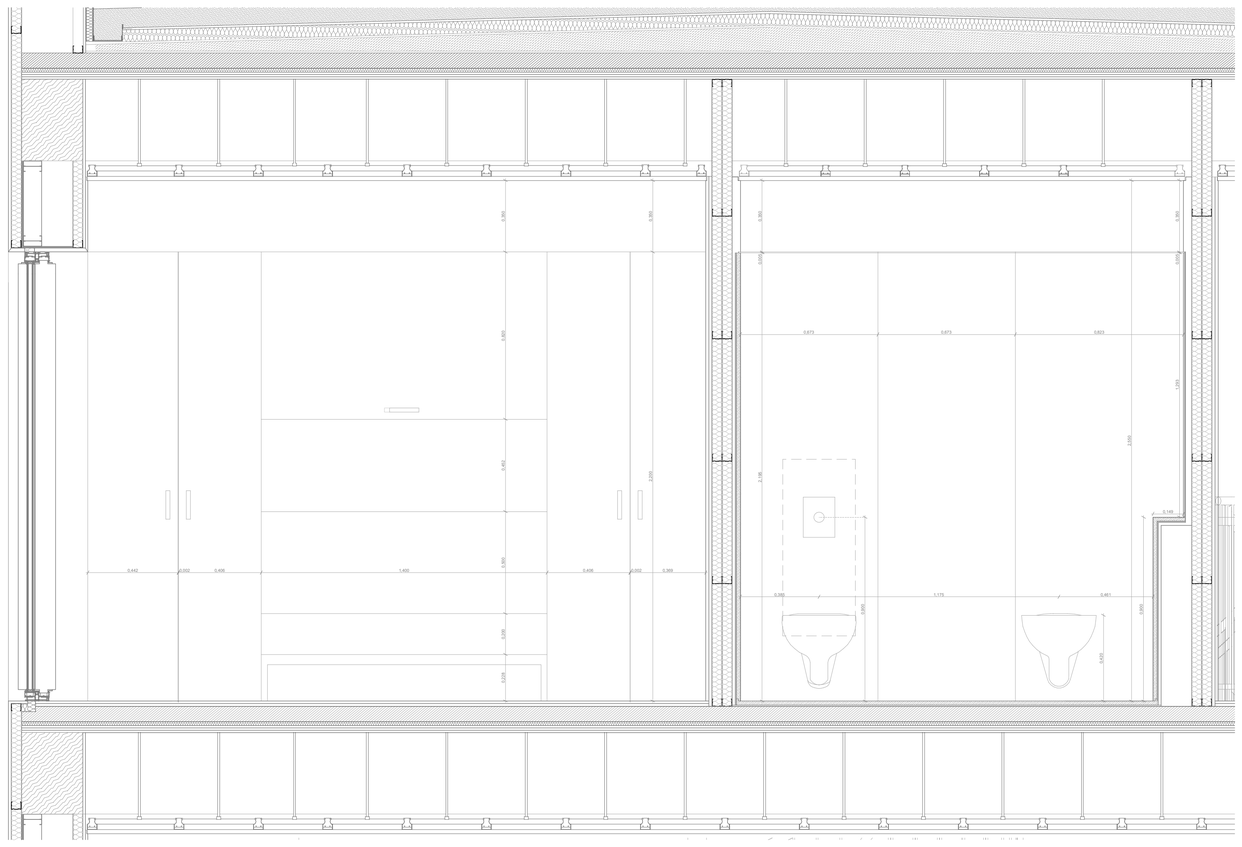
Projeto 5.2
5º Ano
2º Semestre

Projeto
Casa do Jazz Largo Ator Dias
Elisabete Moreira

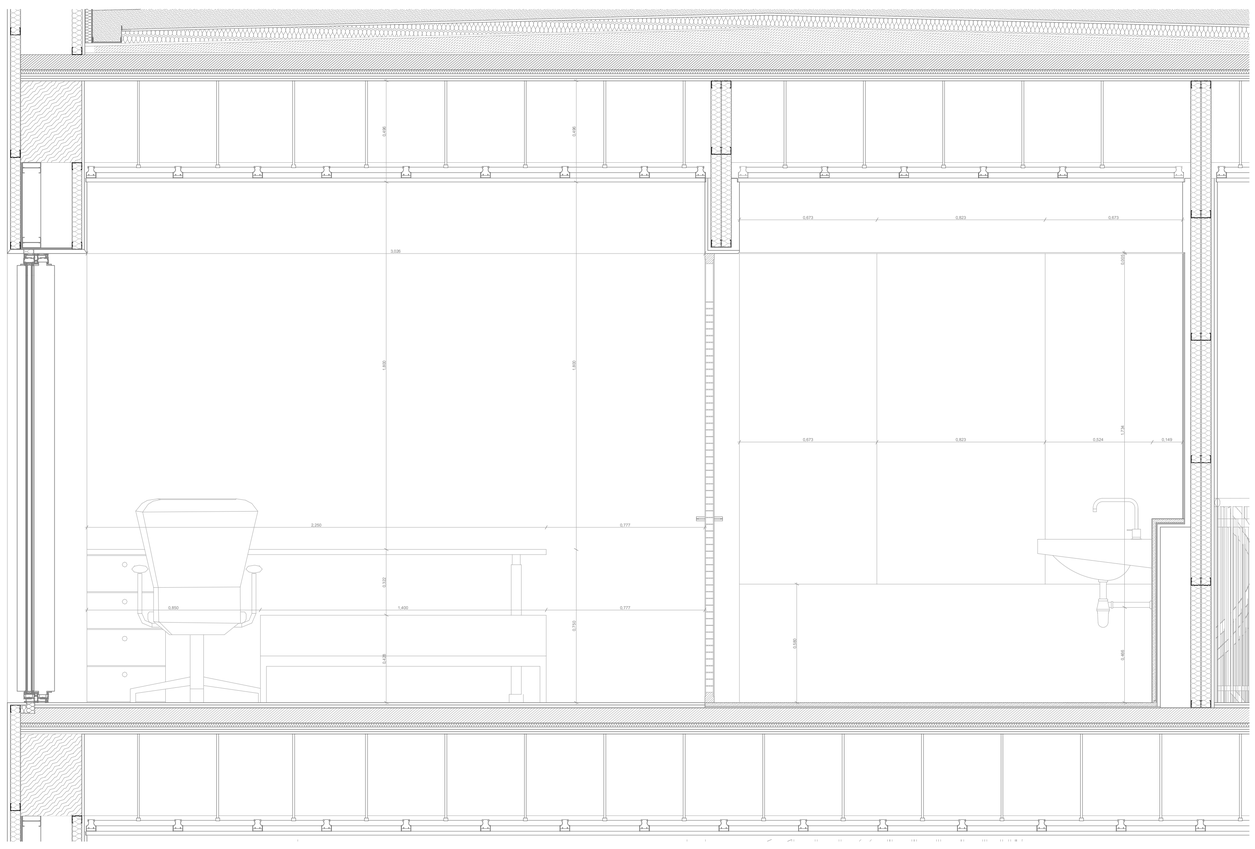
Universidade Lusófona do Porto
Mestrado Integrado em Arquitetura
2019/2020



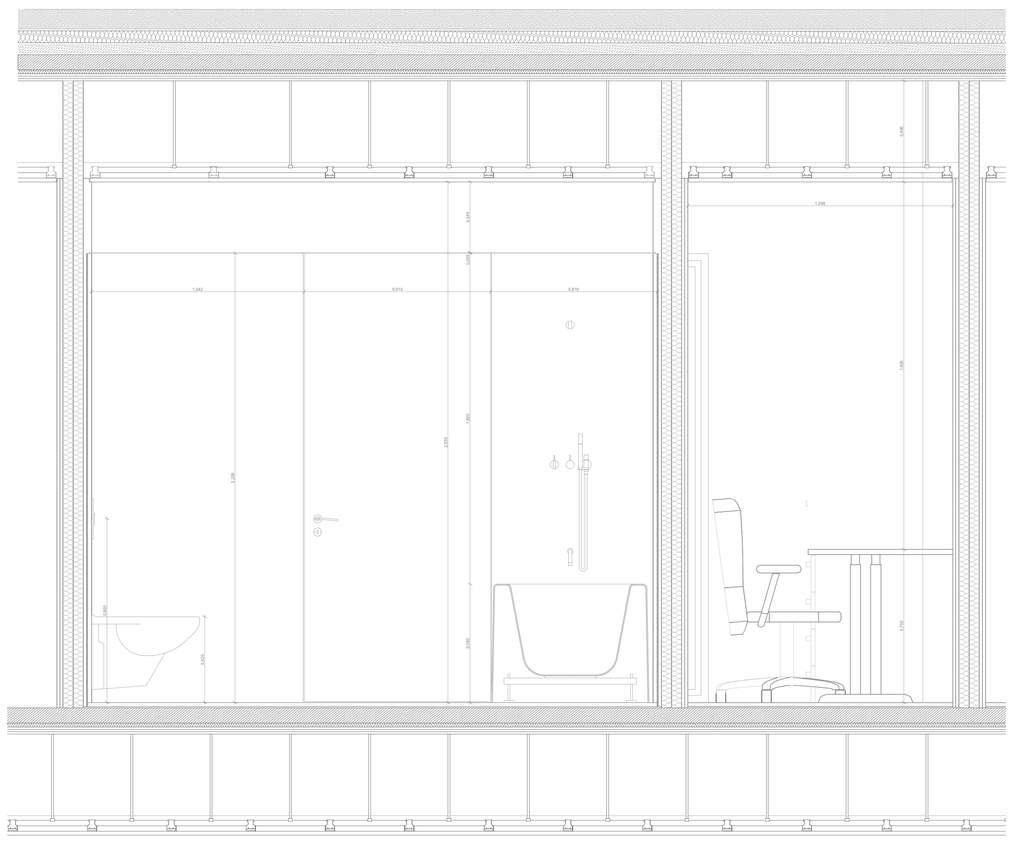
Corte A
1.15



Corte B
1.15



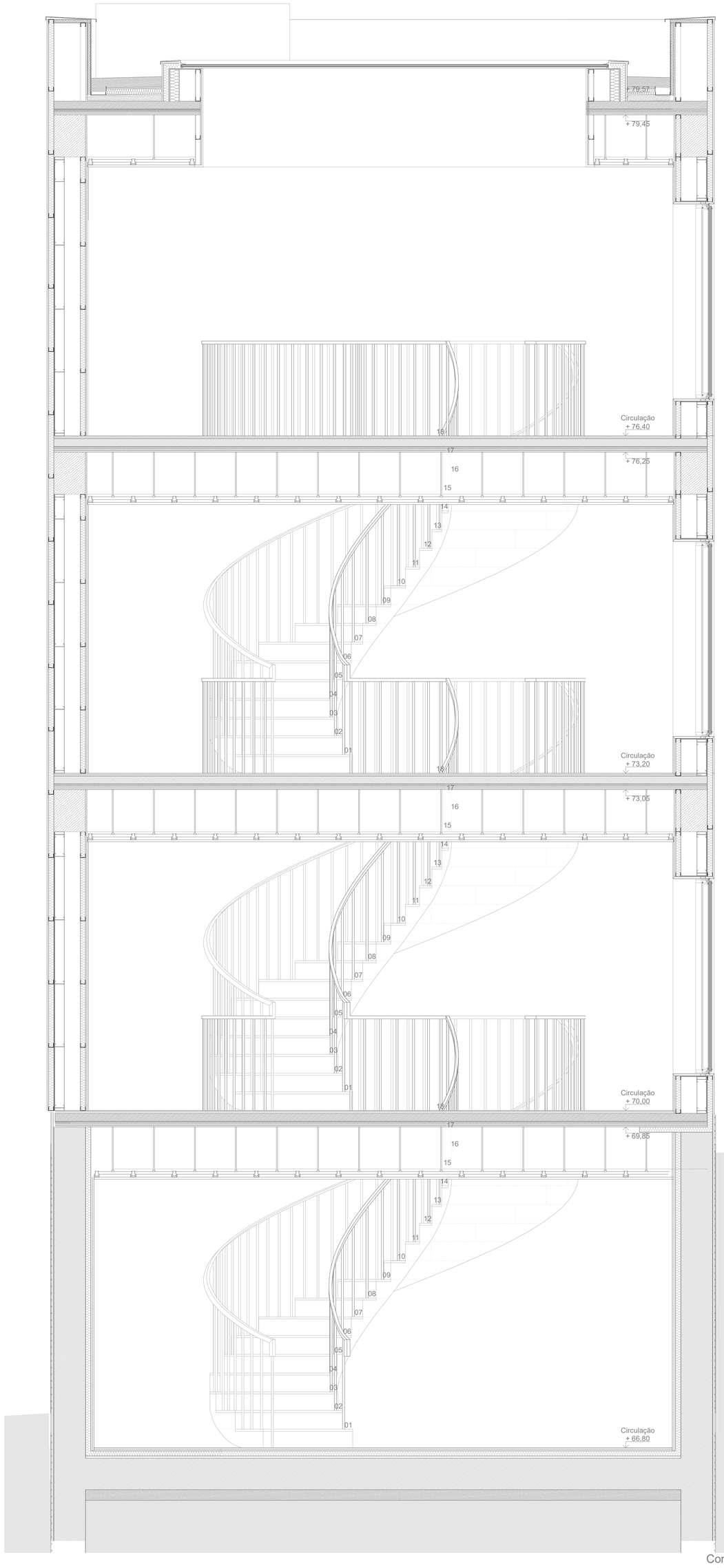
Corte C
1.15



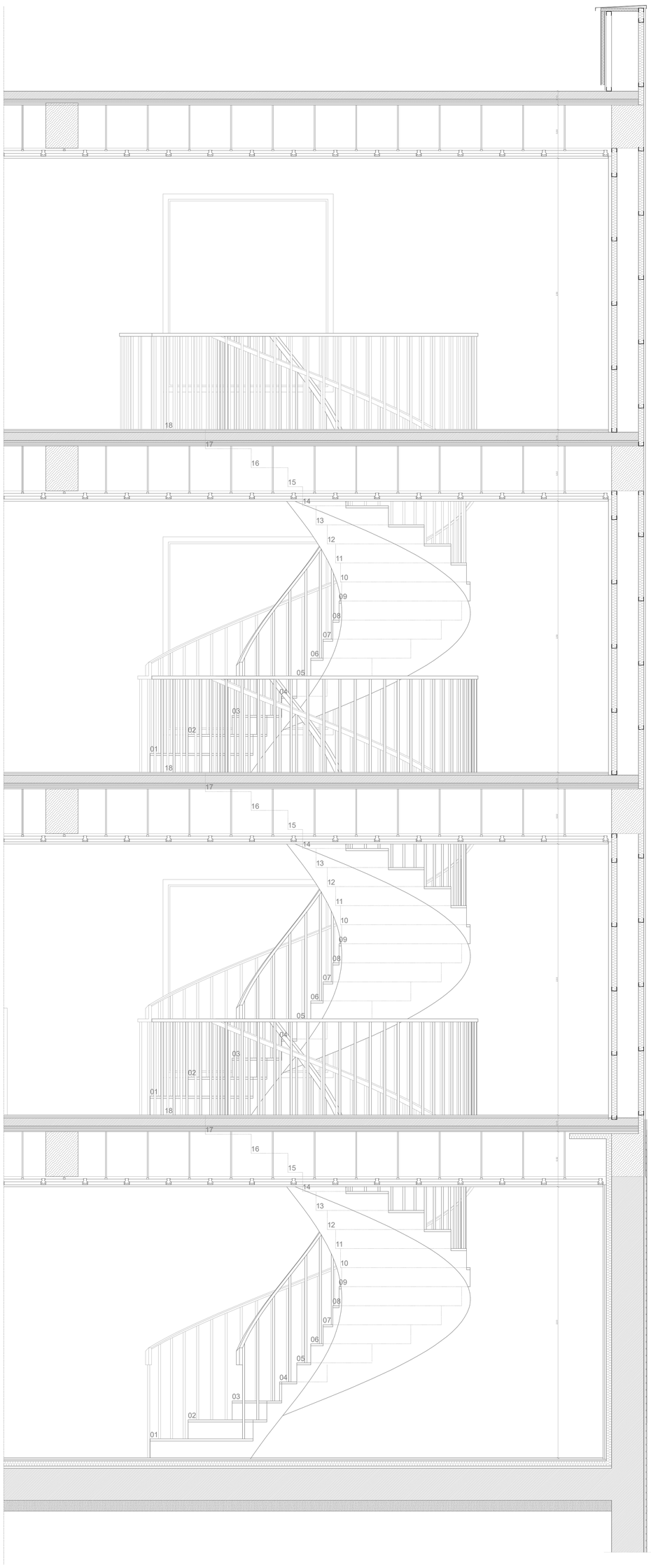
Corte D
1.15



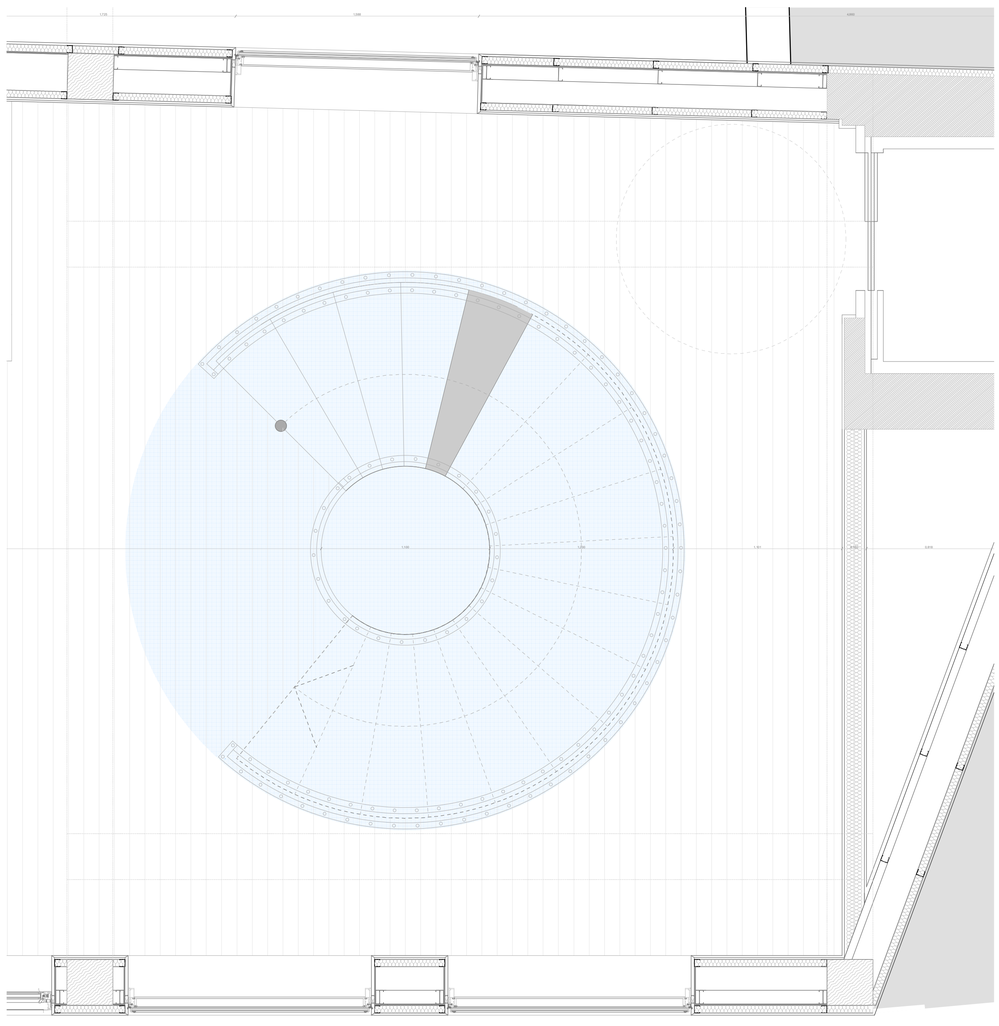
Planta Quarto 4
Piso 2
1.15



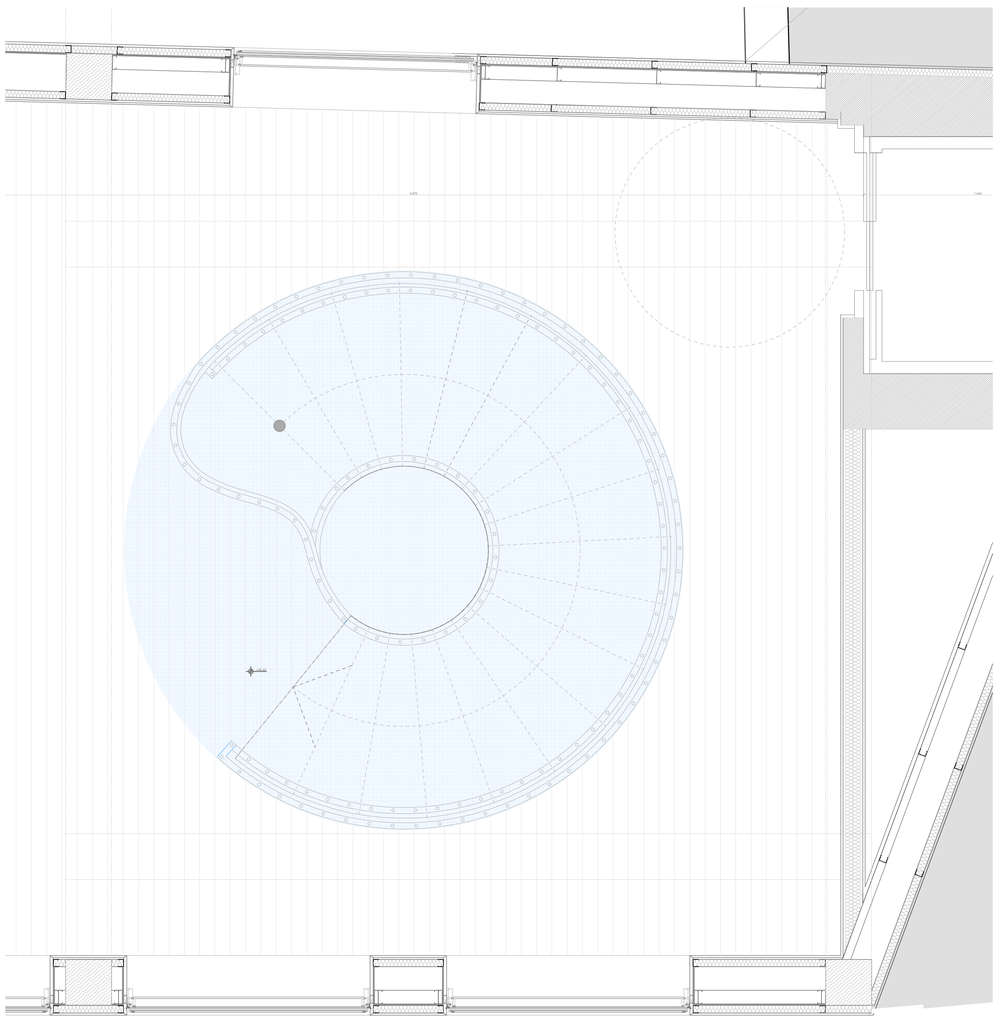
Corte 4
1.20



Corte 1
1.20



Planta Piso 0/1
1.20



Planta Piso 2
1.20

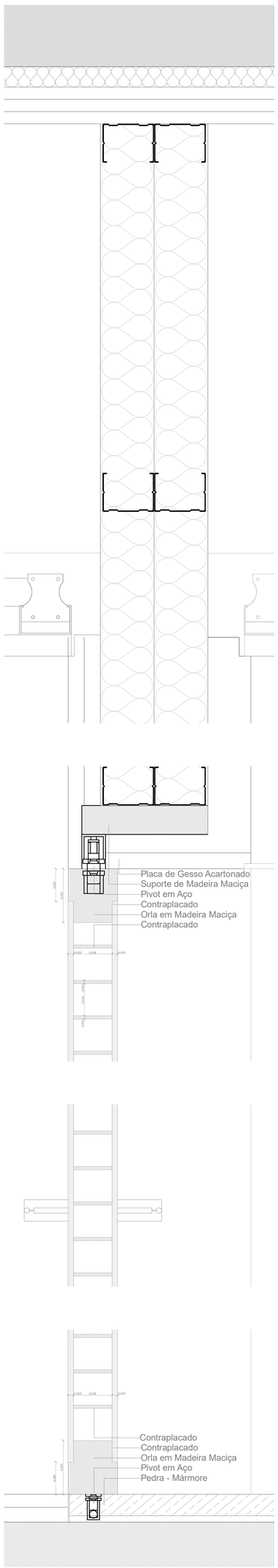


Parcela de Fachada Norte
1.20

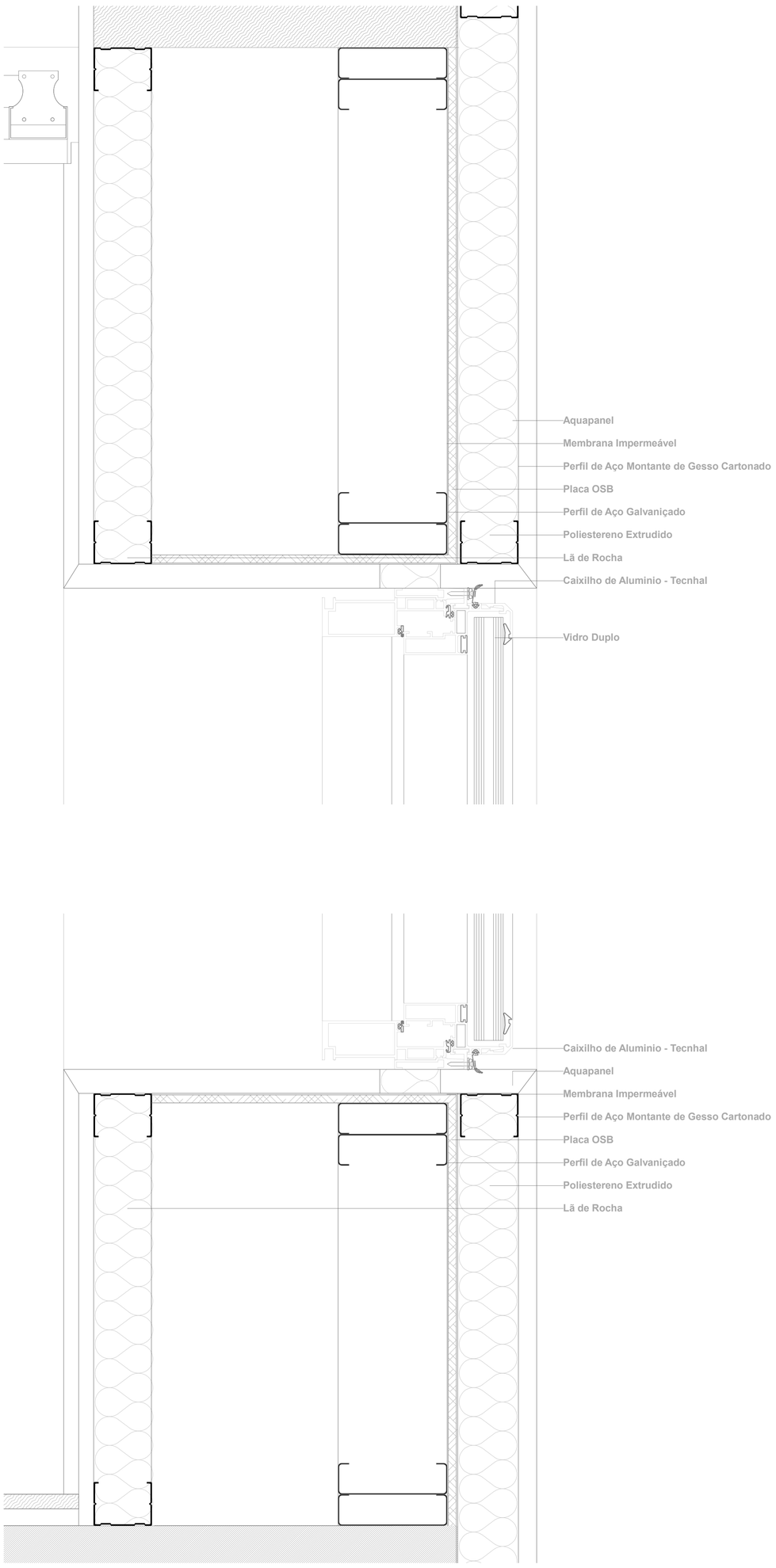
Planta Construtiva
Piso 0
1.20

Planta Construtiva
Piso 1/2
1.20

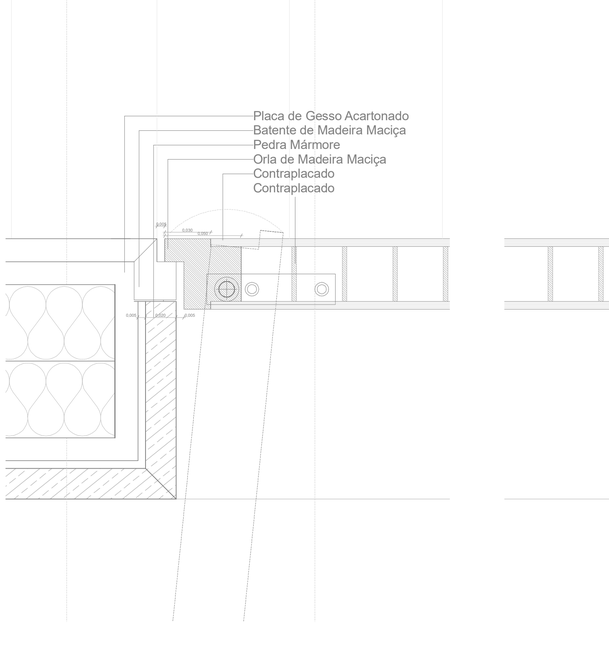
Corte Construtivo
1.20

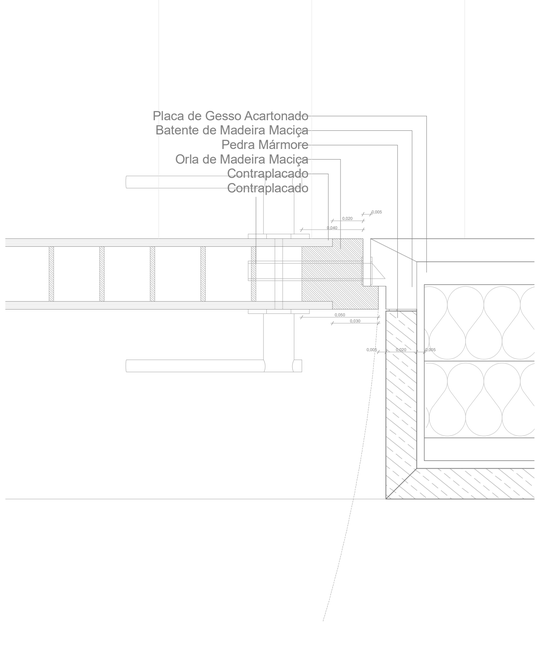


Corte Vão de Porta
1.2

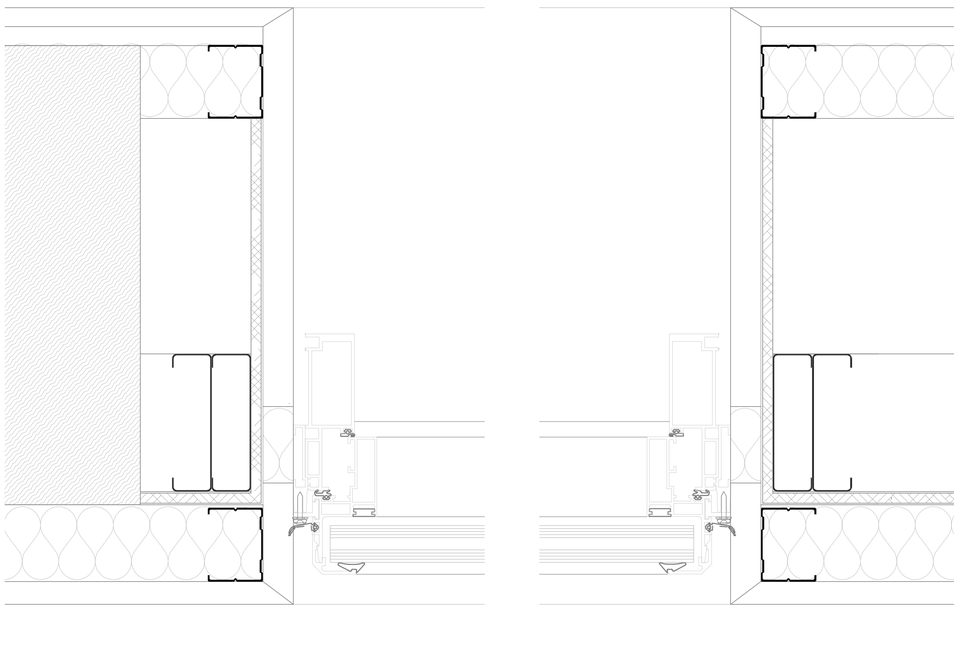


Corte Vão de Janela
1.2

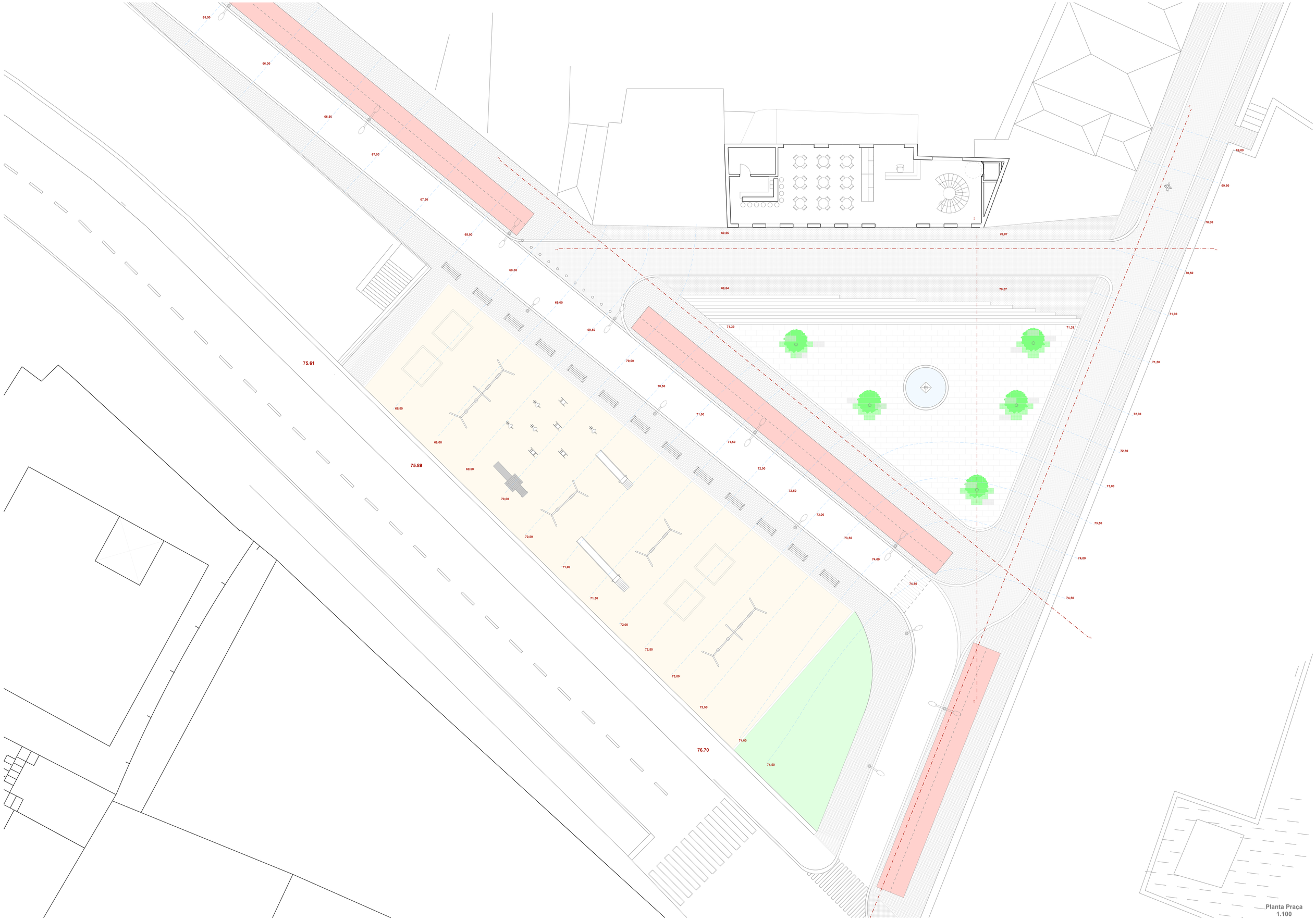




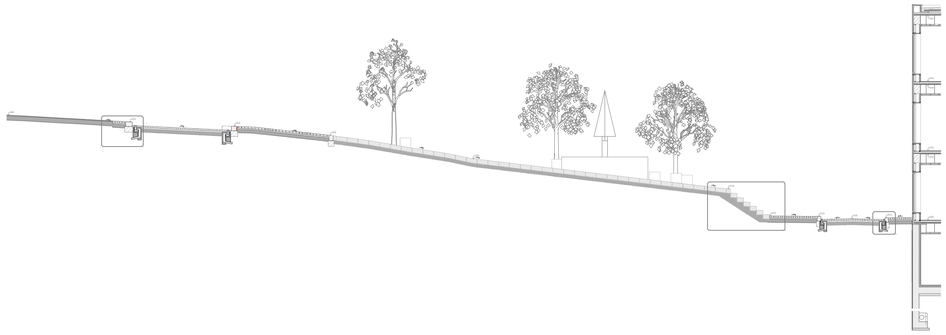
Planta de Vão de Porta
1.2



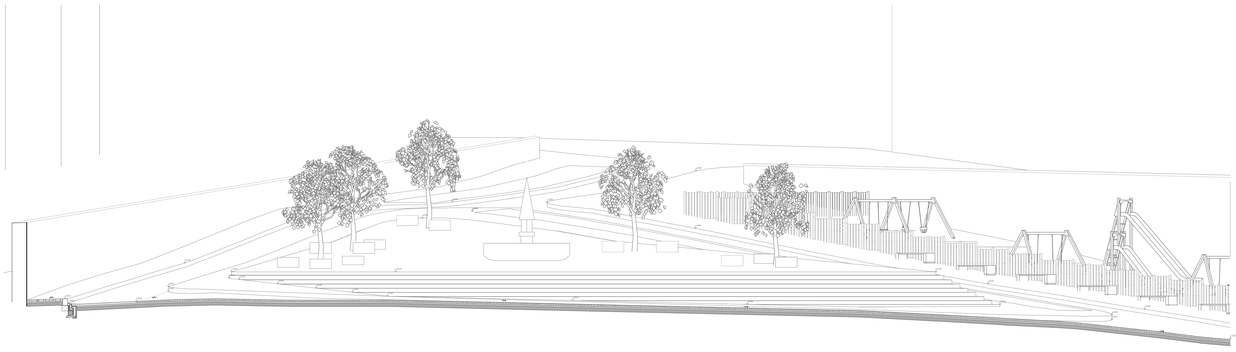
Planta de Vão de Janela
1.2



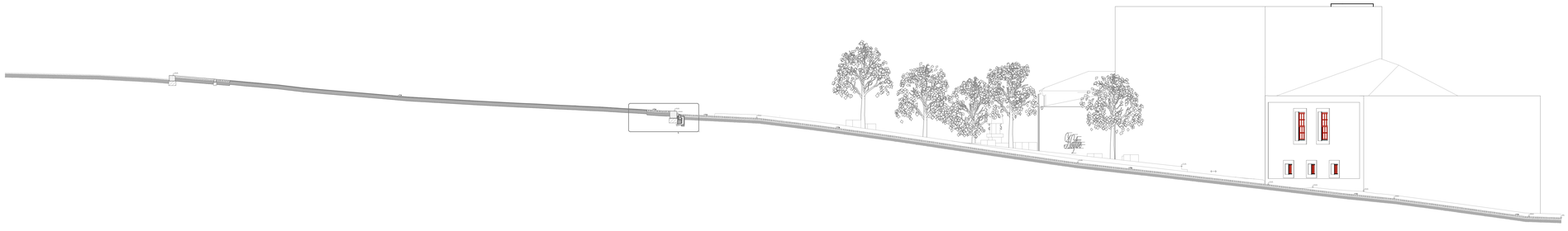
Planta Praça
1.100



Perfil 3
1.100



Perfil 4
1.100



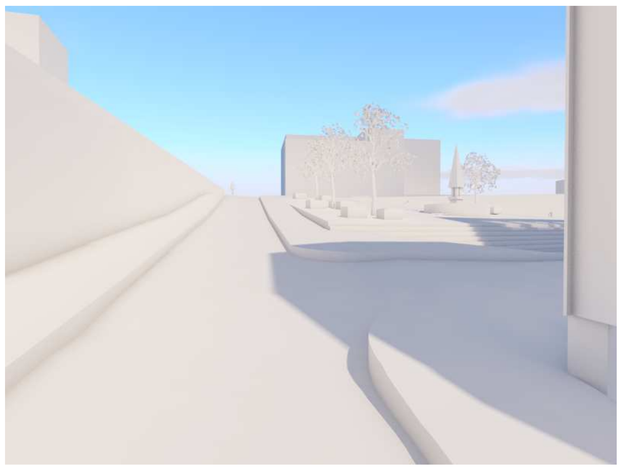
Perfil 5
1.100



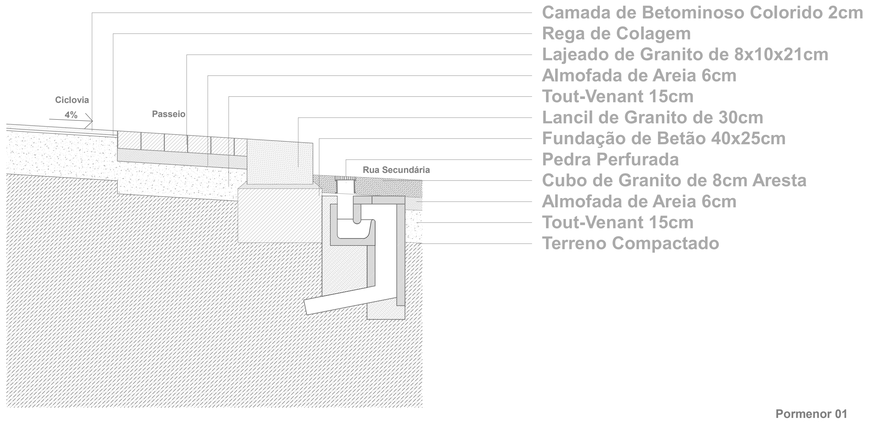
Perfil 6
1.100





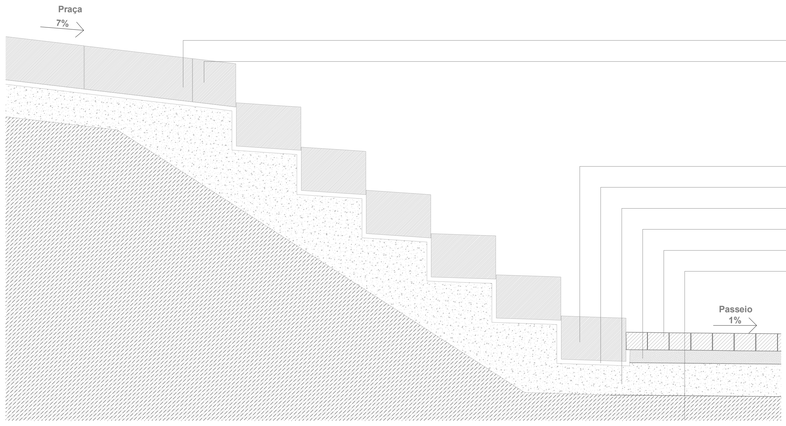






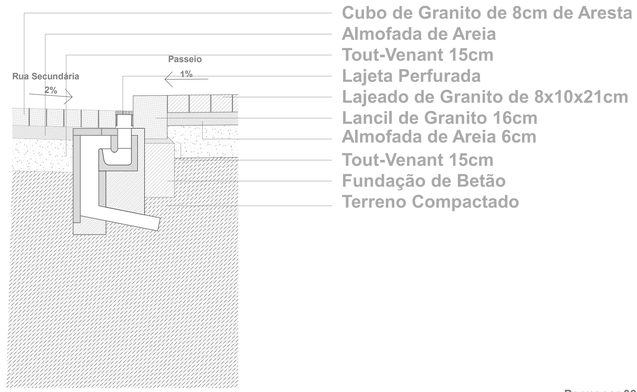
Camada de Betominoso Colorido 2cm
Rega de Colagem
Lajeado de Granito de 8x10x21cm
Almofada de Areia 6cm
Tout-Venant 15cm
Lancil de Granito de 30cm
Fundação de Betão 40x25cm
Pedra Perfurada
Cubo de Granito de 8cm Aresta
Almofada de Areia 6cm
Tout-Venant 15cm
Terreno Compactado

Pormenor 01
1.10



Lajeado de Granito 20x50x100cm
Lancil de Granito de 20cm
Lajeado de Granito 30x20cm
Almofada de Areia com Cimento 2cm
Tout-Venant 15cm
Almofada de Areia 6cm
Lajeado de Granito de 8x10x21cm
Terreno Compactado

Pormenor 02
1.10



Cubo de Granito de 8cm de Aresta
Almofada de Areia
Tout-Venant 15cm
Lajeta Perfurada
Lajeado de Granito de 8x10x21cm
Lancil de Granito 16cm
Almofada de Areia 6cm
Tout-Venant 15cm
Fundação de Betão
Terreno Compactado

Pormenor 03
1.10

Camada de Betominoso Colorido 2cm
Rega de Colagem
Cubo de Granito de 8cm de Aresta
Almofada de Areia
Tout-Venant 15cm
Lancil de Granito 40cm
Fundação de Betão
Lajeta Perfurada
Lajeado de Granito de 8x10x21cm
Almofada de Areia 6cm
Tout-Venant 15cm
Terreno Compactado

Pormenor 04
1.10

